

ORGANIZADORAS:
DILMEIRE SANT'ANNA RAMOS VOSGERAU
INGLYDE JEANE DA SILVA VIEIRA
VIVIAN MARIA KORB

ENSINAR E APRENDER
COM
ESTUDOS
DE CASO

PREFÁCIO POR ANNIE PRUD'HOMME-GÉNÉREUX



CIDES
Grupo de Pesquisa Identidade e Transição Docente no Ensino Superior

**editora
unoesc**

© 2025 Editora Unoesc

Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc

É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a permissão expressa da editora.

Fone: (49) 3551-2065 - www.unoesc.edu.br/editora - editora@unoesc.edu.br

Editora Unoesc

Coordenação
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão metodológica: Donovan Filipe Massarollo
Capa: Saimon Vasconcellos Guedes
Diagramação: Simone Dal Moro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

E59	Ensinar e aprender com estudos de caso / Organizadoras Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Ingyde Jeane da Silva Vieira, Vivian Maria Korb. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2025. 258 p. : il. ; 23 cm
	ISBN e-book: 978-85-8422-256-8 Inclui bibliografias
	1. Educação. 2. Ensino superior. 3. Prática de ensino. I. Vosgerau, Dilmeire Sant'Anna Ramos, (org.). II. Vieira, Ingyde Jeane da Silva, (org.) III. Korb, Vivian Maria, (org.).
	CDD 370

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor
Ricardo Antonio De Marco

Vice-reitores de Campi
Campus de Chapecó
Carlos Eduardo Carvalho
Campus de São Miguel do Oeste
Vitor Carlos D'Agostini
Campus de Videira
Carla Fabiana Cazella
Campus de Xanxerê
Genesio Téio

Pró-reitora de Ensino
Jaciney Aparecida Danielli

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-
Graduação, Extensão e Inovação
Kurt Schneider

Diretor Executivo
Jarlei Sartori

Conselho Editorial

Kurt Schneider
Tiago de Matia
Aline Pertile Remor
Marcos Cordeiro Freitas
Juliano Spuldaro
Ieda Margarette Oro
Robison Tramontina

Thais Janaina Wenczenovicz
Simone Silveira
Maurício Vicente Alves
Rodrigo Geremias
Marconi Januário
Marilda Pasqual Schneider
Camila Rostirola

Apoio:

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

UM LIVRO CONSTRUÍDO COLABORATIVAMENTE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR	5
Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Inglyde Jeane da Silva Vieira, Vivian Maria Korb	

PREFÁCIO

O CASO PARA ESTUDOS DE CASO: APRENDENDO SOBRE EDUCAÇÃO BASEADA EM ESTUDO DE CASO ESCRIVENDO CASOS	11
Annie Prud'homme-Généreux	

CAPÍTULO I

PASSO A PASSO PARA ESTUDANTES: ESCRIVENDO ESTUDOS DE CASO (E FERRAMENTAS PARA AUTORES DE CASOS NOVATOS).....	30
Annie Prud'homme-Généreux	

CAPÍTULO II

APRENDER E ENSINAR COM ESTUDOS DE CASO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO SUPERIOR.....	55
Vivian Maria Korb, Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Inglyde Jeane da Silva Vieira	

CAPÍTULO III

UM MODELO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESTUDO DE CASO	67
Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO IV

O EMPRÉSTIMO DO CORAÇÃO DO IMPERADOR: UM ESTUDO DE CASO	78
Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO V

UMA PICADINHA DE ESPERANÇA, A VACINA CONTRA A COVID-19: UM ESTUDO DE CASO	91
Caroline Carmona Marques Gonçalves, Nicole Rogalsky	

CAPÍTULO VI

VIXI! ACABOU A ÁGUA: UM ESTUDO DE CASO	106
Amanda Leifeld, Giovana Coval Hoogevoonink, Julia da Rocha Zocatelli Capuano, Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO VII

DO LIXO À HARMONIA: UM ESTUDO DE CASO	124
Anderson Gomes de Gois, Andressa Gomes de Gois, Roque Corrêa Júnior	

CAPÍTULO VIII

O CONTÁGIO PELA DESINFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO	143
João Pedro do Prado Nascimento, Maria Fernanda Moretti Schneider	

CAPÍTULO IX

A LÍNGUA INGLESA PARA TODOS: UM ESTUDO DE CASO	154
Ana Beatriz Wolff Bueno, Anna Gabrielly de Souza Leite, Caroline Carmona Marques Gonçalves, Gabriela Mader de França, Júlia Fernandez Lui	

CAPÍTULO X

RACISMO NÃO CABE MAIS NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO	161
Cecília de Moraes Duarte, Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO XI

VACINAS E DESINFORMAÇÃO NA REVOLTA DA VACINA E NA PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO	172
Nicolý Luiza dos Santos Vitto, Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO XII

SERIA O “PORTUGUÊS BRASILEIRO” NOSSA NOVA LÍNGUA OFICIAL?: UM ESTUDO DE CASO	187
Camille Zocolotte Granzotti, Mariana Regina Chaurais, Ingyde Jeane da Silva Vieira	

CAPÍTULO XIII

“A BAILARINA DE AUSCHWITZ” CONSTRUINDO MEMÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO	197
Milena Aparecida da Silva, Vivian Maria Korb	

CAPÍTULO XIV

A REALIDADE INVISÍVEL DO TRÁFICO DE PESSOAS: UM ESTUDO DE CASO	213
Adama Sarai Santo Monteiro, Gabriely Teles Pereira, Johanna Ortiz Zuñiga, Rayka Hinschinck de Paula, Caroline Carmona Marques Gonçalves	

SOBRE OS AUTORES

QUEM FEZ ESTE LIVRO ACONTECER	231
SOBRE AS ORGANIZADORAS	232
SOBRE AS AUTORAS E AUTORES	236

APRESENTAÇÃO

UM LIVRO CONSTRUÍDO COLABORATIVAMENTE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR

Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau

Inglyde Jeane da Silva Vieira

Vivian Maria Korb

Este livro nasceu da sala de aula, mais especificamente da experiência formativa vivida com estudantes de diferentes cursos de licenciatura na disciplina de Metodologias de Aprendizagem Ativas, ministrada no segundo semestre de 2022, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). A atividade foi desenvolvida de forma colaborativa entre os estudantes e nós, as docentes envolvidas nesse processo – a professora Dra. Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau acompanhada de suas orientandas, as mestras Inglyde Jeane da Silva Vieira e Vivian Maria Korb. E o que começou como uma proposta de aprendizagem, ganhou força como projeto editorial, organizado pelas docentes.

A proposta da disciplina foi incorporar, como prática pedagógica, diferentes metodologias ativas de aprendizagem ao longo do semestre, dentre elas, a produção de estudos de caso. Logo, como parte das atividades desenvolvidas, convidamos os estudantes para criar estudos de casos que pudessem ser utilizados na Educação Básica. Para o direcionamento da atividade, seguimos as orientações para a escrita de casos dadas por Annie Prud'homme-Généreux, que generosamente contribuiu com o prefácio e a tradução de seu artigo — utilizado como referência e publicado como o primeiro capítulo desta obra.

Inspiradas pela experiência vivida, pela qualidade e potencial formativo dos estudos de caso produzidos e pelo relato de Prud'homme-Généreux acerca do banco de estudos de caso que criou a partir da produção de seus estudantes, demos início à estruturação da ideia de um livro que pudesse compartilhar o percurso formativo vivido pelos estudantes e os produtos dele resultantes: os estudos de caso aqui reunidos.

Para além de compartilhar uma experiência formativa concreta e pautada nos princípios da aprendizagem ativa, este livro também possibilita compartilhar recursos pedagógicos aplicáveis à Educação Básica que dialogam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ademais, esperamos contribuir com as práticas de autoria no Ensino Superior e inspirar educadores e formadores a explorar não somente a produção de estudos de caso como práticas formativas, mas também a valorizar as produções de seus estudantes de graduação.

Assim, idealizamos este livro como uma obra destinada tanto aos docentes do Ensino Superior, que podem se inspirar em nossa experiência, quanto aos docentes da Educação Básica, que podem utilizar os estudos de caso produzidos em suas práticas pedagógicas.

Gostaríamos de destacar que esta obra foi construída coletivamente, com a participação ativa dos estudantes não somente na atividade de elaboração dos estudos de caso durante a disciplina, mas também em seu posterior aprimoramento para compor o livro. Por meio de atividades e oportunidades como esta, acreditamos ter trabalhado em prol da valorização da proatividade e do fortalecimento do protagonismo discente na formação inicial, assim como do incentivo à produção acadêmica e difusão do conhecimento.

Para a construção do livro, além de nosso envolvimento na curadoria e orientação dos trabalhos, também contamos com a colaboração dos pós-graduandos do grupo de pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (Cides). Eles foram convidados a “adotar” um estudo de caso, levando em consideração sua familiaridade

com o tema, a fim de auxiliar os estudantes da graduação no refinamento e aprimoramento das produções.

A partir dos relatos de participação dos autores do livro, presentes na seção “Sobre os autores”, podemos dizer que a experiência de escrever um estudo de caso foi enriquecedora, contribuindo para a formação pessoal, acadêmica e profissional dos estudantes. O trabalho de escrita em grupo, amparado pela escuta ativa e pelo diálogo entre colegas, foi citado como um dos elementos fundamentais para o êxito do processo.

Outro ponto a destacar na experiência foi a conexão entre teoria e prática. A elaboração dos estudos de caso permitiu aos estudantes articular os conhecimentos teóricos com situações concretas e relevantes da realidade. Além disso, destacamos a aplicabilidade das produções na Educação Básica, visto que foram orientados a articular os casos com as competências e habilidades da BNCC. Logo, o saber teórico da formação inicial dos licenciados ganhou significado e aplicabilidade em sua atuação como docente.

A produção escrita foi percebida como um exercício de autoria, reflexão pedagógica e expressão de pensamento crítico. A escolha dos temas foi livre e reforçou o compromisso dos autores com uma educação crítica, inclusiva e transformadora. Vários estudos de caso abordaram temas densos e atuais, como Direitos Humanos, desinformação, tráfico de pessoas e questões ambientais.

A participação em uma publicação coletiva foi citada pelos estudantes como um momento de valorização em seu percurso formativo e um passo importante para a construção de uma trajetória na pesquisa e na docência. Além disso, é especialmente gratificante perceber, nos relatos dos autores, o orgulho pela publicação de seus trabalhos e o reconhecimento do quanto essa experiência contribuiu para o fortalecimento de suas identidades como futuros docentes e pesquisadores.

Diante disso, organizamos a obra em duas seções. Na primeira seção, trazemos a fundamentação e o relato de nossa experiência; na segunda, compartilhamos os estudos de caso produzidos pelos estudantes.

O capítulo 1 consiste na tradução do artigo “Passo a passo para estudantes: escrevendo estudos de caso (e ferramentas para autores de casos novatos)” de Annie Prud’homme-Généreux, utilizado como referência principal para o encaminhamento da atividade e produção dos estudos de caso.

Nesse artigo, a autora canadense oferece um guia detalhado a todos os docentes que desejam implementar a escrita de estudos de caso como estratégia pedagógica em cursos de graduação. Com base na experiência da autora com seus alunos de Biologia da *Quest University Canada*, o texto descreve todas as etapas do projeto, desde a introdução da proposta em sala até a entrega final, e apresenta ferramentas práticas para apoiar estudantes e professores ao longo do processo.

A autora defende que escrever casos promove habilidades essenciais como pesquisa, síntese, pensamento crítico e comunicação. Além disso, propõe uma sequência estruturada de tarefas, critérios de avaliação, sugestões de temas, formatos de estudos de caso e estratégias para *feedback* e revisão. O trabalho valoriza o papel ativo dos estudantes na construção do conhecimento e destaca o potencial da atividade para gerar materiais didáticos reutilizáveis.

O capítulo 2 consiste no artigo “Aprender e ensinar com estudos de caso: relato de experiência da aplicação da metodologia ativa no Ensino Superior”, publicado nos anais do XVI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. O artigo foi a nossa primeira divulgação acerca dessa experiência e contempla a trajetória e fundamentação da atividade de escrita de estudos de caso desenvolvida como estratégia de aprendizagem ativa voltada à formação de licenciandos na PUCPR em 2022. Ele pode ser considerado o primeiro passo do que se tornaria este livro.

No capítulo 3, “Um modelo para construção de Estudo de Caso”, abordamos o passo a passo e as dicas que foram compartilhadas com os estudantes para a produção dos estudos de caso ao longo do encaminhamento da atividade. A estrutura que utilizamos para os casos e as orientações que consideramos pertinentes foram desenvolvidas durante o processo de escrita do estudo de caso “O empréstimo do coração do Imperador”, disponibilizado como modelo para os estudantes e apresentado no capítulo 4 deste livro.

A segunda seção do livro é composta pelos estudos de caso produzidos. Cada estudo de caso foi desenvolvido a partir de dilemas reais, em articulação com temas contemporâneos e com as diretrizes da BNCC.

Capítulo	Estudo de Caso	Área	Série ou ano
4	O empréstimo do coração do Imperador	História e Língua Portuguesa	8º ano
5	Uma picadinha de esperança, a vacina contra a covid-19	Matemática e Ciências	4º ano
6	Vixi! Acabou a água	Ciências, Geografia e Língua Portuguesa	5º ano
7	Do lixo à harmonia	Música e Língua Portuguesa	7º ano
8	O contágio pela desinformação	Língua Portuguesa	7º ano
9	A Língua Inglesa para todos	Língua Portuguesa	7º ano
10	Racismo não cabe mais no Brasil	História	8º ano
11	Vacinas e desinformação na Revolta da Vacina e na pandemia de covid-19	História	9º ano
12	Seria o “Português Brasileiro” nossa nova língua oficial?	Língua Portuguesa	3ª série
13	“A bailarina de Auschwitz” construindo memórias	Língua Portuguesa e História	3ª série
14	A realidade invisível do tráfico de pessoas	Sociologia	3ª série

Fonte: as autoras (2025).

Esperamos que esta obra inspire professores, formadores e estudantes de licenciatura a explorar novas formas de aprender e ensinar, promovendo práticas de autoria e reflexão crítica. Defendemos um futuro no qual exista uma rede de educadores interessados na produção e no uso de estudos de caso, dando continuidade a este projeto e realizando pesquisas sobre seu impacto na formação docente.

Atestamos por meio de nossa experiência a replicabilidade da prática compartilhada por Annie Prud'homme-Généreux em diferentes disciplinas, instituições e contextos. A experiência não gerou apenas este livro, mas já foi replicada em outro contexto formativo, com alunos do curso de licenciatura em História. Essa experiência foi publicada no artigo “Aprendizagem histórica com estudos de caso: relato de experiência da aplicação da metodologia ativa no ensino superior”, nos anais do XXIII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica.¹

Por fim, gostaríamos de agradecer à Annie Prud'homme-Généreux, pela solicitude e parceria intelectual, à National Science Teaching Association (NSTA) pela permissão de tradução e republicação do artigo de Prud'homme-Généreux, aos estudantes da graduação que se engajaram e participaram ativamente da atividade proposta em sala de aula e aos integrantes do grupo de pesquisa Cides, que apoiaram e participaram deste projeto.

Este livro é prova de que a formação inicial no Ensino Superior é um espaço fértil para a produção acadêmica e científica. Um espaço de criação, onde fervilham ideias que devem ser aproveitadas e nutridas, pois, delas, podem florescer lindos frutos. Que este livro seja uma contribuição nesse caminho.

¹ KORB, Vivian Maria; MOCELIM, Adriana. Aprendizagem histórica com estudos de caso: relato de experiência da aplicação da metodologia ativa no ensino superior. In: NICOLINI, Cristiano (org.). CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 23., 2025, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2025.

PREFÁCIO

O CASO PARA ESTUDOS DE CASO: APRENDENDO SOBRE EDUCAÇÃO BASEADA EM ESTUDO DE CASO ESCREVENDO CASOS

Certa vez, um colega me disse: “eu não ensino matemática; eu ensino alunos”. Palavras sábias — e o mundo parece estar concordando com seu ponto de vista.

Depois de anos focando no papel dos professores na sala de aula – como dar palestras ou escrever livros didáticos que transmitam informações claras – muitas instituições de ensino têm redirecionado o foco para os estudantes (Boyer Commission on Educating Undergraduates in the Research University, 1998; Handelsman *et al.*, 2004; American Association for the Advancement of Science, 2010). Isso faz sentido. Afinal, o objetivo da educação não é ensinar, mas sim aprender. Para fazer isso, os alunos devem trabalhar. Eles devem ser participantes ativos para remodelarem seus cérebros. Não é de surpreender que a literatura científica sustente amplamente que tais abordagens melhoram a aprendizagem dos alunos, como traz a meta-análise conclusiva de Freeman *et al.* (2014).

Essa mudança, de professores para estudantes, tem nomes diferentes: aprendizagem ativa (mais comum na década de 1990), sala de aula invertida (anos 2000), ensino baseado em pesquisa (anos 2010) e, mais recentemente, abordagens centradas no estudante (anos 2020). Muitas técnicas de sala de aula para conseguir isso foram propostas, desde Aprendizagem Baseada em Problemas, ou *Problem Based Learning* – PBL (Hmelo-Silver, 2004; Neville; Norman, 2007; Yew; Goh, 2016), Aprendizagem Baseada em Equipes, ou *Team Based Learning* – TBL (Michaelsen; Sweet, 2008; Sibley; Ostafichuk, 2015) e Aprendizagem guiada pelo processo de pesquisa, ou *Process Oriented Guided Inquiry Learning* – POGIL (Moog; Spencer, 2008), para citar apenas algumas.

Pode-se argumentar que muitas dessas abordagens – PBL, TBL e POGIL – são variantes do Ensino baseado em Casos (Kulak; Newton, 2014; Gronski, 2021). Casos são histórias usadas para ajudar os estudantes a aprender (Herreid, 1997). Basicamente, um estudo de caso é composto por uma breve narrativa que fornece informações contextuais ricas sobre um cenário, juntamente com perguntas que orientam o pensamento do estudante.

Os casos variam em seus formatos (Herreid, 1994; 1998a; Kulak; Newton, 2014; Starostka; Kurzyk, 2017). Alguns são usados em grandes salas de aula com centenas de estudantes, os quais coletam respostas dos estudantes por meio de sistemas de resposta (ou seja, *clickers*). Outros são realizados em formato de debate no qual os estudantes trabalham em pequenas equipes para avaliar as evidências que apoiam cada lado de um argumento e chegar a uma decisão sobre qual é a mais convincente e por quê. Outros são cenários abertos que refletem desafios do mundo real e exigem dos alunos a pesquisa de informações para resolver o problema (ou seja, PBL).

Casos têm sido usados para ensinar alunos de todos os níveis, por exemplo, as propostas de Kolodner *et al.* (2003) e Yalcinkaya *et al.* (2012) para o ensino médio, Kulak e Newton (2014) para a graduação e Lairamore *et al.* (2013) no ensino profissional, em disciplinas que vão desde Matemática e Ciências até profissões de áreas como a saúde, a engenharia, a administração, o direito, a arquitetura e a formação de professores (Willians, 1992; Akin, 2002; Florez, 2011; Qian *et al.*, 2023).

Descobri a instrução baseada em casos quando participei de um *workshop* de uma semana no Centro Nacional de Ensino de Estudos de Caso em Ciências (NCCSTS),¹ realizado na Universidade de Buffalo. O NCCSTS, liderado por Kipp Herreid, preparou educadores de Ciências do ensino fundamental e médio no uso de casos, mas também na redação de seus próprios casos.² O NCCSTS também incentiva os educadores

¹ National Centre for Case Study Teaching in Science (NCCSTS).

² Para obter instruções passo a passo sobre dois métodos para escrever um estudo de caso consulte Herreid (1999) e Herreid (2019), Kulak e Newton (2014) ou Starostka e Kurzyk (2017) para

a partilharem seus trabalhos com outros, formando a maior coleção de estudos de caso gratuitos do mundo, os quais são revistos por pares para o ensino de Ciências (há quase mil casos disponíveis). Na época, eu fazia parte de um novo corpo docente que planejava muitos cursos. Eu estava procurando uma maneira de criar atividades de aprendizagem que honrassem as palavras de meu amigo: “ensine os alunos, não o conteúdo”. Essa abordagem parecia um bom caminho a percorrer.

ENSINO BASEADO EM CASO

Contar histórias é como os humanos aprendem. Desde a Pré-História, as pessoas se reuniam em torno de uma fogueira e trocavam histórias para transmitir informações. Aqueles que defendem o ensino baseado em casos apontam para o rico contexto de um caso como a fonte de sua força. Afinal, nosso cérebro aprende conectando novos conhecimentos aos existentes e o rico contexto de um caso fornece múltiplas maneiras de fazer essas conexões.

Mas os casos não são apenas histórias passivas ouvidas pelos alunos. São também simulações que lhes dão a oportunidade de praticar habilidades em um ambiente seguro. Os alunos assumem o papel de uma pessoa que enfrenta uma situação complexa e devem resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se e pesquisar para resolver o caso.

As pesquisas sobre o ensino baseado em casos têm amplamente a confirmado como uma forma eficaz de aprender (Liu *et al.*, 2019; Bernardi; Pazinato, 2022). Notadamente, casos têm sido criados para ajudar os alunos a:

abordagens alternativas à redação de casos; Herreid (2000) para uma descrição de como escrever notas de ensino para auxiliar outros educadores a usar o estudo de caso. A página de recursos contendo muitos desses artigos instrutivos sobre como escrever estudos de caso está disponível em: <https://www.nsta.org/case-studies>. Acesso em: 20 nov. 2024.

- a) desenvolver habilidades de pensamento crítico (Yadav et al., 2007; Popil, 2011; Allen & Toth-Cohen, 2019);
- b) desenvolver melhores habilidades de comunicação (Liu et al., 2019);
- c) ampliar suas habilidades colaborativas (Lairamore et al., 2013; Liu et al., 2019);
- d) melhorar as habilidades metacognitivas e a capacidade de direcionar sua própria aprendizagem (Rezaee; Mosalanejad, 2015; Liu et al., 2019);
- e) fazer conexões entre múltiplas áreas de conteúdo (Yadav et al., 2007);
- f) desenvolver uma compreensão mais profunda dos conceitos (Yadav et al., 2007; Çam; Geban, 2011; Yadav et al., 2014; Terry et al., 2016) e fazer perguntas mais esclarecedoras (Kassebaum, 1991). Notadamente, os casos parecem ser mais eficazes do que as palestras em alguns casos;
- g) sentir-se mais engajado e motivado no processo de aprendizagem (Kassebaum, 1991; Yadav et al., 2007; Thistlethwaite et al., 2012; Yalcinkaya et al., 2012; Herreid et al., 2014).

As pesquisas também demonstram que os casos beneficiam estudantes sub-representados, como mulheres em *STEM* - Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (Peplow, 1998; Wolter et al., 2011; Kang et al., 2012), estudantes universitários do primeiro ano (Wolter et al., 2011) e estudantes que estão fazendo uma disciplina complementar fora de sua área (Wolter et al., 2011).

Herreid tem sido particularmente ativo em auxiliar a comunidade de ensino baseado em casos a compreender o que torna um caso eficaz e

envolvente. Seu trabalho mostra que bons casos (Herreid, 1998b; 2002; Herreid *et al.*, 2012; Herreid *et al.*, 2016):

- a) estão alinhados a um objetivo de aprendizagem;
- b) são genéricos, para que as lições aprendidas possam ser aplicadas a outras situações;
- c) promovem o pensamento crítico;
- d) são escritos para atender ao público-alvo;
- e) têm um tópico envolvente para o público-alvo;
- f) baseam-se em cenários do mundo real (em vez de fictícios);
- g) contam uma história;
- h) são curtos, geralmente com menos de duas a três páginas;
- i) incluem entre três e cinco perguntas;
- j) são estruturados e fornecem aos alunos marcos enquanto eles trabalham para a resolução do problema;
- k) são escritos de forma envolvente e clara, tem um ponto de vista, inclui conflitos, usa a primeira pessoa, usa diálogos ou citações.

Kulak e Newton (2014) acrescentaram ainda que bons casos são aqueles que:

- a) fornecem dados como peças de um quebra-cabeça, para que os alunos decidam o que precisam saber e como conectar as informações;
- b) incentivam o trabalho em equipe, para que os alunos contribuam com seus pontos fortes e afirmem o que sabem e precisam saber;

- c) introduzem um problema que não tem uma resposta óbvia à primeira vista para desenvolver estratégias de raciocínio;
- d) evitam informações tangenciais que possam confundir os resultados, embora os casos possam fornecer alguns detalhes irrelevantes para imitar a vida real.

Allchin (2013) fornece uma boa revisão de algumas das considerações ao escrever um caso, por exemplo, deveria ser uma história recente ou histórica?

ESTUDANTES ESCRIVENDO CASOS

Após o workshop do NCCSTS, voltei para minha instituição e comecei a pesquisar e a escrever estudos de caso a sério. Eu estava desenvolvendo uma dúzia de novos cursos e, tendo decidido que usaria a proposta de ensino baseado em casos em cada um deles, precisava de muitos materiais novos para eles. Isso exigiu que eu me envolvesse em pesquisas e, com isso, aprendi muito sobre temas nos quais supostamente já era especialista. Muitas vezes pensei que entendia um assunto e só quando chegou a hora de escrevê-lo é que percebi que não o entendia totalmente. Também tive que desenvolver perguntas que testassem o que eu acreditava serem os equívocos comuns de meus alunos ou os orientassem a pensar sobre os problemas (por exemplo, direcionando sua atenção para considerar alguns fatores durante suas decisões).

Ocorreu-me que escrever esses casos era uma excelente maneira de aprender – para mim, mas também potencialmente para meus alunos. Afinal, ensinar outra pessoa é a melhor maneira de aprender. Por esse motivo, em vez de eu mesmo escrever todos os casos, mudei de abordagem. Eu faria meus alunos escreverem casos em meus cursos.

Essa decisão atendeu a muitos dos meus objetivos de criar salas de aula engajadas. Primeiro, os alunos fariam o trabalho intelectual pesado, pesquisando informações, criando cenários do mundo real onde essas informações se manifestassem, desenvolvendo e escrevendo uma história, antecipando os desafios de seus colegas na compreensão de conceitos-chave, elaborando questões orientadoras e selecionando recursos para apoiar o trabalho de seus pares na resolução do caso.

Em segundo lugar, embora ainda não conhecesse o Design Universal para a Aprendizagem (*Universal Design for Learning* – UDL),³ fui uma grande defensora de dar aos estudantes a escolha e a oportunidade de explorar algo que fosse de interesse deles. Ao escrever casos, os alunos podiam escolher um tópico, pesquisá-lo e depois escrever um estudo de caso – aprofundando sua compreensão a respeito de um conceito que lhes interessava.

Por fim, eu queria estruturar o trabalho dos estudantes, dividindo tarefas grandes em tarefas menores (de menor importância) e fornecendo feedback ao longo do caminho. Isso aumentaria as chances de sucesso quando os estudantes entregassem seu trabalho final. Dividir uma tarefa grande em partes menores não só reduziria o estresse dos alunos, mas também permitiria que melhorassem seus trabalhos, dando-lhes uma chance mais justa de atingir os objetivos do curso.

Eu classificaria minha primeira tentativa de orientar-lhes a escreverem seus primeiros casos como um sucesso com base na quantidade de aprendizagem que os alunos demonstraram em seus estudos de caso e em seu nível de envolvimento. Também poderia avaliá-lo com base no fato de que muitos casos produzidos em meu primeiro ano de implementação dessa atividade foram eventualmente submetidos ao NCCSTS para revisão por

³ Foi desenvolvido pelo CAST (*Center for Applied Special Technology*), uma organização sem fins lucrativos fundada em 1984. O UDL é uma proposta educacional para planejamento do processo de ensino e aprendizagem, que visa otimizar o ensino, fornecendo vários meios de engajamento, representação, ação e expressão, permitindo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo para todos os estudantes. A base para os princípios do UDL foi influenciada por pesquisas em neurociência, educação e compreensão das diversas necessidades dos alunos.

pares e adicionados à coleção (Eno; Prud'homme-Généreux, 2011; McCallum; Prud'homme-Généreux, 2012; Prud'homme-Généreux; Groenewoud *et al.*, 2012; Harden *et al.*, 2014; Prud'homme-Généreux *et al.*, 2017).

Surpreendentemente, quando perguntei a meus estudantes sobre o aspecto do projeto que mais os envolveu, esperava que citassem a oportunidade de autoria em uma publicação revisada por pares. No entanto, eu estava errada. Acontece que o propósito foi aquilo que os estudantes acharam mais gratificante na tarefa; não foi apenas uma tarefa que exigiu muito trabalho, foi avaliada e logo esquecida (ou seja, não foi o que veio a ser conhecido como uma “tarefa descartável”, mas sim um exemplo de uma “tarefa renovável”) (Seraphin *et al.*, 2019; Sheu; Grissett, 2022). Tinha um propósito e uma utilização que ia além da avaliação da aprendizagem dos estudantes; foi utilizado como material pedagógico nos cursos do ano seguinte. Os estudantes apreciaram que seu trabalho serviria a um propósito e, como resultado, fizeram um esforço extra.

Eu queria que o que aprendi sobre a implementação dessa tarefa fosse compartilhado com outros educadores que pudessem querer experimentá-la com seus estudantes. Por essa razão, escrevi o artigo *Involving Freshmen Nonscience Majors in Case Writing: Lessons Learned* (Prud'homme-Généreux, 2013). Ocorreu-me que esse artigo poderia ajudar dois públicos: educadores que queriam implementar uma tarefa de redação de casos em suas salas de aula e também professores que escrevessem seu primeiro estudo de caso.

O único aspecto que precisava ser melhorado era a quantidade de trabalho que investi no apoio a cada estudante na redação de seu caso. Embora eu tenha ficado feliz em fazê-lo, não foi sustentável nem traduzível para outros contextos educacionais. Fiz alterações e elas estão refletidas no artigo de acompanhamento *Passo a passo para estudantes: escrevendo estudos de caso (e ferramentas para autores de casos novatos)* (Prud'homme-Généreux, 2015). Essa versão das instruções é partilhada, pela primeira vez em português, no Capítulo 1 deste livro.

É claro que não sou a única educadora que experimentou essa abordagem para ajudar os alunos a aprender um tópico e a praticar habilidades. Outros criaram tarefas semelhantes e cada um desenvolveu formas únicas de estruturar o projeto do aluno (Galvin, 1987; Belcher, 2000; Elkin, 2002; Bengtsson; Asplund, 2007; Bernhardt; Richmond, 2019; Wang *et al.*, 2019). À medida que cada autor contribui com sua abordagem para a comunidade, aprendemos com as experiências uns dos outros, ajudando-nos a abrir caminho para uma forma mais eficaz e envolvente de treinar os alunos para escreverem estudos de caso... E agora, um novo grupo de educadores está a partilhar suas abordagem e resultados únicos neste livro.

As editoras deste livro ensinam futuros educadores. Sua conclusão foi a de que preparar seus estudantes para escrever estudos de caso alcançaria não só impactos proximais na aprendizagem, mas também impactos distais que repercutissem em todo o sistema educativo. Ao ensinar seus estudantes a escreverem estudos de caso, estariam:

- a) ajudando seus alunos a desenvolverem uma compreensão mais profunda dos conceitos-chave e de como ensiná-los;
- b) promovendo as competências profissionais que esses professores-estudantes necessitam para terem sucesso em suas carreiras (ou seja, para desenvolverem seus próprios materiais pedagógicos);
- c) incentivando esses futuros educadores a implementarem estudos de caso em suas salas de aula, expondo seus estudantes a abordagens centradas no aluno.

Assim, a decisão tomada pelas editoras deste livro de ensinar seus estudantes a escreverem casos criará uma educação mais centrada no aluno, além da sala de aula.

Este livro captura e compartilha as inovações e lições aprendidas pelo corpo docente que experimentou formar seus estudantes para escrever casos. Ele também celebra as conquistas de professores-estudantes que criaram estudos de caso criteriosos e envolventes. Alguns casos foram escritos para alunos do ensino médio, outros para os do ensino fundamental, e ensinam muitos tópicos diferentes – mostrando os diversos usos e públicos que o ensino baseado em casos pode servir.

Os trabalhos dos professores-estudantes incluem um caso sobre o lançamento do livro *A Bailarina de Auschwitz*, utilizado para ensinar história, literatura e justiça social (Capítulo 3). Utiliza-se a crise hídrica no estado do Paraná e a implementação do rodízio para aprender sobre erosão hídrica e conservação ambiental (Capítulo 4). É necessária uma história de tráfico de seres humanos para ensinar os conceitos fundamentais da sociologia (Capítulo 5). Outro educa os alunos sobre a importância da reciclagem ao colocar uma história da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura no Paraguai em evidência (Capítulo 6). Vários casos utilizam a recente pandemia de covid-19 para ensinar conceitos-chave sobre vacinação e disseminação de notícias falsas (Capítulos 7 e 9). E, finalmente, acontecimentos políticos e noticiosos recentes abrem caminho à discussão sobre a aprendizagem de idiomas (Capítulos 8 e 10).

Este livro é uma conquista – para o corpo docente que realizou experimentações em suas salas de aula, para os estudantes que desenvolveram novos estudos de caso e para o sistema educacional que está mudando para práticas mais centradas no aluno... Um estudo de caso de cada vez...

Annie Prud'homme-Généreux

Formadora Educacional e Professora Universidade da Colúmbia
Britânica

Julho de 2024

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE. **Vision & Change in Undergraduate Biology Education: A Call to Action**. American Association for the Advancement of Sciences. [S. l.], 2010. Disponível em: https://www.aaas.org/sites/default/files/content_files/VC_report.pdf.

AKIN, Ö. Case-based instruction strategies in architecture. **Design Studies**, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 407-431, 2002. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0142-694X\(01\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0142-694X(01)00046-1).

ALLCHIN, D. Problem- and Case-Based Learning in Science: An Introduction to Distinctions, Values, and Outcomes. **CBELife Sciences Education**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 364-372, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1187/cbe.12-11-0190>.

ALLEN, D. D.; TOTH-COHEN, S. Use of case studies to promote critical thinking in occupational therapy students. **Journal of Occupational Therapy Education**, [s. l.], v. 3, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26681/jote.2019.030309>.

BELCHER, J. V. R. Improving managers' critical thinking skills: Student-generated case studies. **The Journal of Nursing Administration**, [s. l.], v. 30, n. 7/8, p. 351-353, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/00005110-200007000-00008>.

BENGTSSON, L.; ASPLUND, C. J. **Using case writing in strategic management education**. NFF Conference, Bergen, Norway, 2007.

BERNARDI, F. V. M.; PAZINATO, M. C. S. The case study method in chemistry teaching: A systematic review. **Journal of Chemical Education**, [s. l.], v. 99, n. 3, p. 1211-1219, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1021/acs.jchemed.1c00733>.

BERNHARDT, P. E.; RICHMOND, A. S. Promoting Critical Thinking Through the Use of Student-Generated Case Studies. *In*: MARIANO, G. J.; FIGLIANO, F. J. (ed.). **Handbook of Research on Critical Thinking Strategies in Pre-Service Learning Environments**. [S. l.]: IGI Global, 2019. p. 438-447. Disponível em: <https://doi.org/10.4018/978-1-5225-7823-9.ch021>.

BOYER COMMISSION ON EDUCATING UNDERGRADUATES IN THE RESEARCH UNIVERSITY. **Reinventing Undergraduate Education: A Blueprint for America's Research Universities**. [S. l.], 1998. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED424840.pdf>.

ÇAM, A.; GEBAN, Ö. Effectiveness of case-based learning instruction on epistemological beliefs and attitudes toward chemistry. **Journal of Science Education and Technology**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 26-32, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10956-010-9231-x>.

CRUZ CALDERÓN, M.; PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. Butterflies in the Stomach: Is Genetically Modified Corn Harming Monarch Butterflies? **NCCSTS Case Collection**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/butterflies-stomach>.

ELKIN, G. Student Learning through Case Research and Writing. **Journal of the Australian and New Zealand Academy of Management**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-8, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5172/jmo.2002.8.1.1>.

ENO, D. J.; PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. An Infectious Cure. **NCCSTS Case Collection**. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/infectious-cure>.

FLOREZ, I. R. Case-based instruction in early childhood teacher preparation: Does it work? **Journal of Early Childhood Teacher Education**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 118-134, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10901027.2011.572227>.

FREEMAN, S. *et al.* Active learning increases student performance in science, engineering, and mathematics. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 111, n. 23, p. 8410–8415, 2014.

GALVIN, P. Writing case studies as a student learning tool. **Curtin University of Technology**, [s. l.], 1987. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11937/11297>.

GRONSKI, M. Case-Based Instructional Methods. *In*: HENDERSON, W. (ed.). **Effective Teaching**. [S. l.]: Routledge, 2021. p. 287-316. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003523956-12>.

HANDELSMAN, J. *et al.* Scientific teaching. **Science**, [s. l.], v. 304, n. 5670, p. 521–522, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1096022>.

HARDEN, H. K. L. *et al.* The Modern Caveman’s Dilemma: Who Should Eat the Paleo Diet? **NCCSTS Case Collection**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/modern-cavemans-dilemma>.

HERREID, C. F. And all that jazz: An essay extolling the virtues of writing case teaching notes. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 225-228, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42990272>.

HERREID, C. F. Case studies in science-A novel method of science education. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 23, p. 221, 1994.

HERREID, C. F. Cooking with Betty Crocker: A recipe for case writing. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 156-158, 1999. Disponível em: <https://go.exlibris.link/w2F1JyG2>.

HERREID, C. F. *et al.* Emotion, engagement, and case studies. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 86-95, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.2505/4/jcst14_044_01_86.

HERREID, C. F. *et al.* My favorite case and what makes it so. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 70-75, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43748426>.

HERREID, C. F. Sorting potatoes for Miss Bonner. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 236-239, 1998a.

HERREID, C. F. The Chef returns: A recipe for writing great case studies. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 38-44, 2019.

HERREID, C. F. The way of Flesch. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 31, n. 5, p. 288-291, 2002. Disponível em: <https://go.exlibris.link/vlzdkg56>.

HERREID, C. F. What is a case? **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 92-94, 1997.

HERREID, C. F. What makes a good case? **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 163-169, 1998b.

HERREID, C. F. *et al.* What makes a good case, revisited: the survey monkey tells all. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 60-65, 2016.

HMELO-SILVER, C. E. Problem-Based Learning: What and How Do Students Learn? **Educational Psychology Review**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 235-266, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/B:ED-PR.0000034022.16470.f3>.

HUBA, M. E.; FREED, J. E. **Learner-Centered Assessment on College Campuses: Shifting the Focus from Teaching to Learning**. Allyn & Bacon. [S. l.], 1999.

KANG, H. *et al.* Gender differences in student performance in large lecture classrooms using personal response systems ('clickers') with narrative case studies. **Learning, Media and Technology**, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 53-76, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17439884.2011.556123>.

KASSEBAUM, D. K. Student preference for a case-based vs. lecture instructional format. **Journal of Dental Education**, [s. l.], v. 55, n. 12, p. 781, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.0022-0337.1991.55.12.tb02601.x>.

KOLODNER, J. L. *et al.* Problem-Based Learning Meets Case-Based Reasoning in the Middle-School Science Classroom: Putting Learning by Design(tm) Into Practice. **The Journal of the Learning Sciences**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 495-547, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15327809JLS1204_2.

KULAK, V.; NEWTON, G. A guide to using case-based learning in biochemistry education. **Biochemistry and Molecular Biology Education**, [s. l.], v. 42, n. 6, p. 457-473, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/bmb.20823>.

LAIRAMORE, C. *et al.* A Case-Based Interprofessional Education Forum Increases Health Students' Perceptions of Collaboration. **Medical Science Educator**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 472-481, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF03341670>.

LIU, L. *et al.* Effect of problem-based learning in pharmacology education: A meta-analysis. **Studies in Educational Evaluation**, [s. l.], v. 60, p. 43-58, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.stueduc.2018.11.004>.

MCCALLUM, G. A.; PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. Feeling Detoxified: Expectations, Effects, and Explanation. **NCCSTS Case Collection**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/feeling-detoxified>.

MICHAELSEN, L. K.; SWEET, M. The essential elements of team□ based learning. **New Directions for Teaching and Learning**, [s. l.], n. 116, p. 7–27, 2008.

MOOG, R. S.; SPENCER, J. N. **Process Oriented Guided Inquiry Learning** (POGIL). Washington, DC: American Chemical Society, 2008.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **Transforming Undergraduate Education in Science, Mathematics, Engineering, and Technology**. [S. l.]: The National Academies Press, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.17226/6453>.

NCCSTS. Publications. NCCSTS Case Collection. Teaching Resources. **National Science Teachers Association**. [s. l.], Disponível em: <https://www.nsta.org/case-studies/resources/publications>.

NEVILLE, A. J.; NORMAN, G. R. PBL in the undergraduate MD program at McMaster University: three iterations in three decades. **Academic Medicine**, [s. l.], v. 82, n. 4, p. 370-374, 2007.

PEFLOW, P. Attitudes and examination performance of female and male medical students in an active, case-based learning programme in anatomy. **Medical Teacher**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 349-355, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01421599880788>.

POPIL, I. Promotion of critical thinking by using case studies as teaching method. **Nurse Education Today**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 204-207, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2010.06.002>.

POWELL, K. Spare me the lecture. **Nature**, [s. l.], v. 425, n. 6955, p. 234-236, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/425234a>.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. Involving freshmen nonscience majors in case writing-Lessons learned. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 42, n. 6, p. 58-64, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.2505/4/jcst13_042_06_58.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. A step-by-step guide to students writing case studies (and tools for novice case authors). **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 44, n. 6, p. 57-65, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.2505/4/jcst15_044_06_57.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A.; GROENEWOUD, R. H. The Molecular Origin of Life: Replication or Metabolism-First? Introductory Version. **NCCSTS Case Collection**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/molecular-origin-life-replication-or-metabolism-first-introductory-version>.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A.; MAGILL, N. F.; BLISS, T. N. **The Spark of Life: Where Did Organic Molecules Come From?** NCCSTS Case Collection, 2015. Disponível em: <https://www.nsta.org/ncss-case-study/spark-life>.

QIAN, M. *et al.* Digital interactive case-based instruction: a useful tool to enhance preservice teacher education. **Technology, Pedagogy and Education**, [s. l.], v. 32, n. 3, p. 389-404, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1475939X.2023.2199016>.

REZAEI, R.; MOSALANEJAD, L. The effects of case-based team learning on students' learning, self regulation and self direction. **Global Journal of Health Science**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 295-306, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5539/gjhs.v7n4p295>.

SERAPHIN, S. B. *et al.* A Conceptual Framework for Non-Disposable Assignments: Inspiring Implementation, Innovation, and Research. **Psychology Learning & Teaching**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 84-97, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1475725718811711>.

SHEU, F.R.; GRISSETT, J. **Increasing Motivation for Learning through Non-disposable Assignment: A Student Perspective**. [S. l.]: EdMedia+ Innovate Learning, 2022.

SIBLEY, J.; OSTAFICHUK, P. **Getting Started with Team-Based Learning**. [S. l.] : Stylus Publishing, LLC, 2015.

STAROSTKA, J.; KURZYK, B. Best Practices for Writing Case Studies. In: LATUSEK, D. (ed.). **Case Studies as a Teaching Tool in Management Education**. [S. l.]: IGI Global, 2017. p. 222-243. Disponível em: <https://doi.org/10.4018/978-1-5225-0770-3.ch012>.

TERRY, D. R. *et al.* Eight Is not enough: The level of questioning and its impact on learning in clicker cases. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 46, n. 2, p. 82-92, 2016.

THISTLETHWAITE, J. E. *et al.* The effectiveness of case-based learning in health professional education. A BEME systematic review: BEME Guide No. 23. **Medical Teacher**, [s. l.], v. 34, n. 6, p. e421-e444, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/0142159X.2012.680939>.

WANG, K. *et al.* An alternative approach to case-based learning: The use of student-authored cases. **Journal of Higher Education Theory and Practice**, [s. l.], v. 19, n. 6, p. 140-154, 2019. Disponível em: <https://articlearchives.co/index.php/JHETP/article/view/2414>.

WILLIAMS, S. M. Putting case-based instruction into context: Examples from legal and medical education. **The Journal of the Learning Sciences**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 367-427, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327809jls0204_2.

WOLTER, B. H. K. *et al.* Students' perceptions of using personal response systems ('clickers') with cases in science. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 14-19, 2011.

YADAV, A. *et al.* Case-based instruction: Improving students' conceptual understanding through cases in a mechanical engineering course. **Journal of Research in Science Teaching**, [s. l.], v. 51, n. 5, p. 659-677, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/tea.21149>.

YADAV, A. *et al.* Teaching science with case studies: A national survey of faculty perceptions of the benefits and challenges of using cases. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 34, 2007.

YALCINKAYA, E.; BOZ, Y.; ERDUR-BAKER, O. Is case-based instruction effective in enhancing high school students' motivation toward chemistry? **Science Education International**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 102-116, 2012.

YEW, E. H. J.; GOH, K. Problem-Based Learning: An Overview of its Process and Impact on Learning. **Health Professions Education**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 75-79, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.hpe.2016.01.004>.

CAPÍTULO I

PASSO A PASSO PARA ESTUDANTES: ESCRREVENDO ESTUDOS DE CASO (E FERRAMENTAS PARA AUTORES DE CASOS NOVATOS)¹

Annie Prud'homme-Généreux

Aprender a pesquisar, avaliar, sintetizar, selecionar e comunicar ideias científicas a partir de uma variedade de fontes está no cerne do ensino de graduação. Há cinco anos, propus a meus alunos calouros de biologia que escrevessem um estudo de caso para seu projeto final (ou seja, usassem uma história como base para estruturar uma experiência de aprendizagem para seus colegas). Tendo recentemente criado vários casos, observei que, ao fazê-lo, pratiquei muitas das habilidades que esperava nutrir em meus alunos de graduação. Essa tarefa foi um sucesso. As narrativas eram criativas, os alunos fizeram pesquisas completas e quase um quarto de meus alunos produziram casos que foram eventualmente revisados por pares e publicados na coleção de casos do *National Center for Case Study Teaching in Science* (NCCSTS), disponível em <http://sci-encecases.lib.buffalo.edu/cs/>². Ansiosa para partilhar minha prática, escrevi um artigo descrevendo a atividade e minha experiência (Prud'homme-Généreux, 2013). Desde então, incluí esse projeto em quase todos os meus cursos, fossem eles para calouros sem especialização ou para alunos de graduação com honras. Ao experimentar diferentes formas de estruturar o trabalho e ao fornecer orientação aos alunos, desenvolvi uma série de ferramentas

¹ Copyright ©2015, National Science Teaching Association (NSTA). Este texto foi originalmente publicado sob o título de "A Step-by-Step Guide to Students Writing Case Studies (and Tools for Novice Case Authors)" pelo *Journal of College Science Teaching*, v. 44, n. 6, p. 54–62, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43631998>. Esta versão é republicada com permissão do *Journal of College Science Teaching*. Tradução por Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau e Vivian Maria Korb.

² Nota das tradutoras: o link disponibilizado na versão original do artigo não está mais disponível. Acesse o conteúdo citado em: <https://www.nsta.org/case-studies>

que podem ser do interesse dos educadores que desejam implementar uma tarefa de redação de casos em seus cursos. Essa tarefa é mais adequada para instrutores com experiência na escrita de casos, pois seu conhecimento de como projetar um os ajudará a aconselhar seus alunos. Contudo, as ferramentas descritas neste artigo também podem ser úteis para os instrutores no processo de criação do seu primeiro caso. Todos os aspirantes a autores de casos são direcionados a Herreid (1999) para um excelente panorama do processo de redação do caso.

Um resumo das etapas necessárias para apoiar os estudantes na criação de estudos de caso é apresentado no Quadro A1. O quadro lista as ações realizadas pelo professor e pelos alunos em cada etapa do projeto. Os destaques das principais ações são descritos nas seções que seguem. Esse trabalho começa no primeiro dia de aula e a entrega final deve ser feita no último dia do curso.

ATRIBUINDO O PROJETO

No primeiro dia de aula, informo aos alunos sobre o projeto. Cada entrega é descrita no Quadro A2. Os professores podem personalizar as informações para criar instruções aos alunos para essa atividade. Depois de descrever as expectativas e os prazos, proponho temas para os estudos de caso. Uma lista de exemplos de tópicos para um curso de Nutrição é fornecida no Quadro A3. Essa lista é baseada em meu conhecimento de temas que se desenvolveriam como estudos de caso, seja porque há controvérsia sobre o tema, porque é popular na mídia, porque é a base de mitos, ou simplesmente porque existe uma extensa e facilmente acessível literatura sobre esse tópico. Ao escolher esses tópicos, também fico atenta aos conceitos básicos que poderiam ser ensinados (por exemplo, o tema “deveriam os atletas tomar suplementos de creatina” poderia ser usado para ensinar conceitos básicos de como a célula usa ATP para alimentar seus processos). Não se espera que os alunos limitem

sua seleção a essa lista; ela é meramente sugestiva. Porém, qualquer tema escolhido deverá ser aprovado pelo professor, que considerará a adequação do tema seguindo as orientações sugeridas anteriormente. Na prática, a grande maioria dos estudantes limita sua seleção às propostas feitas pelos professores. Sugiro aproximadamente tantos temas quantos o número de alunos em minha turma e gasto cerca de 30 minutos apresentando brevemente cada um deles para que todos tenham alguma base para seleção. Dentro de uma semana, os alunos devem escolher um tema, bem como seus companheiros de equipe. O professor garante que duas equipes não selecionem o mesmo tópico. Em turmas com 20 alunos ou menos, permito que os alunos trabalhem individualmente ou em equipes de dois nessa tarefa, mas em turmas maiores, grupos de 3 a 4 alunos são logisticamente preferíveis.

O curso prossegue preferindo estudos de caso como método de ensino. Isso atinge dois objetivos. Ele oferece o conteúdo do curso e incentiva os alunos a praticarem habilidades como comunicação, formação de equipes e pensamento crítico; também serve para introduzir o formato de um caso. A maioria dos alunos não está familiarizada com estudos de caso, e é melhor usar uma variedade de formatos diferentes (por exemplo, caso interrompido, debate íntimo, dramatização, quebra-cabeças, *clicker*) para expor os alunos ao que está disponível para seu projeto. No final de cada caso, há uma análise de cinco a dez minutos durante a qual peço à turma que identifique elementos que funcionaram e outros que impediram a eficácia do caso, e os incentivo a manterem isso em mente ao desenvolver seu próprio estudo de caso.

FASE DE PESQUISA

Depois de selecionado um tema, a próxima fase é a pesquisa. Os alunos completam essa parte do projeto individualmente. Os alunos de uma equipe podem optar por pesquisar o mesmo tópico de maneira ampla

ou podem dividi-lo em subtópicos e atribuir cada um deles a um aluno diferente da equipe. Por exemplo, ao pesquisar a etiologia da esclerose múltipla, cada aluno da equipe pode pesquisar todas as causas possíveis, ou então cada um pode pesquisar uma causa proposta (ou seja, um aluno pesquisa a evidência de que a esclerose múltipla tem uma raiz genética, outro as ligações com doenças infecciosas, outro as causas nutricionais e assim por diante). Os professores devem fornecer diretrizes claras sobre a profundidade esperada da pesquisa, como o número e o tipo de fontes consultadas. Note que essa pesquisa deve incluir artigos revisados por pares e uma série de fontes que estejam facilmente disponíveis ao público (por exemplo, artigos de notícias, *sites* e vídeos). Os alunos são avisados para permanecerem críticos em relação às informações obtidas dessas últimas fontes, mas são informados de que elas podem ser úteis no desenvolvimento de uma narrativa para seu caso. Aproximadamente um terço do tempo dessa atividade é destinado para a fase de pesquisa. O resultado desta pesquisa é uma bibliografia comentada e um breve artigo de pesquisa (descrito no Quadro A2). Os instrutores devem fornecer feedback sobre essa parte da tarefa o mais rápido possível para permitir que os alunos prossigam.

PLANEJANDO O CASO

Com o conhecimento em mãos, os alunos planejam seu estudo de caso. O primeiro passo é criar um perfil do caso. Esse documento pede aos alunos que identifiquem a “moral da história” do seu caso e a declarem numa frase sucinta. Esclarecer os objetivos orienta todo o desenvolvimento do caso e é crucial para determinar o que é relevante e tangencial no caso. Ao discutir um caso com os alunos, os professores devem frequentemente perguntar: “como isso te ajuda a atingir seu objetivo de ensinar X?”.

Ensinar, seja usando um caso ou outro formato, significa ser capaz de “quebrar as coisas” e identificar as informações que alguém precisaria saber para entender o conceito maior. Por exemplo, para entender o formato de dupla hélice do DNA, alguém precisaria primeiro aprender como os nucleotídeos se ligam para formar uma fita, sobre pareamento de bases, sobre polaridade e fitas antiparalelas etc. O perfil do caso, portanto, pede aos alunos que identifiquem os conceitos que fundamentam seu objetivo de aprendizagem e os escrevam em tópicos.

Os estudantes devem também identificar duas possíveis narrativas que poderiam ser usadas para impulsionar a aprendizagem. Como o curso é ministrado por meio de casos, os alunos entendem intuitivamente o que significa uma “narrativa” nesse contexto. Casos baseados em eventos reais são mais envolventes (Herreid; Schiller; Herreid; Wright, 2012), portanto, aconselho meus alunos a usarem artigos de notícias ou artefatos autênticos como ponto de partida para seu enredo. Sugiro também que se inspirem em fenômenos culturais (por exemplo, dietas populares, celebridades) porque seus públicos terão interesse em aprender mais sobre eles. Os alunos desenvolvem duas narrativas possíveis que resumem em um parágrafo cada.

Depois de desenvolver e enviar o perfil do caso, a equipe se reúne com o professor por aproximadamente 30 minutos. Embora possa parecer oneroso para o instrutor, é fundamental para garantir o sucesso dos alunos. É nesse encontro que a estrutura do caso toma forma e quando os alunos recebem orientações individualizadas sobre como escrever seus casos. Começo pedindo a cada equipe que me conte as informações que desenvolveram para seu perfil de caso. Isso inclui me dar o “argumento de venda” de duas histórias. Isso me dá a oportunidade de fornecer feedback sobre seu panorama. Os alunos geralmente confundem o objetivo de aprendizagem do caso com o enredo. Por exemplo, em um caso sobre o uso de creatina como suplemento esportivo, o objetivo de aprendizagem é ensinar aos alunos como o ATP e a creatina são usados para fornecer

energia às células, enquanto tomar suplementos de creatina é na verdade parte do enredo (é uma prática praticada por alguns atletas, mas não há nada a ensinar sobre ela – é a narrativa usada para aprender sobre o metabolismo energético na célula).

A partir das informações do perfil do caso e da proposta do aluno, posso inferir o formato mais adequado para o caso. Selecionar o formato de um estudo de caso é mais arte do que ciência. Depende em parte do arco narrativo, dos objetivos de aprendizagem e do método de ensino preferido. A maioria das narrativas se presta a vários formatos. A análise que me permite fazer essa determinação está registrada no Quadro A4. É apresentada na forma de chave dicotômica. Também poderia ser convertida em um fluxograma. A vantagem de um fluxograma é que ele pode ser usado como uma referência visual rápida durante a reunião com os alunos, enquanto a chave dicotômica fornece mais informações. Uma excelente descrição de cada formato de caso está disponível em Herreid (2007). Os leitores que desejam ver exemplos de cada um são direcionados à coleção de casos do NCCSTS, onde podem pesquisar os casos por “Tipo/Método”, que é o que chamo de formato de caso. Os instrutores podem recomendar um ou dois formatos e envolver os alunos no processo de seleção, descrevendo suas opções. Em minha experiência, a grande maioria dos casos se presta ao formato interrompido, o segundo formato mais comum é o debate íntimo ou o quebra-cabeças. Na reunião, o professor descreve o formato, referindo-se a casos de formato semelhante que foram utilizados em aula, e trabalha com os alunos para planejar os detalhes do estudo de caso. É aqui que cada caso é concretizado. Observe que alguns instrutores podem exigir que todos os alunos produzam casos em um formato preferido. Embora isso possa limitar a criatividade e a diversidade dos casos, tornará mais fácil para os professores orientá-los.

Para um formato interrompido, os alunos precisam identificar um objetivo de aprendizagem para cada seção do caso. Geralmente eles se alinham com a lista de subtópicos identificados no perfil do

caso. Com isso em mente, digo aos alunos que cada seção deve conter menos de uma página de informações, seguida de três a cinco perguntas. Os alunos geralmente têm dificuldade em estruturar uma série de questões orientadoras, porém desafiadoras, ao final de cada seção e precisam de ajuda com essa parte do caso. A fórmula a seguir é fácil de implementar e tem sucesso em orientar os novatos no desenvolvimento de perguntas eficazes. As perguntas são sequenciadas de forma que as primeiras tenham respostas concretas (“há uma resposta correta”). Frequentemente testa-se se o leitor entendeu as informações no corpo da seção. As questões subsequentes tornam-se progressivamente mais especulativas e abertas e forçam o leitor a “pensar como um cientista”. O leitor é solicitado a formular hipóteses, analisar dados, prever resultados e criticar conclusões. A última pergunta deve orientar e estimular o leitor a antecipar as informações da próxima seção. (Ao usar essa estratégia, a próxima seção do caso deve começar com uma possível resposta às perguntas especulativas, para que os leitores recebam *feedback* sobre seu desempenho.) O instrutor pode trabalhar com os alunos em uma seção do caso, sugerindo uma sequência de perguntas como exemplo. Os alunos devem ser lembrados de que as perguntas devem focar em atender ao objetivo daquela seção do caso.

Embora o desenvolvimento de questões eficazes seja um obstáculo, outro é a falta de consistência da narrativa do caso. Os escritores iniciantes muitas vezes cometem o erro de começar com uma narrativa forte na primeira parte do caso, mas depois esquecem-na à medida que se concentram no conteúdo de cada seção subsequente. Lembre os alunos de entrelaçar sua história e seus personagens com o conteúdo do caso.

Para debates íntimos ou casos de quebra-cabeças, a primeira consideração é identificar os lados adequados de uma controvérsia ou as diferentes perspectivas sobre um tema (deve haver no máximo cinco perspectivas diferentes). Eu digo-lhes para prepararem um resumo de fatos, evidências ou argumentos em apoio a cada posição. Isso pode ser

redigido na forma de texto contínuo ou de tópicos. Esses documentos devem ter o mesmo comprimento para cada perspectiva e no máximo uma página. Na verdade, escrever essa seção do caso é como escrever um mini artigo de revisão.

A primeira parte do caso apresenta a narrativa e fornece contexto para o debate ou quebra-cabeça. Deve apresentar o problema que está no cerne do caso: o que é que queremos resolver ou decidir? A seção mais difícil de escrever é a última, na qual são incorporadas as perspectivas de cada lado para resolver o problema. Normalmente desafio meus alunos a pensar em uma maneira pela qual as equipes formadas durante a última etapa do caso (com um especialista de cada perspectiva) possam trabalhar em versões ligeiramente diferentes do problema inicial. Por exemplo, em um estudo de caso sobre a dieta paleolítica, no qual os alunos aprenderam sobre implicações nutricionais, fisiologia esportiva, implicações ecológicas e evolutivas dessa dieta e foram questionados se o protagonista deveria adotá-la, algumas equipes foram informadas de que o protagonista tinha restrições econômicas, outras que a família sofria de algum problema de saúde etc. (Harden; Foley; Poon; Prud'homme-Généreux, 2014). O efeito de adicionar essa reviravolta é que o relatório de cada equipe para a turma é menos repetitivo, tem mais nuances e é mais envolvente.

ESCREVER O CASO E OBTER FEEDBACK

Os alunos devem sair da reunião individual com um plano claro para seus casos, tendo cerca de um terço do tempo dedicado a essa atividade para escrever um rascunho dele. Se a reunião foi bem realizada, os instrutores raramente são consultados durante a fase de escrita do caso.

A chave para ajudar os alunos a escreverem casos maravilhosos, assim como ocorre em qualquer outra tarefa, é fornecer-lhes feedback. Isso

é particularmente importante para essa atividade porque é um exercício novo e desconhecido. Os alunos são convidados a enviar uma versão preliminar do trabalho ao professor e receber feedback. Os instrutores devem prestar especial atenção à precisão e à eficácia das questões para discussão.

O próximo passo dos alunos é ensinarem seus casos para a turma. Caso os alunos não tenham formação em Pedagogia ou Licenciatura, seria injusto avaliá-los sobre a forma como podem utilizar um estudo de caso para ensinar. O objetivo de fazer com que ensinem seus casos é que recebam feedback sobre a eficácia de seus estudos: o público achou alguma pergunta confusa? Os autores presumiram algum conhecimento prévio do público que estava faltando? A experiência de ensino do seu caso dará aos autores o feedback necessário para melhorar seu caso antes de sua submissão final. Os apresentadores são avaliados com base em aprovação/reprovação (consulte a seção “Avaliação”). Como os alunos temem o constrangimento diante dos colegas, eles ficam motivados a se preparar para essa apresentação e, geralmente, têm um bom desempenho. Após a apresentação, o professor promove uma discussão em sala de cinco a dez minutos a fim de extrair os pontos fortes e fracos do caso. Em minha experiência, nesse momento, o público está entusiasmado e solidário. Em uma turma grande, essa etapa pode ser realizada em grupos menores (por exemplo, dividir uma turma de cem alunos em grupos menores de 20 a 25 e designar cada um para uma sala de aula diferente). Isso deve mitigar a ansiedade de fazer apresentações para muitas pessoas.

Essa é a última etapa do feedback. Usando o que observaram ao ensinar o caso, eles trabalham e enviam todos os documentos necessários para a entrega final (ver “Entregas” no Quadro A2).

AVALIAÇÃO

Cada entrega vale 20% da nota do trabalho, mas com uma diferença (veja *Nota* no final do artigo). Muitas entregas (o perfil do caso, o rascunho do caso e a apresentação do caso) são feitas com a finalidade de receber feedback. No passado, estes não recebiam nota, mas os alunos não se aplicavam tanto quanto nas tarefas avaliadas, e muitos alunos não enviavam nada. Para resolver isso, cada uma dessas tarefas é avaliada com base em Aprovado/Reprovado. Se o professor determinar que os alunos se esforçaram para concluir a tarefa com diligência, a tarefa receberá uma “Aprovação”. O valor numérico dessa “Aprovação” é idêntico ao valor da entrega final. Caso os alunos obtenham uma “Reprovação” nessa parte da tarefa, perderão 20% da nota do projeto final. Como resultado, os alunos têm um incentivo para concluir todo o trabalho conscientemente, mas não recebem notas distorcidas por simplesmente enviarem o trabalho. Na realidade, o esquema de notas é tal que o relatório resumido vale 20% da nota e a entrega final vale 80% (desde que todas as etapas intermediárias sejam concluídas com diligência).

Exceto pelo relatório resumido, todas as entregas são feitas em equipe. É, portanto, importante implementar estratégias para reconhecer as contribuições de cada membro e para ajustar a nota com base nessas contribuições. A estratégia recomendada é uma avaliação por pares conforme descrita por Herreid (2001). Uma rubrica de avaliação usada para avaliar a entrega final é fornecida no Quadro A5.

A maioria dos casos impressiona pela criatividade, mas o rigor acadêmico exibido nos trabalhos submetidos varia amplamente e reflete a profundidade de análise e de compreensão dos alunos de cada grupo. Isso não é diferente da variabilidade encontrada em outras atividades, como ensaios de pesquisa. Mesmo os casos mais rigorosamente pesquisados e escritos precisam ser revisados para melhorar sua profundidade antes de

serem usados em outro curso ou submetidos ao NCCSTS. A narrativa normalmente requer poucas melhorias.

REFLEXÕES

O cone de aprendizagem, recentemente testado e confirmado (Lord, 2007), mostra que o melhor método para aprender algo é ensiná-lo. Por meio dessa atividade, os alunos primeiro dissecam um tópico à medida que consideram a melhor forma de atingir um objetivo de aprendizagem e depois usam os materiais que criaram para ensinar outros alunos. Espera-se, portanto, que as informações aprendidas por intermédio desta atividade sejam retidas de forma eficaz.

Quando questionados sobre a profundidade da pesquisa necessária para realizar este projeto, os alunos relatam que é equivalente ao que eles fazem para escrever um artigo de pesquisa (Prud'homme-Généreux, 2013). Eu prefiro essa atividade por várias razões: libera a criatividade dos alunos, permite que eles compartilhem o que aprenderam com seus colegas e me ajuda a construir um *kit* de ferramentas com materiais didáticos para uso em cursos futuros. Esta última perspectiva é um motivador para muitos estudantes; eles gostam que seu trabalho tenha um propósito. Além disso, muitos dos casos dos meus alunos de graduação agora fazem parte da coleção de casos do NCCSTS, expandindo seu uso para outras salas de aula além da nossa instituição.

Nota: a autora deseja reconhecer a Dra. Tamara L. Trafton, professora de Economia, Quest University Canadá, por sugerir essa estratégia de avaliação.

REFERÊNCIAS

HARDEN, H. K. L.; FOLEY, M. L.; POON, R. A.; PRUD'HOMME-GÉNEREUX, A. **The modern caveman's dilemma**: Who should eat the paleo diet? Buffalo, NY: The National Center for Case Study Teaching in Science, University at Buffalo, 2014.

HERREID, C. F. Cooking with Betty Crocker: A recipe for case writing. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 29, p. 156-158, 1999.

HERREID, C. F. When justice peeks: Evaluating students in case study teaching. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 30, p. 430-433, 2001.

HERREID, C. F. (ed.). **Start with a story**: The case study method of teaching college science. Arlington, VA: NSTA Press, 2007.

HERREID, C. F. *et al.* My favorite case and what makes it so. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 70-75, 2012.

LORD, T. Revisiting the cone of learning: Is it a reliable way to link instruction method with knowledge recall? **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 14-17, 2007.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, A. Involving freshmen nonscience majors in case writing: Lessons learned. **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 42, n. 6, p. 58-64, 2013.

Annie Prud'homme-Généreux (apg@questu.ca) é Founding Professor em Ciências da Vida na Quest University Canada em Squamish, Colúmbia Britânica, Canadá.

QUADRO A1

Passo a passo para ajudar os alunos a escreverem seus estudos de caso. Como a maioria dos alunos não está familiarizada com o formato do estudo de caso, eles devem ser cuidadosamente orientados durante a atividade. As etapas descritas a seguir garantem que, quando os alunos escreverem seus rascunhos, eles estejam confiantes sobre o formato e tenham recebido orientação individual suficiente para se concentrarem nas especificidades de seus casos.

Etapas	Ação do instrutor	Ação do estudante
Apresentar a atividade	• Forneça justificativas para o uso de estudos de caso como ferramenta de aprendizagem em sala de aula • Forneça objetivos e justificativa para a atribuição da atividade de escrita de um estudo de caso; • Forneça um panorama da atividade, entregas, prazos e rubrica de avaliação; • Forneça lista de tópicos sugeridos.	
Experienciar estudos de caso	• Ensine-os o curso por meio de estudos de caso; • Garanta que diferentes formatos sejam utilizados (por exemplo, caso interrompido, debate íntimo, quebra-cabeça); • No final de cada caso, oriente-os a refletirem sobre os elementos do caso que o tornaram eficaz e como ele poderia ser melhorado.	• Participe dos casos, conheça o conteúdo, compare os diferentes formatos de estudos de caso; • Reconheça elementos de um caso eficaz e erros a evitar na criação de um.
Formar equipes	• Garanta que cada equipe esteja buscando um tema diferente e adequado (para o curso e que se preste a um estudo de caso)	• Forme equipes; • Escolha o tópico e informe ao instrutor; • Divida a pesquisa de antecedentes.
Tópico de pesquisa	• Avalie o relatório resumido e forneça feedback	• Pesquise individualmente um tópico; • Produza um relatório resumido.
Perfil do estudo de caso		• Leia o relatório resumido de cada membro da equipe; • Discuta e depois escreva o perfil do caso.

Passo a passo para ajudar os alunos a escreverem seus estudos de caso. Como a maioria dos alunos não está familiarizada com o formato do estudo de caso, eles devem ser cuidadosamente orientados durante a atividade. As etapas descritas a seguir garantem que, quando os alunos escreverem seus rascunhos, eles estejam confiantes sobre o formato e tenham recebido orientação individual suficiente para se concentrarem nas especificidades de seus casos.		
Etapas	Ação do instrutor	Ação do estudante
Reuniões individuais	• Leia o perfil do caso; • reúna-se com cada equipe por 30 minutos; • identifique o formato de caso adequado (ver Quadro A4); • descreva o formato do caso para a equipe, debata e delineie o estudo de caso específico (por exemplo, o que entra em cada seção), e identifique possíveis armadilhas; • observe se toda a equipe vem preparada para a reunião com um perfil detalhado e bem desenvolvido (isso será levado em consideração na avaliação);	• Faça um “argumento de venda” para duas narrativas alternativas para o caso proposto; • Envie rascunho do estudo de caso (recursos visuais incluídos, mas notas de ensino e gabarito não são obrigatórios); • revise com base no feedback • descreva onde e como o caso mudou em resposta ao feedback.
Rascunho do estudo de caso	• forneça feedback sobre o estudo de caso.	
Ensinar estudo de caso	• discuta diretamente em sala de aula a respeito da eficácia do caso (este é um feedback para os autores do caso).	• dê uma aula usando estudo de caso; • observe a resposta do aluno ao caso (observe erros ou falhas no caso).

Passo a passo para ajudar os alunos a escreverem seus estudos de caso. Como a maioria dos alunos não está familiarizada com o formato do estudo de caso, eles devem ser cuidadosamente orientados durante a atividade. As etapas descritas a seguir garantem que, quando os alunos escreverem seus rascunhos, eles estejam confiantes sobre o formato e tenham recebido orientação individual suficiente para se concentrarem nas especificidades de seus casos.

Etapas	Ação do instrutor	Ação do estudante
Envio do caso final	• avalie a atividade usando a rubrica de avaliação	• use o feedback da sala de aula para revisar o estudo de caso; • descreva onde o caso mudou (e os motivos da mudança) na resposta ao feedback; • escreva o gabarito; • escreva notas de ensino; • envie estudo de caso final, gabarito, notas de ensino e resposta ao feedback.
Uso e compartilhamento de excelentes casos (opcional)	• Identifique casos excelentes, obtenha permissão de usá-los e revise-os para melhorar o rigor acadêmico; • use-os em cursos futuros e considere submetê-los à coleção de casos NCSTS.	

QUADRO A2

Entregas. Existem cinco resultados de entrega para este projeto: o relatório resumido, o perfil do caso, o rascunho do estudo de caso, a apresentação do estudo de caso e a entrega final (que inclui o estudo de caso final, o gabarito de respostas, as notas de ensino e a resposta ao feedback). As informações a seguir fornecem detalhes sobre cada entrega. Os professores podem usar essas informações para criar instruções personalizadas para seus alunos.

Relatório resumido

Tarefa individual

20% da nota da atividade

Cada aluno deve pesquisar um tema. Espera-se que os alunos se envolvam em pesquisas substanciais, as quais podem ser definidas de forma apropriada pelos professores de acordo com cada curso (por exemplo, incluir um mínimo de dez artigos revisados por pares e cinco websites). A pesquisa deve ser feita usando uma variedade de fontes, incluindo, mas não se limitando, a fontes acadêmicas. O resultado consiste em duas partes: uma bibliografia comentada e um resumo da pesquisa.

Bibliografia anotada

Cada uma das obras consultadas é devidamente citada e seguida de uma breve descrição do recurso. A descrição deve ter de um a dois parágrafos. O texto deve enfatizar possíveis conexões e usos no estudo de caso.

Resumo da pesquisa

Refere-se a um artigo de pesquisa de duas páginas (espaçamento simples) que resume o que foi aprendido. Isso exige dos alunos ir além da bibliografia anotada para organizar o conhecimento e extrair uma tese.

Perfil do caso

Atribuição de equipe

Enviado antes da reunião individual

20% da nota da atividade (este trabalho é avaliado como aprovado/reprovado, sendo que a aprovação significa que a nota desta tarefa é a mesma da entrega final)

Um documento por equipe:

- identifique o conceito central que você deseja ensinar (uma frase);
- defina cinco conceitos necessários para compreender o conceito central (tópicos);
- descreva duas narrativas potenciais (um parágrafo cada);
- identifique os dez principais recursos com uma descrição de uma a duas frases para cada um.

Entregas. Existem cinco resultados de entrega para este projeto: o relatório resumido, o perfil do caso, o rascunho do estudo de caso, a apresentação do estudo de caso e a entrega final (que inclui o estudo de caso final, o gabarito de respostas, as notas de ensino e a resposta ao feedback). As informações a seguir fornecem detalhes sobre cada entrega. Os professores podem usar essas informações para criar instruções personalizadas para seus alunos.

Rascunho do estudo de caso

Atribuição de equipe enviada para feedback

20% da nota da atividade (este trabalho é avaliado como Aprovado/Reprovado, aprovação significa que a nota desta tarefa é a mesma da entrega final)

Embora seja chamado de “rascunho” do estudo de caso, ele deve ser tratado como um produto, tanto quanto os estudantes conseguem desenvolver sem feedback. Deve incluir todos os elementos necessários, como perguntas, figuras e referências. Deve ser bom o suficiente para ser apresentado. O objetivo desse rascunho é permitir ao instrutor usar sua experiência de ensino para fornecer feedback sobre o caso, sua estrutura, precisão, eficácia das perguntas e estrutura narrativa.

Apresentação do estudo de caso

Atribuição de equipe

20% da nota da atividade (este trabalho é avaliado como Aprovado/Reprovado, aprovação significa que a nota desta tarefa é a mesma da entrega final)

Cada equipe terá uma hora para ensinar seu caso à turma. O objetivo deste exercício não é demonstrar habilidades de ensino, mas sim obter feedback sobre o caso.

Cada membro deve contribuir igualmente para esta etapa. Em turmas grandes, os instrutores podem dividir os alunos em grupos menores ou pedir aos alunos que produzam casos mais curtos e preparem uma apresentação de 30 minutos.

Entregas. Existem cinco resultados de entrega para este projeto: o relatório resumido, o perfil do caso, o rascunho do estudo de caso, a apresentação do estudo de caso e a entrega final (que inclui o estudo de caso final, o gabarito de respostas, as notas de ensino e a resposta ao feedback). As informações a seguir fornecem detalhes sobre cada entrega. Os professores podem usar essas informações para criar instruções personalizadas para seus alunos.

Entrega final

Atribuição de equipe

Nota do grupo, que pode ser ajustada para cada aluno com base na avaliação por pares

20% da nota da atividade

Esta submissão final consiste em quatro documentos: o caso final, o gabarito de respostas, as notas de ensino e a resposta ao feedback.

Estudo de caso final

O estudo de caso consiste no material pedagógico que é distribuído para a turma. Pode consistir em folhetos ou em uma apresentação de slides. Esse material deve ser suficiente para ministrar uma aula de uma hora. Todas as informações devem ser referenciadas. Sempre que possível, os alunos deverão criar seus próprios gráficos, produzindo-os do zero ou adaptando figuras existentes à finalidade do caso.

Gabarito de respostas

O gabarito de respostas fornece uma resposta abrangente a cada uma das questões colocadas no caso. “Abrangente” significa que as respostas são escritas em frases completas, as quais incluem informações contextuais úteis para um instrutor na condução da discussão em classe quando esta questão é discutida. Observe que certos tipos de casos, como o debate íntimo, não possuem perguntas para responder. Contudo, os autores podem apresentar uma lista estruturada de argumentos ou questões que provavelmente serão levantadas por cada lado do debate.

Notas de ensino

Este documento é composto de duas seções. A primeira contém os objetivos de aprendizagem do caso. Para casos interrompidos, os alunos devem escrever um objetivo de aprendizagem para cada seção do caso. A segunda seção abarca o gerenciamento da sala de aula por meio de um guia com o passo a passo para usar esse caso em uma aula. Ele pode incluir informações sobre quanto tempo dedicar a cada seção, o que o público achou mais desafiador etc.

Resposta ao feedback

Os alunos anotam onde usaram o feedback (do professor ou da classe) para melhorar seu caso. Este relatório deve incluir uma breve justificativa para cada mudança feita. Esse requisito foi adicionado depois de observar que os alunos não estavam usando o feedback extensivo recebido ao longo da atividade.

QUADRO A3

Lista de tópicos para estudos de caso de Nutrição. Esta lista abreviada ilustra o tipo de ideias que são propostas aos alunos para seu estudo de caso. Este exemplo foi sugerido aos alunos do segundo ano do curso de Nutrição.

- O que causa a obesidade? É devido a comer demais e à inatividade? Deve-se à composição da microbiota intestinal? À composição da dieta? Predisposição genética? Modificações epigenéticas? Uma praga infecciosa provocada por um vírus? Hora do dia em que os alimentos são consumidos? Outra coisa?
- Cada vez mais as pessoas afirmam serem sensíveis ao glúten (sensibilidade ao glúten, não celiaca). Existe alguma evidência da existência de sensibilidade ao glúten? O que provavelmente está causando o aumento no diagnóstico?
- O que é melhor para sua saúde: uma dieta baseada em vegetais e rica em carboidratos complexos ou uma dieta pobre em carboidratos (por exemplo, dieta Atkins)?
- É uma boa ideia tomar um suplemento multivitamínico todos os dias como “prevenção” para afastar o risco de deficiências e doenças crônicas?
- O xarope de milho, rico em frutose, é mais prejudicial à saúde do que uma quantidade equivalente de açúcar de mesa?
- As doses diárias recomendadas de vitamina D são adequadas?

QUADRO A4

Guia de seleção de formato de caso. A seguir está um guia proposto para selecionar o formato para um caso. Ele está estruturado como uma chave dicotômica. Respostas sim/não a cada pergunta sobre o uso pretendido, objetivos e estrutura narrativa do caso orientam o usuário através de alguns dos formatos mais comuns. Os professores podem converter essa chave em um fluxograma que conterá menos informações, mas pode ser mais fácil de usar como referência em reuniões com os alunos.

1. O enredo está centrado em dois (e apenas dois) “lados” que se opõem de alguma forma (por exemplo, duas hipóteses distintas, duas interpretações), cada um com seu mérito e sobre os quais não existe uma escolha clara?

a. Se **SIM**, considere um **DEBATE ÍNTIMO**.

b. Se **NÃO**, vá para 2.

2. O arco narrativo gira em torno de uma comparação de vários (mais de dois) pontos de vista ou hipóteses diferentes, cada um com seu próprio conjunto de justificativas ou hipóteses de apoio?

a. Se **SIM**, vá para 3.

b. Se **NÃO**, vá para 4.

3. Os pontos de vista ou hipóteses separadas podem ser capturados ou representados por pessoas diferentes (e os estudantes se beneficiariam ao se colocarem no lugar destas pessoas)?

a. Se **SIM**, então considere uma **DRAMATIZAÇÃO**.

b. Se **NÃO**, então considere um **QUEBRA-CABEÇA**.

4. O objetivo principal do seu estudo de caso é discutir ou explorar o contexto ou as implicações de um tópico científico específico (para o qual não há necessariamente uma resposta correta) em vez de focar no tópico científico em si (por exemplo, explorar o cenário ético da fertilização *in vitro* em vez de compreender as técnicas de fertilização *in vitro*)?

a. Se **SIM**, considere uma **DISCUSSÃO**.

b. Se **NÃO**, vá para 5.

5. Espera-se que os alunos se envolvam em uma quantidade significativa de pesquisas (possivelmente fora da aula) para encontrar informações relevantes para a resolução do caso (em vez de receberem todas as informações necessárias como parte do caso)?

a. Se **SIM**, então considere **APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS (PBL)**.

b. Se **NÃO**, vá para 6.

6. O objetivo dos alunos é examinar como uma descoberta (ou uma série de descobertas intimamente relacionadas) foi feita?

a. Se **SIM**, então considere um **CASO DE DIÁRIO**.

b. Se **NÃO**, vá para 7.

7. Você planeja fornecer as informações da história em uma palestra?

a. Se **SIM**, então **CLIQUE**.

b. Se **NÃO**, então **CASO INTERROMPIDO**.

QUADRO A5

Rubrica de avaliação para a entrega final. A rubrica usada para avaliar a entrega final descreve as características do desempenho de nível especialista (que receberia nota máxima) e desempenho de nível iniciante (que receberia nota de aprovação). Notas inferiores à nota de aprovação são possíveis se os critérios de iniciante não forem atendidos. Essa rubrica determina a nota do grupo, mas pode ser ajustada para cada indivíduo com base na avaliação dos pares.			
Elemento	Pontuação máxima	Iniciante (requisito mínimo para obter uma nota de aprovação)	Especialista (descrição dos critérios para uma nota completa)
Objetivos e organização	2	Pode haver seções tangenciais do caso, mas, no geral, o objetivo principal de aprendizagem é mantido em foco. Embora haja um tema coerente unindo cada seção, a conexão entre as seções pode precisar de incremento. Por exemplo, uma seção projetada para garantir que os alunos tenham conhecimento de fundo apropriado pode não se referir à narrativa do caso.	O caso tem como alvo um objetivo de aprendizagem claro e cada seção do caso serve para atingir esse objetivo. A informação flui de uma seção para outra e há um enredo coerente em todo o caso. Cada seção se baseia e depende das informações aprendidas na seção anterior. Não há repetição; em vez disso, a compreensão do leitor se aprofunda a cada passo.
Clareza na escrita	2	Podem ocorrer alguns erros gramaticais e ortográficos, mas a intenção do autor é comunicada e o leitor entende o texto.	O texto está livre de erros gramaticais e ortográficos. Palavras técnicas são definidas e usadas adequadamente. A escrita é concisa e não repete a mesma informação duas vezes.

Rubrica de avaliação para a entrega final. A rubrica usada para avaliar a entrega final descreve as características do desempenho de nível especialista (que receberia nota máxima) e desempenho de nível iniciante (que receberia nota de aprovação). Notas inferiores à nota de aprovação são possíveis se os critérios de iniciante não forem atendidos. Essa rubrica determina a nota do grupo, mas pode ser ajustada para cada indivíduo com base na avaliação dos pares.			
Elemento	Pontuação máxima	Iniciante (requisito mínimo para obter uma nota de aprovação)	Especialista (descrição dos critérios para uma nota completa)
Narrativa engajante	1	O enredo apresenta um problema ou dilema que será de interesse para um subconjunto de alunos (por exemplo, um caso que interessará apenas aos atletas). Embora o caso possa não ter base em eventos reais, é apresentado como uma história plausível.	O enredo desperta a curiosidade e o desejo de explorar o tema com mais profundidade. A história é baseada em eventos reais. O caso integra artefatos autênticos, como trechos de artigos de notícias, para enfatizar a relevância do caso. Escolhas estilísticas, como o uso de narrativas em primeira pessoa ou diálogos, aumentam o interesse pelo caso.
Rigor acadêmico	6	As informações apresentadas no caso são precisas (contendo pequenos erros que não afetam o objetivo de aprendizagem do caso). O caso demonstra que os autores conhecem o tema, tanto na literatura de pesquisa quanto no tipo de informação que está disponível ao público em geral.	As informações apresentadas no caso são precisas. O caso demonstra que os autores têm conhecimento do tema. Os autores demonstram que avaliaram criticamente as evidências apresentadas. O caso mostra a capacidade dos autores de compreender o contexto e as implicações do tema de pesquisa.

Rubrica de avaliação para a entrega final. A rubrica usada para avaliar a entrega final descreve as características do desempenho de nível especialista (que receberia nota máxima) e desempenho de nível iniciante (que receberia nota de aprovação). Notas inferiores à nota de aprovação são possíveis se os critérios de iniciante não forem atendidos. Essa rubrica determina a nota do grupo, mas pode ser ajustada para cada indivíduo com base na avaliação dos pares.			
Elemento	Pontuação máxima	Iniciante (requisito mínimo para obter uma nota de aprovação)	Especialista (descrição dos critérios para uma nota completa)
Efetividade dos questionamentos	3	As perguntas servem principalmente como meio de testar se os alunos compreenderam as informações fornecidas no caso. As respostas podem ser encontradas diretamente no estudo de caso (ou seja, não exigem que os leitores gerem novas informações ou pensem criticamente). As perguntas são independentes e não antecipam a próxima seção do estudo de caso nem se complementam.	As perguntas incluídas no fim de cada seção do caso estimulam um pensamento mais profundo e forçam os leitores a anteciparem o próximo passo e a “pensarem como um cientista”. As perguntas são desafiadoras, mas factíveis, na medida em que os leitores têm informações suficientes para respondê-las. As perguntas forçam os leitores a pensarem profundamente e não são simplesmente perguntas de recordação. Para conceitos particularmente difíceis, as perguntas são sequenciadas e construídas umas sobre as outras para orientar os leitores ao resultado desejado.

Rubrica de avaliação para a entrega final. A rubrica usada para avaliar a entrega final descreve as características do desempenho de nível especialista (que receberia nota máxima) e desempenho de nível iniciante (que receberia nota de aprovação). Notas inferiores à nota de aprovação são possíveis se os critérios de iniciante não forem atendidos. Essa rubrica determina a nota do grupo, mas pode ser ajustada para cada indivíduo com base na avaliação dos pares.			
Elemento	Pontuação máxima	Iniciante (requisito mínimo para obter uma nota de aprovação)	Especialista (descrição dos critérios para uma nota completa)
Integridade do estudo de caso	5	Todos os materiais de apoio estão incluídos (gabarito de respostas, notas de ensino e resposta ao feedback). A maior parte das informações mencionadas no estudo de caso é citada, embora haja algumas pequenas omissões. Quando apropriado, os recursos visuais melhoram o estudo de caso. Os recursos visuais foram obtidos de outras fontes e nenhum esforço foi feito para adaptá-los ao propósito desse caso (por exemplo, os recursos visuais não foram simplificados para focar nos objetivos do caso). O gabarito fornece respostas rudimentares, mas corretas, para cada pergunta. As notas de ensino fornecem informações básicas sobre a sequência de etapas e o tempo alocado para cada seção do caso.	Todas as informações são rigorosamente citadas no caso. Sempre que possível, os autores produziram figuras originais para o caso. Quando recursos visuais existentes são incluídos, eles são referenciados adequadamente. Todos os materiais de apoio estão incluídos (gabarito de respostas, notas de ensino e resposta ao feedback). Esses documentos são escritos de forma completa e diligente. Por exemplo, o gabarito não contém apenas as respostas corretas, mas também fornece explicações gráficas de apoio e informações básicas que podem ajudar um professor a conduzir uma discussão em classe com confiança. As notas de ensino contêm informações não apenas sobre como conduzir o caso em sala de aula, mas também sobre onde os leitores encontraram dificuldades e como mitigar cada desafio.

Rubrica de avaliação para a entrega final. A rubrica usada para avaliar a entrega final descreve as características do desempenho de nível especialista (que receberia nota máxima) e desempenho de nível iniciante (que receberia nota de aprovação). Notas inferiores à nota de aprovação são possíveis se os critérios de iniciante não forem atendidos. Essa rubrica determina a nota do grupo, mas pode ser ajustada para cada indivíduo com base na avaliação dos pares.			
Elemento	Pontuação máxima	Iniciante (requisito mínimo para obter uma nota de aprovação)	Especialista (descrição dos critérios para uma nota completa)
Resposta ao feedback	1	O caso foi modificado entre seu rascunho e sua versão final para abordar as maiores críticas ou armadilhas. O documento de resposta ao feedback destaca onde as alterações foram feitas, mas não fornece nenhuma justificativa que explique as escolhas feitas.	Há uma melhoria significativa entre a versão preliminar do caso e a apresentação final. O documento de resposta ao feedback é abrangente na identificação de como o caso foi alterado em resposta a qual feedback e explica o raciocínio por trás de cada decisão tomada para modificar o caso.

CAPÍTULO II

APRENDER E ENSINAR COM ESTUDOS DE CASO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO SUPERIOR¹

Vivian Maria Korb

Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau

Inglyde Jeane da Silva Vieira

Frente às mudanças cada vez mais rápidas no mundo, faz-se necessário que as práticas educacionais do ensino superior acompanhem as novas demandas sociais e profissionais. Formar profissionais habilitados não é mais sinônimo de conhecimento técnico, mas abrange uma gama de outras habilidades relacionadas ao pensamento crítico e socioemocional (Lacerda; Santos, 2018).

Buscando acompanhar tais mudanças e novas demandas, as instituições de ensino superior vêm revendo seus currículos e práticas, com vistas a abraçar as metodologias ativas de aprendizagem. Estas são tidas como possíveis caminhos para uma formação mais completa e alinhada com as expectativas do mercado de trabalho atual. Elas colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, em posição de protagonista, gerando maior motivação e engajamento.

¹ Este texto foi originalmente apresentado no XVI Congresso Nacional de Educação – Educere, realizado na cidade de Curitiba, PR no ano de 2023 e publicado em seus anais. Disponível em: <https://eventum.pucpr.br/files/170835234470716d44c43-a8be-44a8-a19b-625269a7d14c>. O artigo, elaborado pelas organizadoras desta obra, sistematiza a experiência vivida em uma disciplina de metodologias ativas, também ministrada por elas. Nessa disciplina, a proposta de escrita de estudos de caso foi incorporada como parte da metodologia, configurando-se como uma estratégia de aprendizagem ativa voltada à formação de professores. Reproduzimos aqui o texto do artigo, com pequenas adaptações editoriais, por compreendermos sua relevância como parte inicial do desenvolvimento do projeto deste livro. Ele oferece uma contextualização da experiência formativa que originou a proposta ora compartilhada, apresentando o percurso, os fundamentos e as etapas que culminaram na produção dos estudos de caso que compõem os capítulos seguintes.

Alinhado a tal cenário de inovação da prática pedagógica, o presente relato de experiência tem por objetivo compartilhar os resultados e observações obtidos pela aplicação da metodologia ativa de aprendizagem conhecida como Estudo de Caso em uma disciplina centrada em metodologias ativas de aprendizagem ministrada em uma instituição de ensino superior (IES) no estado do Paraná. Esse relato é compartilhado a fim de agregar aos debates entorno da utilização de metodologias ativas de aprendizagem no ensino superior.

AS METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

A prática pedagógica no ensino superior, assim como nos demais contextos de ensino, enfrenta o constante desafio de reinventar e ressignificar suas práticas frente às novas demandas sociais, políticas e econômicas. Diante do cenário atual, destacam-se os desafios colocados pelos acelerados avanços tecnológicos, tais como a disponibilidade de informações *online* e a interconectividade global, e pela emergência de um novo paradigma social, pautado em uma sociedade da informação (Coutinho; Lisbôa, 2011).

Frente a tais mudanças, o mundo do trabalho exige cada vez mais da qualificação profissional, pressionando diretamente o ensino superior (Lacerda; Santos, 2018). Espera-se a formação de um profissional com habilidades para participar e interagir em um mundo global e altamente competitivo, que valoriza a flexibilidade, a criatividade e a capacidade de encontrar soluções inovadoras para os problemas do futuro (Coutinho; Lisbôa, 2011).

Compreende-se que a aprendizagem não é um processo estático, mas sim algo que deve ocorrer ao longo de toda a vida (Coutinho; Lisbôa, 2011). Os educadores precisam estar atualizados em relação às demandas do mundo do trabalho e fornecer aos estudantes, para além do conhecimento técnico e científico relevante à área de estudo, uma vasta

gama de habilidades, como pensamento crítico, coletivo e interdisciplinar, resolução de problemas, trabalho em equipe e adaptabilidade (Lacerda; Santos, 2018).

Logo, faz-se necessária a ressignificação da práxis pedagógica do ensino superior, posto que as abordagens tradicionais falham em atender às demandas específicas da sociedade contemporânea (Lacerda; Santos, 2018). Em meio a tal conjuntura, inserem-se as discussões acerca das metodologias ativas de aprendizagem, tidas como uma possibilidade para substituir a estrutura expositiva tradicional, ainda dominante nos cenários do ensino superior (Lacerda; Santos, 2018).

Consolidando-se a partir da agregação de diferentes correntes teóricas, com marcos que remontam ao século XVI, os métodos inovadores de aprendizagem sempre estiveram presentes, pois são concepções construídas historicamente, repensadas e reconstruídas dialogicamente (Schlichting; Heinzle, 2020). Eles ganham destaque no Brasil em meados dos anos 1960 e 1970, quando crescem as críticas à pedagogia tradicional e se expande o debate em torno das metodologias ativas de aprendizagem (Schlichting; Heinzle, 2020).

As metodologias ativas podem ser compreendidas como um conjunto de orientações pedagógico-metodológicas, a partir das quais o estudante é posto no centro do processo de aprendizagem, como sujeito ativo no processo formativo (Lacerda; Santos; Schlichting; Heinzle, 2020).

Essas metodologias incluem diversas propostas que possibilitam engajar os estudantes no processo de aprendizagem para além da leitura, escrita e memorização, compreendendo o conhecimento de forma mais completa e integrada. Dentre algumas das mais conhecidas, pode-se citar a aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem por pares, aprendizagem baseada em equipes, estudos de caso, gamificação, entre outras (Lacerda; Santos, 2018).

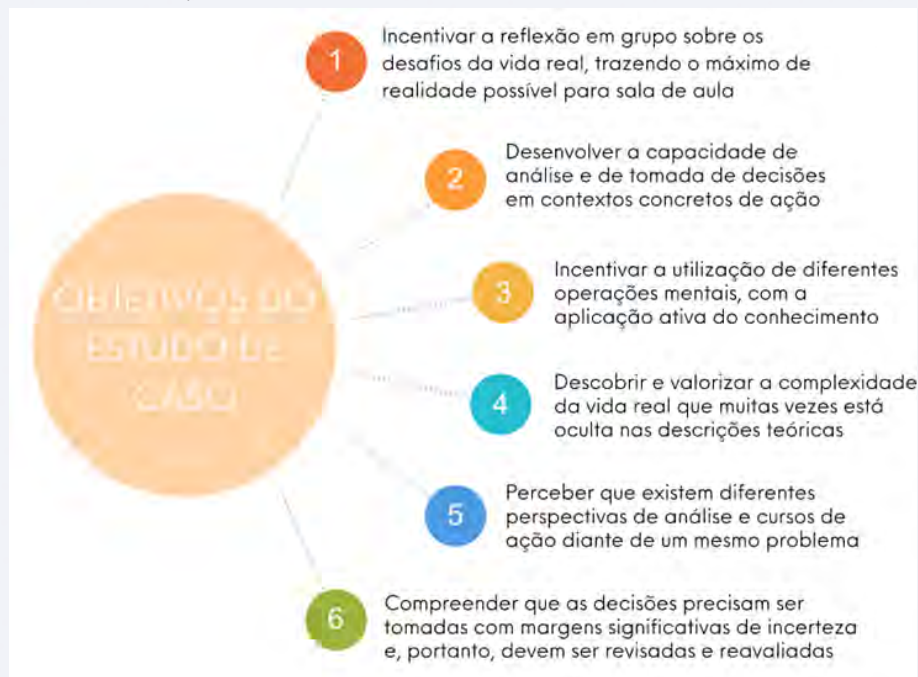
O ESTUDO DE CASO COMO METODOLOGIA ATIVA DE APRENDIZAGEM

O estudo de caso se populariza como um método de formação profissional nas IES dos Estados Unidos da América em meados dos anos 1980 (Álvarez, 2006), tomando por base a já existente metodologia de pesquisa de mesmo nome. A pesquisa utilizando a metodologia de estudo de caso está entre uma das primeiras a ganhar destaque entre os estudos qualitativos, principalmente nas áreas da psicologia, medicina, sociologia, direito e ciências políticas (Creswell, 2014). Nela, o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real, por um determinado período, coletando dados de múltiplas fontes de informação, descrevendo e relatando os temas observados (Creswell, 2014).

Do ponto de vista educacional, na qualidade de uma metodologia ativa de aprendizagem, o estudo de caso preserva sua característica enquanto facilitador da compreensão de um acontecimento real, ampliando as experiências do leitor e seus conhecimentos acerca de um caso particular, oferecendo clareza sobre uma questão ou um aspecto teórico específico (Álvarez, 2006).

Além disso, o estudo de caso apresenta objetivos formativos (Ilustração 1) condizentes com uma prática educativa no ensino superior que prepare os estudantes, futuros profissionais, para as demandas atuais do mundo, apresentando-se como uma ferramenta ímpar para o processo de ensino e aprendizagem.

Ilustração 1 – Objetivos formativos do estudo de caso



Fonte: as autoras com base em Álvarez (2006).

Como ferramenta educacional, os casos se caracterizam por sua estrutura narrativa, incluindo informações psicológicas, sociológicas, científicas, antropológicas e históricas de determinado acontecimento (Wassermann, 2006). Eles são representações verbais da realidade, as quais colocam o leitor no lugar de participante do fato abordado (Ellet, 2018).

Mesmo concentrando-se em áreas temáticas específicas – por exemplo, história, direito, enfermagem *etc.* – os casos são, por natureza, interdisciplinares, propondo-se a olhar para determinado problema ou acontecimento de maneira aprofundada e holística (Wassermann, 2006).

O objeto de um caso pode variar desde a experiência de um único indivíduo ou entidade até de uma nação inteira, compondo-se de uma única página ou de mais de uma dezena (Ellet, 2018). Mas, mesmo

apresentando diferentes formatos, os casos têm um objetivo em comum: representar a realidade com todos os seus vieses e arestas (Ellet, 2018).

O estudo de caso descreve situações reais sobre as quais as pessoas têm diferentes opiniões e pontos de vista, logo, um bom caso não apresenta uma conclusão fechada nem uma resposta certa ao final (Ellet, 2018). Os personagens do caso podem expressar opiniões fortes, mas o leitor deve considerar seus pontos de vista em relação ao de outros personagens e informações sobre o caso (Ellet, 2018). O leitor deve chegar a sua própria conclusão, assim como faz em situações da vida real, sem existir uma resposta certa ao problema apresentado.

Assim, ao final de cada caso, são propostas perguntas críticas ao leitor, instigando debates e discussões (Wassermann, 2006). Elas não têm uma resposta única, incentivando os estudantes a examinar ideias, noções e problemas importantes relacionados ao caso, acerca dos quais o leitor está munido a partir das informações colhidas ao longo da narrativa (Wassermann, 2006).

As perguntas críticas, em contraponto àquelas que exigem a memorização de fatos e produção de respostas específicas, demandam dos leitores pensar de forma inteligente sobre os problemas, aplicando seus conhecimentos para examiná-los, analisar seus dados e propor soluções (Wassermann, 2006).

Para além das habilidades necessárias à resolução de um estudo de caso, sua criação também propicia o desenvolvimento de habilidades que se encontram no cerne do ensino superior, como aprender a pesquisar, avaliar, sintetizar e comunicar o conhecimento colhido em diferentes fontes (Prud'homme-Généreux, 2015).

Além disso, dentre os objetivos educacionais, o processo de criação está entre o mais alto nível cognitivo, envolvendo, também, a geração de hipóteses, planejamento e produção (Anderson *et al.*, 2001). Na criação, os estudantes juntam elementos, antes sem clareza estrutural, para formar um todo coerente, permitindo que se crie um produto, reorganizando

mentalmente elementos e coordenando experiências anteriores de aprendizagem (Anderson *et al.*, 2001).

Logo, a produção de um estudo de caso apresenta benefícios ao ensino e à aprendizagem no ensino superior, desenvolvendo habilidades de alto nível cognitivo, necessárias à formação profissional.

A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR ESTUDOS DE CASO NO ENSINO SUPERIOR

A experiência de ensinar estudos de caso ocorreu como parte das atividades planejadas para uma disciplina de metodologias ativas de aprendizagem em uma IES, com estudantes de diferentes cursos de licenciatura: História, Filosofia, Letras e Pedagogia. O curso ocorreu durante um semestre, totalizando 40 horas, e contemplou três metodologias ativas de aprendizagem: sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas e estudo de caso. Cada uma foi abordada a partir de sua própria metodologia de ensino, incentivando os estudantes a se aprofundarem nas estratégias, participando ativamente do processo, conforme proposta apresentada na ementa da disciplina (Ilustração 2).

Figura 2 – Ementa da disciplina

1. Ementa

Esta disciplina, ofertada aos estudantes das Licenciaturas, trata de metodologias para aprendizagem ativa. Nela, os estudantes aprendem a desenvolver alguns aspectos requeridos à formação de professores no que tange saberes docentes relacionados às diferentes propostas colaborativas e interativas na formação e prática docente. Ao final desta disciplina, o estudante é capaz de planejar estratégias de ensino pautadas nas metodologias para a aprendizagem ativa.

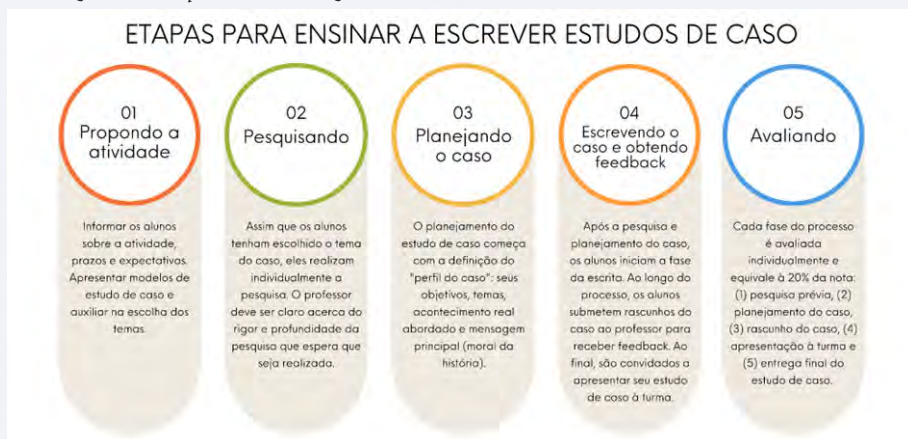
Fonte: plano de ensino da disciplina (2022).

O aprofundamento acerca da metodologia do estudo de caso teve como principal referência o artigo de 2015 da pesquisadora canadense Annie Prud'homme-Généreux, *“A step-by-step guide to students writing case studies (and tools for novice case authors)”*, no qual a autora descreve sua experiência e ferramentas desenvolvidas ao longo dos anos em que

propôs a produção de estudos de caso como instrumento de avaliação de seus estudantes do ensino superior (Prud'homme-Généreux, 2015). Prud'homme-Généreux foi convidada para escrever o prefácio ter seu artigo, mencionado acima, traduzido para o português neste livro.

Assim, a metodologia ativa de aprendizagem estudo de caso foi trabalhada na disciplina a partir da proposta de produção de casos pelos estudantes, seguindo as etapas (Ilustração 3) apresentadas pela autora (Prud'homme-Généreux, 2015): (1) proposta da atividade, (2) fase de pesquisa, (3) planejamento do caso, (4) escrita do caso e *feedback* e (5) avaliação.

Ilustração 3 – Etapas na elaboração do estudo de caso



Fonte: as autoras com base em Prud'homme-Généreux (2015).

No que difere das etapas apresentadas, a proposta de produção de um estudo de caso não compôs o quadro geral de avaliação da disciplina, somente uma parte deste, que também contava com a avaliação de atividades relacionadas às demais metodologias ativas contempladas. Logo, o tempo destinado à realização da atividade foi consideravelmente menor do que um semestre inteiro, totalizando uma média de dez horas.

A turma se dividiu em grupos e estes puderam escolher os temas a partir de seus interesses e áreas de formação particulares, sendo instruídos a realizarem pesquisas com rigor científico para fundamentação de seus casos. Além disso, propôs-se que os casos criados fossem destinados aos estudantes da educação básica, tendo em vista que a turma era composta por graduandos de três licenciaturas: Letras, História e Ciências Sociais.

Quanto à terceira etapa, do planejamento do estudo de caso, no que tange à definição dos objetivos dos casos que seriam produzidos, os estudantes foram instruídos a utilizar como ponto de partida a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta, pelas habilidades que propõe desenvolver, propicia e incentiva a interdisciplinaridade e a utilização de metodologias ativas na educação básica. Assim, os objetos do conhecimento e habilidades da BNCC foram utilizados para construção do “perfil do caso”.

No tocante à escrita dos casos, os discentes foram instruídos a adequarem a linguagem à faixa etária dos estudantes e a selecionarem materiais de apoio, igualmente adequados e validados, a fim de constarem como suporte aos estudantes. Prezou-se pela construção de narrativas fluidas, as quais prendessem a atenção dos alunos e os instigassem a pensar e debater o caso.

Ao fim do semestre, os estudantes foram convidados para uma “*caseathon*”, uma maratona de casos, em que se destinou uma manhã inteira para correção em conjunto e aperfeiçoamento dos casos produzidos pelos estudantes, contando com a ajuda de membros do Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (Cides).

Para a avaliação, elaborou-se uma rubrica, com critérios de avaliação baseados no artigo de Prud’homme-Généreux (2015). Esse material foi disponibilizado aos estudantes, os auxiliando na autocorreção da atividade realizada.

Também, ao final do semestre, os estudantes interessados foram convidados a participar da elaboração de um livro sobre estudos de caso - em fase de desenvolvimento - que contando com os casos produzidos na disciplina, servirá como um banco de estudos de casos para professores da educação básica.

RESULTADOS PROVISÓRIOS

A partir da proposta de produção de estudos de caso, os estudantes puderam se familiarizar de maneira aprofundada com essa metodologia ativa de aprendizagem. Além de vivenciarem os casos como leitores, também puderam participar da produção desses, aprendendo a metodologia a partir de outro ponto de vista.

Os estudantes puderam contextualizar e aprender o conteúdo e temática de interesse a partir de outra perspectiva, trabalhando de forma colaborativa para a criação do estudo de caso, planejando, pesquisando e escrevendo-o. Na dimensão mais alta do processo cognitivo, a atividade de criação dos casos, permitiu aos estudantes desenvolverem habilidades necessárias no mundo de trabalho atual.

Aos estudantes que se interessaram, propôs-se a participação em um livro em estágio de produção, que contará com o relato da experiência de ministrar a disciplina e ensinar a escrever estudos de caso, assim como dicas e instruções para aqueles que desejam escrevê-los. Porém, o cerne do livro será composto pelos estudos de caso para a educação básica, produzidos pelos estudantes e, então, disponibilizados para toda a comunidade de interesse, seja do ensino superior, sejam os professores da educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos têm uma inclinação natural para contar histórias e, na perspectiva educacional os estudos de caso são, essencialmente, histórias com uma mensagem educativa, o que os torna um excelente recurso de ensino, quando planejados de forma intencional. Eles auxiliam os estudantes a alcançarem os objetivos de aprendizagem, despertam seus interesses por determinado assunto e aumentam sua motivação para aprender mais sobre o tema.

Logo, os estudos de caso são importantes ferramentas educacionais, independente do contexto educacional, por sua perspectiva vinculada às metodologias ativas de aprendizagem.

A partir da experiência de construção de estudos de caso com os estudantes do ensino superior, percebe-se que ainda é um desafio engajar os estudantes na criação de materiais para a aplicação de uma metodologia na sala de aula da educação básica, que não contemple a experiência de aplicação do recurso criado. Uma alternativa para essa situação seria associar essa disciplina com a de estágio, pois por meio dela os estudantes poderiam levar essas práticas inovadoras para a sala de aula. Outro desafio se refere ao tempo de dedicação extraclasse necessário à implementação das etapas de elaboração do estudo de caso, que talvez possa ser minimizado com a atividade sendo validada em duas disciplinas correlatas: Metodologias Ativas e Estágio. Quanto à escrita dos casos, identificam-se dois desafios: a escrita propriamente dita, que concomitantemente é um desafio e uma aprendizagem necessária ao futuro professor; e o grande desafio que é a elaboração de casos que ao mesmo tempo estejam associados a problemas reais e sejam atemporais.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Armando Alonso. **Estudio de casos**: selección de lecturas. Ciudad de La Habana: Editorial Félix Varela, 2006.

ANDERSON, Lorin W. *et al.* **A taxonomy for learning, teaching and assessing**: a revision of Bloom's. [S. l.]: Pearson, 2001.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

ELLET, William. **The case study handbook**: a student's guide. Boston: Harvard Business, 2018.

LACERDA, Flávia Cristina Barbosa; SANTOS, Letícia Machado Dos. Integralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 611-627, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/JRjdzXYGrSdQSZmDxFQQwdM/?lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2023.

PRUD'HOMME-GÉNÉREUX, Annie. A Step-by-Step Guide to Students Writing Case Studies (and Tools for Novice Case Authors). **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 44, n. 6, p. 54-62, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43631998>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SCHLICHTING, Thais de Souza; HEINZLE, Marcia Regina Selpa. Metodologias ativas de aprendizagem na educação superior: aspectos históricos, princípios e propostas de implementação. **e-Curriculum**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 10-39, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/36099/31732>. Acesso em: 28 jun. 2023.

WASSERMANN, Selma. **El estudio de casos como metodo de enseñanza**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

CAPÍTULO III

UM MODELO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESTUDO DE CASO

Vivian Maria Korb

A escrita de estudos de caso como metodologia ativa de aprendizagem se mostrou uma estratégia efetiva para desenvolver habilidades de pesquisa, análise e comunicação entre os estudantes da graduação. Ao propor essa atividade aos estudantes, reconhecemos que muitos deles jamais haviam tido contato com esse gênero textual ou metodologia ativa de aprendizagem. Por isso, optamos por construir um estudo de caso modelo, a partir do qual os estudantes pudessem observar a estrutura básica de um caso, assim como suas características estilísticas, tipo de escrita e objetivo principal.

Neste capítulo, compartilhamos nossa experiência na elaboração desse estudo de caso modelo, além de como o artigo “A Step-by-Step Guide to Students Writing Case Studies (and Tools for Novice Case Authors)”, de Annie Prud’homme-Généreux (2015), nos auxiliou nesse processo. Apresentamos como as orientações da autora canadense foram traduzidas e ajustadas à prática pedagógica da disciplina, resultando na produção de estudos de caso pelos estudantes. Também compartilhamos, no próximo capítulo, o estudo de caso produzido como modelo – “O empréstimo do coração do Imperador”.

Além de ser utilizado como exemplo pelos estudantes, a elaboração do estudo de caso modelo permitiu experimentar o processo de escrita de forma reflexiva, antecipando dificuldades que poderiam surgir entre os alunos. A partir dessa vivência, elaboramos algumas estratégias e orientações de apoio, que serão compartilhadas ao longo do texto, juntamente com comentários sobre as decisões pedagógicas adotadas e as

adaptações realizadas a partir de Prud’homme-Généreux (2015), sempre com foco na formação docente e na aplicabilidade dos casos na Educação Básica brasileira. O artigo da autora foi disponibilizado aos estudantes, garantindo o alinhamento entre a proposta e a execução da atividade.

EM BUSCA DE UMA IDEIA

Prud’homme-Généreux (2015) salienta a importância da escolha do tópico a partir do qual será construído o estudo de caso, destacando como narrativas baseadas em eventos reais, com elementos de controvérsia, ambiguidade ou dilemas éticos, tendem a gerar maior engajamento. Por isso, incentivamos os estudantes a escolherem eventos noticiados nas redes sociais que despertassem curiosidade ou debate público. A liberdade dada aos estudantes na escolha do tema e do acontecimento real permitiu que se apropriassem do processo com mais autenticidade e engajamento.

Não delimitamos previamente um único tema, mas estabelecemos que o caso deveria estar relacionado à área de formação dos estudantes. Sugerimos dois caminhos possíveis: iniciar pela escolha do tema a ser tratado e depois apresentar o acontecimento real que o ilustrasse, ou partir de um acontecimento real e então selecionar um tema de estudo que pudesse emergir dele. Não existe um caminho certo, a escolha depende da familiaridade, dos interesses e dos objetivos dos autores, assim como de possíveis cenários de utilização do estudo de caso produzido.

A fim de incentivar a atualidade e a pertinência dos casos a discussões contemporâneas, sugerimos que os alunos pesquisassem por notícias que tivessem sido amplamente divulgadas em redes sociais, acessando, por exemplo, o “*trending topics*” do então Twitter, atual X. O próprio estudo de caso modelo, “O empréstimo do coração do Imperador”, foi utilizado como exemplo, visto que o acontecimento real que aborda foi escolhido a partir de um assunto que estava sendo amplamente comentado no X.

IMERSÃO NA PESQUISA

Depois de escolher o tema e o acontecimento real a partir dos quais seria construído o estudo de caso, teve-se início a fase de pesquisa. Inspiradas na proposta de Prud’homme-Généreux (2015), sugerimos aos estudantes que realizassem uma pesquisa diversificada, coletando referências tanto para compor a narrativa, quanto para subsidiar as perguntas propostas no estudo de caso.

Além da pesquisa por fontes acadêmicas, fundamentais para garantir a integridade conceitual do caso, também pedimos que buscassem fontes da cultura midiática, como notícias, postagens em redes sociais e vídeos que pudessem enriquecer a construção da narrativa do caso e apresentar diferentes perspectivas acerca do tema apresentado.

Reforçamos para os estudantes a importância referenciar corretamente todas as fontes de informação e dados apresentados, assegurando assim a credibilidade e o rigor acadêmico do estudo de caso produzido.

PLANEJANDO ESTUDOS DE CASO PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Considerando que o objetivo final dos estudos de caso produzidos seria sua utilização por professores da Educação Básica, decidimos incluir uma seção destinada a esses professores, a fim de favorecer a aplicabilidade do material. Assim, ampliamos o “perfil do caso” (*case outline*), proposto por Prud’homme-Généreux (2015), alinhando-o à realidade educacional brasileira.

Solicitamos que os estudantes indicassem os objetos de conhecimento e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino

Médio, articulando as situações abordadas nos estudos de caso aos conteúdos curriculares. Essa adaptação permitiu que o material final se configurasse não apenas como um exercício acadêmico, mas como um recurso pedagógico pronto para ser utilizado em sala de aula.

Além disso, o perfil do caso, como proposto pela autora canadense, também apresenta qual o tema do estudo de caso, o acontecimento real abordado e a moral da história. Devendo, estes três, estarem articulados entre si e com os objetos de conhecimento e habilidade da BNCC elencadas.

A escolha do acontecimento real, como já mencionado, deve levar em consideração sua pertinência para a discussão de questões atuais, bem como seu potencial para promover o debate e a reflexão crítica por parte dos leitores. O tema, em direta relação com o acontecimento real, corresponde ao conteúdo que será abordado e trabalhado ao longo do caso. Por fim, define-se também a moral da história, uma síntese do aprendizado que a narrativa e os questionamentos do caso proporcionam. Em resumo: o acontecimento real é o fato a ser abordado; o tema é o conteúdo que será explorado; e a moral da história representa o principal aprendizado pretendido.

A partir do perfil do caso também pudemos dar um primeiro *feedback* para os estudantes, uma vez que pedimos a eles que estruturassem suas ideias e nos apresentassem, explicando como pretendiam construir a narrativa do caso. Assim, pudemos avaliar a pertinência do tema escolhido, relação com o acontecimento real e articulação geral da narrativa do caso.

ESTRUTURA DO CASO

Para facilitar e orientar o processo de escrita dos estudantes, propusemos uma estrutura básica a ser seguida, adaptada da versão sugerida por Prud'homme-Généreux (2015), e ajustada ao contexto

de aplicação dos casos, a Educação Básica. A seguir, detalhamos seus componentes.

PARA O PROFESSOR

Os casos foram pensados como materiais pedagógicos, por isso, cada produção inicia com a seção inicial “perfil do caso” (Quadro 1), direcionado ao professor. O perfil – além do tema, acontecimento real e moral da história – contém também as áreas do conhecimento envolvidas, o ano ou a série de ensino sugerida para aplicação do caso e os objetivos de aprendizagem e habilidades relacionadas, com base na BNCC.

Essa seção visa facilitar a rápida compreensão da proposta didática e orientar sua implementação em sala de aula pelos professores.

Quadro 1 – Estrutura do perfil do caso

Perfil do caso		
Área		
Ano		
BNCC	Objetos do conhecimento	
	Habilidades	
Tema		
Acontecimento real		
Moral da história		

Fonte: a autora (2025).

INTRODUÇÃO

A introdução tem como função atrair o interesse do leitor. Para isso, os estudantes foram orientados a apresentar, de forma breve, o acontecimento real os possíveis conflitos, dilemas ou opiniões divergentes sobre o tema. Sugerimos que utilizassem uma linguagem acessível e

envolvente, criando um “gancho” narrativo que despertasse o interesse do leitor e o conduzisse à situação-problema.

CORPO DO CASO

Para a escrita do corpo do caso, algumas informações foram solicitadas visando desenvolver uma narrativa que apresentasse o contexto e as diferentes opiniões sobre o acontecimento e fornecendo ao leitor os elementos necessários para refletir sobre os problemas propostos.

Para contextualizar o acontecimento real, os estudantes deviam recorrer a fontes, referências e recursos levantados durante a pesquisa, focando em trazer informações que permitam ao leitor compreender o cenário, os sujeitos envolvidos, os antecedentes e os possíveis desdobramentos da situação apresentada.

A contextualização cumpre um papel fundamental ao fornecer as informações necessárias para que o leitor possa analisar criticamente o problema apresentado e participar ativamente da discussão proposta. Estruturalmente, o texto deve iniciar com uma narração breve e factual do acontecimento, abordando o que aconteceu, onde, quando e quem esteve envolvido. Na sequência devem ser apresentados outros elementos do contexto que possam ajudar o leitor a compreender o pano de fundo da situação. Ademais, também podem ser incluídos dados estatísticos, relatórios ou levantamentos oficiais que sustentem a importância e a complexidade do tema.

Além disso, deveriam ser apresentados pontos de vista divergentes, refletindo debates sociais ou acadêmicos em torno do acontecimento. Esses pontos de vista precisam ser sustentados por trechos de entrevistas, artigos de opinião, notícias, vídeos, manifestações em redes sociais, entre outros recursos. Essa diversidade de opiniões contribui para enriquecer o debate e dar profundidade à situação apresentada.

Os estudantes também foram orientados a atentar para a linguagem utilizada no texto, considerando sempre sua intencionalidade pedagógica. O estudo de caso deveria ser acessível e adequado ao público da Educação Básica, buscando equilibrar a clareza na comunicação e a densidade conceitual dos conteúdos propostos.

BOXES COMPLEMENTARES

Para apoiar a compreensão do caso pelos leitores, muitos casos incluem *boxes* explicativos como recursos complementares, contendo glossário de termos, informações adicionais relevantes ao tema e sugestões de materiais e pesquisas de apoio.

QUESTIONAMENTOS

A função do estudo de caso não é apenas de informar, mas principalmente conduzir o leitor a refletir sobre determinado tema e acontecimento. Logo, um de seus componentes mais fundamentais são os questionamentos propostos ao longo da narrativa construída. A intenção principal é garantir que as perguntas conduzam o leitor à compreensão e análise cada vez mais profunda do conteúdo central do caso.

Um dos aspectos enfatizados aos estudantes foi a importância de existir uma coerência entre os questionamentos e a história contada. As perguntas não deveriam surgir de forma desconectada, mas sim como desdobramentos naturais da narrativa.

Logo, seguindo a sequência lógica proposta por Prud'homme-Généreux (2015), algumas seções do texto devem ser finalizadas com questionamentos progressivos em seu nível de complexidade, indo do mais direto e objetivo ao mais interpretativo e especulativo, convidando o

leitor a formular hipóteses, tomar decisões, propor soluções ou relacionar o tema com outros contextos.

As perguntas não são apenas para verificar a compreensão do leitor sobre determinados tópicos, elas devem mobilizar e instigar o debate em sala de aula. Assim, muitas delas tratam de temas controversos ou complexos, buscando provocar o posicionamento argumentativo dos leitores.

Orientamos os estudantes que os questionamentos deviam ser incluídos ao final do corpo do texto ou em *boxes* destacados ao longo do caso, sob o título “Questionamentos”. Essa organização permite que professores escolham os momentos mais oportunos para utilizá-los, de acordo com seus objetivos didáticos. Também orientamos que os questionamentos fossem pensados a partir das habilidades e dos objetos de conhecimento definidos previamente, de acordo com a BNCC.

AVALIANDO A PRODUÇÃO DOS ESTUDANTES

A avaliação dos casos foi realizada a partir de um *checklist* adaptado da rubrica proposta por Prud’homme-Généreux (2015). Ele foi estruturado por critérios claros e objetivos, orientando tanto a produção dos casos quanto sua análise e feedback aos estudantes. A checklist contempla sete dimensões principais que dialogam diretamente com os princípios da autora, sendo eles: planejamento do caso, organização do texto, clareza na escrita, narrativa engajante, rigor acadêmico, efetividade dos questionamentos e integridade do caso.

Quadro 2 – Checklist para avaliação de Estudo de Caso

Elemento	Atributos	Avaliação	
		Sim	Não
Planejamento do caso	Apresenta o tema do caso.		
	Apresenta o acontecimento real abordado.		
	Apresenta a “moral da história”.		

Elemento	Atributos	Avaliação	
		Sim	Não
Organização do texto	Há um enredo (uma narrativa) coerente em todo o caso.		
	A informação flui de uma seção do caso para a seguinte.		
	Cada seção baseia-se e depende das informações aprendidas na seção anterior.		
	Não há repetição de ideias.		
	A compreensão do leitor sobre o tema se aprofunda a cada seção.		
Clareza na escrita	O texto não apresenta erros gramaticais e ortográficos.		
	Conceitos e vocabulário técnico são definidos e utilizados apropriadamente.		
	A escrita é concisa		
	Não repete as mesmas informações.		
Narrativa engajante	O enredo desperta a curiosidade e o desejo de explorar o tema com mais profundidade.		
	O caso é baseado em eventos reais.		
	O caso utiliza fontes e evidências autênticas, como trechos de notícias e artigos para enfatizar a relevância do acontecimento.		
	Quando feitas escolhas estilísticas, como o uso de primeira pessoa ou diálogos, eles são utilizados para aumentar o interesse pelo caso.		
Rigor acadêmico	As informações apresentadas no caso são precisas e fundamentadas.		
	O caso demonstra que os autores conhecem e dominam o tópico em questão.		
	Os autores demonstraram que avaliaram criticamente as fontes e evidências apresentadas.		
	O caso demonstra a capacidade dos autores de compreender o contexto e as implicações do tópico de pesquisa.		

Elemento	Atributos	Avaliação	
		Sim	Não
Efetividade dos questionamentos	As perguntas incluídas provocam um pensamento mais profundo e forçam os leitores a antecipar o próximo passo e “pensar como um cientista”.		
	As perguntas são desafiadoras, mas factíveis na medida em que os leitores têm informações suficientes para respondê-las.		
	As perguntas obrigam os leitores a pensar profundamente e não são simplesmente perguntas de memorização.		
	Para conceitos particularmente difíceis, as perguntas são sequenciadas e construídas de maneira a guiar os leitores para o resultado desejado.		
Integridade do caso	Todas as informações são rigorosamente citadas no caso.		
	Sempre que possível, os autores apresentam material original (imagens, gráficos, tabelas <i>etc.</i>) para o caso.		
	Quando utilizados materiais de apoio já existentes, eles são adequadamente referenciados.		

Fonte: as autoras com base em Prud’homme-Généreux (2015).

CONCLUINDO...

Ao desenvolver um estudo de caso para ser disponibilizado como exemplo aos estudantes, pudemos nos apropriar dessa metodologia e gênero textual, o que favoreceu a adaptação das orientações de Prud’homme-Généreux (2015) ao nosso contexto. Isso nos permitiu construir um modelo de estudo de caso alinhado às demandas da sala de aula da Educação Básica e às práticas pedagógicas dos docentes. Esperamos que a experiência aqui relatada seja útil a educadores e formadores interessados em produzir ou orientar a escrita de estudos de caso com finalidade didática.

Após realizar essa experiência com os estudantes da graduação, a principal percepção foi o modo como conseguiram atribuir significado à atividade proposta. Sobretudo, como compreender as possibilidades de utilização do material em sala de aula - ou de criação de casos a partir de outros acontecimentos e conteúdo - ampliou o seu engajamento. Além disso, a experiência também destacou, para os futuros docentes, a importância de um ensino contextualizado e conectado à realidade e atualidade, viável pela aplicação de práticas como a do estudo de caso, capazes de atribuir sentido ao conteúdo, estabelecer vínculos com a vida cotidiana dos estudantes e favorecer aprendizagens mais significativas.

REFERÊNCIAS

PRUD’HOMME-GÉNÉREUX, Annie. A Step-by-Step Guide to Students Writing Case Studies (and Tools for Novice Case Authors). **Journal of College Science Teaching**, [s. l.], v. 44, n. 6, p. 54-62, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43631998>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CAPÍTULO IV

O EMPRÉSTIMO DO CORAÇÃO DO IMPERADOR: UM ESTUDO DE CASO

Vivian Maria Korb

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso	
Área	História e Língua Portuguesa
Ano	8º ano
BNCC	Objeto do conhecimento História Os caminhos até a independência do Brasil A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o Romantismo no Brasil Língua Portuguesa Presença crítica e ética nas redes sociais Checagem e tratamento de informações veiculadas
	Habilidades História (EF08HI12) Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822 e seus desdobramentos para a história política brasileira. (EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX. Língua Portuguesa (EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes. (EF08LP02) Justificar diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes, consultando sites e serviços de checadores de fatos.
Tema	A construção de símbolos e a Independência do Brasil
Acontecimento real	Empréstimo do coração de Dom Pedro I ao Brasil no Bicentenário da Independência
Moral da história	Devemos atentar para a intenção por trás da construção dos símbolos que permeiam nossa identidade

O “RETORNO” DE DOM PEDRO I AO BRASIL

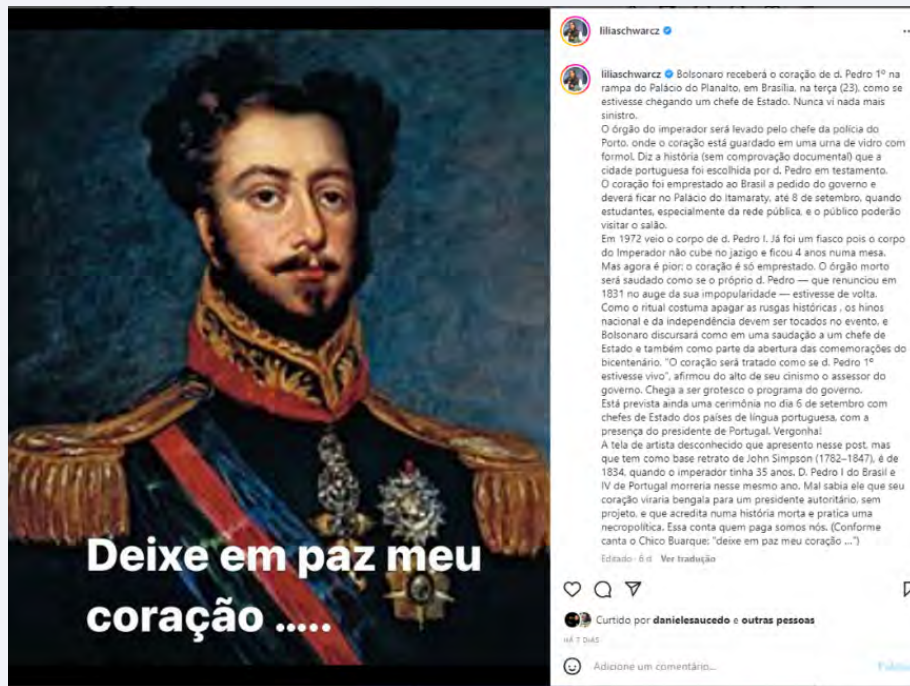
Em 24 de setembro de 1834, na cidade de Queluz, em Portugal, enfermo em sua cama por consequências da tuberculose, morreu aos 35 anos Dom Pedro I, o primeiro Imperador do Brasil. Porém, 188 anos depois de sua morte, ele retorna ao país! Bom, pelo menos uma parte dele...

Como parte das celebrações do Bicentenário da Independência do Brasil, proclamada em 1822 por Dom Pedro I, seu coração, que era mantido em formol na Igreja da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa no Porto, foi transportado por um jato executivo da Força Aérea Brasileira (FAB) para o Brasil depois de quatro meses de negociação. O órgão será exposto no Palácio do Itamarati entre 25 de agosto e 5 de setembro. Em nota, o palácio afirmou que “[...] a vinda do coração de D. Pedro I ao Brasil será oportunidade para que o povo brasileiro homenageie figura central para o processo de independência do Brasil” (Rodrigues, 2022).

POSICIONAMENTOS EM VEÍCULOS DE MÍDIA E REDES SOCIAIS

Essa opinião, no entanto, não é corroborada por todos os brasileiros. A historiadora e antropóloga Lília Schwarcz se pronunciou sobre o acontecimento por meio de duas postagens feitas no Instagram (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Primeira postagem da historiadora Lilia Schwarcz



Fonte: Schwarcz (2022b).

Bolsonaro receberá o coração de d. Pedro 1º na rampa do Palácio do Planalto, em Brasília, na terça (23), como se estivesse chegando um chefe de Estado. Nunca vi nada mais sinistro.

O órgão do imperador será levado pelo chefe da polícia do Porto, onde o coração está guardado em uma urna de vidro com formol. Diz a história (sem comprovação documental) que a cidade portuguesa foi escolhida por d. Pedro em testamento.

O coração foi emprestado ao Brasil a pedido do governo e deverá ficar no Palácio do Itamaraty, até 8 de setembro, quando estudantes, especialmente da rede pública, e o público poderão visitar o salão.

Em 1972 veio o corpo de d. Pedro I. Já foi um fiasco pois o corpo do Imperador não cube no jazigo e ficou 4 anos numa mesa. Mas agora é pior: o coração é só emprestado. O órgão morto será saudado como se o próprio d. Pedro — que renunciou em 1831 no auge da sua impopularidade — estivesse de volta. Como o ritual costuma apagar as rugas históricas, os hinos nacional e da independência devem ser tocados no evento, e

Bolsonaro discursará como em uma saudação a um chefe de Estado e também como parte da abertura das comemorações do bicentenário. “O coração será tratado como se d. Pedro 1º estivesse vivo”, afirmou do alto de seu cinismo o assessor do governo. Chega a ser grotesco o programa do governo.

Está prevista ainda uma cerimônia no dia 6 de setembro com chefes de Estado dos países de língua portuguesa, com a presença do presidente de Portugal. Vergonha!

A tela de artista desconhecido que apresento nesse post, mas que tem como base retrato de John Simpson (1782–1847), é de 1834, quando o imperador tinha 35 anos. D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal morreria nesse mesmo ano. Mal sabia ele que seu coração viraria bengala para um presidente autoritário, sem projeto, e que acredita numa história morta e pratica uma necropolítica. Essa conta quem paga somos nós. (Conforme canta o Chico Buarque: “deixe em paz meu coração ...”) (Schwarcz, 2022b).

Figura 2 – Segunda postagem da historiadora Lília Schwarcz



Fonte: Schwarcz (2022a).

A chegada do castigado coração de d. Pedro 1º, para as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, tem agitado o país. Mas não num bom sentido. Mais por conta do senso de ridículo. O órgão foi recebido, com honrarias de chefe de estado, por autoridades e ficará exposto a partir desta quinta-feira (25) para visitação do público no Palácio do Planalto, em Brasília.

Bom, afirma a médica oncologista e imunologista Nise Yamaguchi, conhecida por sua controversa participação na CPI da Covid e por defender o uso da hidroxicloroquina como tratamento para a doença, sem apresentar qualquer comprovação científica, que foi ela a responsável por isso.

Diz ela que, a partir disso, Luiz Phillippe de Orleans e Bragança, tetraneto de d. Pedro I, teria ido a Porto começar as negociações. Depois, foi a vez de o Ministério de Relações Exteriores cuidar do assunto e virar essa palhaçada toda.

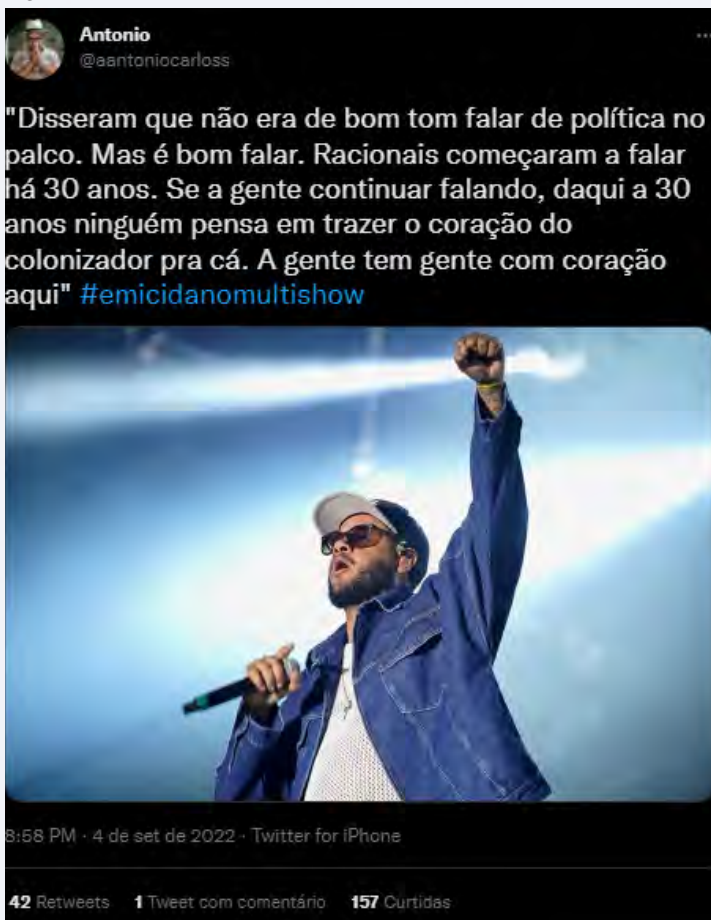
Agora, alguém me explica por que uma pessoa pode querer o crédito numa ideia tão infeliz. Tida como conselheira íntima do presidente, Nise Yamaguchi quer mesmo se immortalizar pela via oposta. Não bastava ter indicado cloroquina, agora é autora dessa medida que só mostra como se espremer desse governo não sai uma gota.

Enquanto Bolsonaro se esquivou das questões, levou cola na mão e mostrou carecer de absoluta falta de projeto, a não ser sua reeleição e o impedimento do julgamento de si e de seus filhos, hoje foi a vez de Lula ser sabatinado no jornal nacional e esbanjar utopia. Governo que cultiva coração mantido em formol quer o mesmo para si: ficar deitado eternamente em berço esplêndido. Outubro chega já já (Schwarcz, 2022a).

O escritor e pesquisador de História do Brasil, Paulo Rezzuti, em entrevista ao portal Aventuras na História, ponderou: “Quanto vai ser o seguro para trazer esse coração? E o que não poderia ser feito com esse dinheiro em prol da educação e preservação da nossa memória? Então eu não sou a favor disso” (Ferrari, 2022).

Durante sua apresentação no Rock in Rio 2022, o rapper Emicida também citou o caso durante pronunciamento no *show* (Figura 3).

Figura 3 – Pronunciamento de Emicida do Rock in Rio 2022.



Fonte: Carlos (2022).

Disseram que não era de bom tom falar de política no palco. Mas é bom falar. Racionais começaram a falar há 30 anos. Se a gente continuar falando, daqui a 30 anos ninguém pensa em trazer o coração do colonizador pra cá. A gente tem gente com coração aqui (Carlos, 2022).

QUESTIONAMENTOS

a) Quais os impactos dos posicionamentos de pessoas como Emicida e Lilian Schwarcz nas redes sociais?

b) Quais as diferenças entre os posicionamentos dessas duas personalidades, sendo eles um artista e uma pesquisadora? Como você considera que isso pode impactar a maneira como as pessoas percebem suas opiniões?

ALGUNS ANOS ANTES...

Para entendermos melhor esse acontecimento, precisamos voltar alguns anos na história.

Nove anos depois de ter declarado independência e se tornado o primeiro imperador do Brasil, Dom Pedro I se viu, de certa forma, obrigado a retornar para Portugal. Em 7 de abril de 1831, o então imperador abdicou de seu lugar ao trono em favor de seu filho, Dom Pedro II, na época com apenas cinco anos de idade.

Pode-se dizer que a separação entre Dom Pedro I e a nação brasileira não foi amigável, muito menos tranquila. Passado o momento de popularidade do primeiro imperador após a Proclamação da Independência, iniciou-se um período conturbado de seu reinado. Além das desavenças que cresciam entre a Coroa e a corrente liberal do governo, que o acusavam de despotismo, o imperador também enfrentava críticas da sociedade em geral, tendo envolvido o Brasil em uma guerra sem sucesso na Bacia do Rio do Prata, que além de um desastre militar, foi também financeiro.

Para além dos problemas enfrentados no Brasil, Dom Pedro I também teve que lidar com uma luta dinástica entorno da sucessão do

trono português, já que seu irmão, Dom Miguel I, tentava usurpar o trono de sua filha, Dona Maria II.

Visando dar fim a instabilidade política e descontentamento que sua figura gerava no Brasil e buscando garantir a soberania de sua linhagem em Portugal, Dom Pedro I abdicou ao trono, notícia que foi recebida com grande entusiasmo pelos brasileiros. De acordo com as historiadoras Schwartz e Starling (2015, p. 242):

D. Pedro abdicou melhor do que reinou. Altivo, afirmou que a decisão estava tomada e encerrou o episódio: ‘Entre mim e o Brasil tudo está acabado e para sempre’. Voltava ele então para Portugal, ao lado da esposa, onde reassumiu seu antigo título português e acrescentou o ‘defensor perpetuo do Brasil’. Agora era hora de cuidar da vida da monarquia em Portugal e do lugar de sua filha, d. Maria da Glória.

Mesmo depois de seu retorno às terras portuguesas, Dom Pedro I continuava a enfrentar problemas. Ingressou na Guerra Civil Portuguesa pelo trono – evento também conhecido como Guerra dos Dois Irmãos –, em que enfrenta seu irmão mais novo, Dom Miguel, que visava tomar o lugar ao trono de sua filha, D. Maria da Glória. Travada a guerra entre 1832 e 1834, Dom Pedro I saiu vitorioso, assegurando a Coroa à sua filha, porém, sofrendo de tuberculose, sua saúde era incerta. Acamado no Palácio Real de Queluz, Dom Pedro I teria feito um pedido inusitado: que seu coração permanecesse na cidade do Porto, onde passou grande parte da guerra civil e de sua doença.

Tendo seu pedido atendido, o coração de Dom Pedro I foi separado do corpo e preservado em uma urna na Igreja da Nossa Senhora da Lapa. Seu corpo foi sepultado inicialmente em Lisboa, porém seus restos mortais foram trazidos para o Brasil em 1972.

O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

O coração de Dom Pedro I foi emprestado para o Brasil como parte das comemorações do Bicentenário da Independência, devido a sua relação com os acontecimentos que levaram à separação entre Brasil e Portugal.

O processo de independência do Brasil, para além de um emaranhando de acordos políticos e lutas de força e influência entre inúmeros atores, está cercado de narrativas, cada qual construída a partir de interesses próprios. Sendo assim, não podemos abordar esse processo sem refletir sobre essas inúmeras narrativas e interesses ao seu redor; narrativas estas que são corroboradas por imagens e símbolos, a exemplo do quadro *Independência ou Morte*, pintado em 1888 por Pedro Américo, o qual é muitas vezes tratado como um “retrato fiel” da independência, sem que seja realizada uma a leitura apurada das intenções por trás da obra e da maneira como ela retrata determinado acontecimento:

Pode-se dizer que, para além das narrativas textuais, que buscaram conformar uma certa história linear e evolutiva da história da Independência brasileira, cujo desfecho culminaria no 7 de setembro de 1822, a cristalização dessa memória deveu-se igualmente às imagens, sejam elas pinturas, gravuras, litografias, esculturas, produzidas ao longo do século XIX (Schwarcz, 2022c, p. 30).

SAIBA MAIS

UM QUADRO COM MUITOS SIGNIFICADOS

Para saber mais sobre as narrativas que permeiam o quadro *Independência ou Morte*, assista ao vídeo “O sequestro da Independência”:

Leitura da tela “Independência ou morte” | com Lilia Schwarcz”, no canal Campania da Letras (2022) no YouTube.

Símbolos não são desprovidos de intenção, eles podem ser instrumentos de poder político e social bastante eficazes. Por tal motivo, cabe aos historiadores a tarefa de questionar símbolos e investigar a manipulação de memória e narrativas em prol de interesses políticos.

GLOSSÁRIO

O que é um símbolo?

1. Qualquer coisa usada para representar ou substituir outra, estabelecendo uma correspondência ou relação entre elas;
2. Aquilo que, em determinada cultura, apresenta valor evocatório ou místico;
3. Ser, objeto ou imagem ao qual se pode atribuir mais de um significado;
4. Pessoa ou personagem que simboliza alguma coisa de modo exemplar; e outros.

Para consultar outros significados, acesse o dicionário Michaelis On-line. (Michaelis On-line, 2025).

A FUNÇÃO DA HISTÓRIA

Historiadores não negam a importância de preservar o passado, a memória da construção da identidade de uma nação e de seu povo. Porém, a História não é sobre olhar para um passado morto, sem vida, conservado em formol, é sobre questionar o presente, buscando orientação no passado para agir melhor no futuro.

QUESTIONAMENTOS

Em meio às celebrações do Bicentenário da Independência do Brasil, o que o empréstimo do coração de Dom Pedro I significa simbolicamente?

Em qual projeto de construção identitária esse esforço está envolvido? Será que eram gastos necessários a serem realizados?

O que o empréstimo do coração de nosso primeiro monarca nos permite refletir sobre o processo de independência? E sobre a construção da identidade brasileira?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

VAMOS NOS APROFUNDAR?

a) Leia o verbete “Identidade” do Dicionário de Conceitos Históricos (Silva; Silva, 2009, p. 202-204).

b) Assista ao vídeo “Por que o coração de Dom Pedro I foi separado do corpo? E como ele será transportado para o Brasil?”:

c) Assista à entrevista de Lília Schwarcz ao UOL “Bolsonaro receber coração de Dom Pedro é ‘palhaçada’ e projeto mórbido, diz Lília Schwarcz”:

d) Leia a resenha de Gonçalo Junior sobre o livro “O sequestro da independência - Uma história da construção do mito do Sete de Setembro”, de Carlos Lima Junior, Lília M. Schwarz e Lucia Kluck Stumpf.

e) Assista ao vídeo “Identidade nacional: o que é ‘ser brasileiro’” do canal Nexo Jornal.

REFERÊNCIAS

CANAL HISTÓRIA E TU. **Por que o coração de Dom Pedro I foi separado do corpo?** E como ele será transportado para o Brasil? YouTube, 29 jul. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V_Yts9yUnNE. Acesso em: 22 jul. 2025.

CARLOS, Antonio. **“Disseram que não era de bom...”**. X: @aantonio-carloss, 4 set. 2022. Disponível em: https://twitter.com/aantonio-carloss/status/1566576357659877376?s=20&t=SEq04ISNEj2kU0I28_uddA. Acesso em: 22 jul. 2025.

COMPANHIA DAS LETRAS. **“O sequestro da Independência”**: Leitura da tela “Independência ou morte” com Lilia Schwarcz. YouTube, 13 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bXL8d-VO4DA4>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FERRARI, Wallacy. **Especialista em Brasil Império não concorda com viagem do coração de D. Pedro I: ‘Retrocesso’**. Aventuras na História, 20 ago. 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/especialista-em-brasil-imperio-nao-concorda-com-viagem-do-coracao-de-d-pedro-i-retrocesso.phtml>. Acesso em: 22 jul. 2025.

JUNIOR, Gonçalo. **As muitas independências do Brasil além de 1822**. NeoFeed, 30 jul. 2022. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/as-muitas-independencias-do-brasil-alem-de-1822/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MICHAELIS ON-LINE. **Símbolo**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=s%C3%ADmbolo>. Acesso em: 22 jul. 2025.

NEXO JORNAL. **Identidade nacional**: o que é ‘ser brasileiro’. YouTube, 26 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q9LIEDRmlcE>. Acesso em: 22 jul. 2025.

RODRIGUES, Alex. **Emprestado para bicentenário, coração de D. Pedro I chega ao Brasil**. Agência Brasil, 22 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/emprestado-para-bicentenario-coracao-de-d-pedro-i-chega-ao-brasil>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SCHWARCZ, Lilia. **A chegada do castigado coração de [...]**. 25 ago. 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChtKkkCN-dLR/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SCHWARCZ, Lilia. **“Deixe em paz meu coração [...]**. 21 ago. 2022b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ChiYWsKNPRz/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 22 jul. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O sequestro da Independência. **Revista USP**, São Paulo, n. 133, p. 13–32, 2022c. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/199281/183340>. Acesso em: 12 set. 2022.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

UOL. **Bolsonaro receber coração de Dom Pedro é ‘palhaçada’ e projeto mórbido, diz Lilia Schwarcz**. YouTube, 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYy2FGzfnCY>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CAPÍTULO V

UMA PICADINHA DE ESPERANÇA, A VACINA CONTRA A COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

Caroline Carmona Marques Gonçalves
Nicole Rogalsky

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		Matemática e Ciências
Ano		4.º ano
BNCC	Objeto do conhecimento	Matemática Leitura, interpretação e representação de dados em tabelas de dupla entrada e gráficos de barras. Ciências Microrganismos
	Habilidades	Matemática (EF03MA27) Ler, interpretar e comparar dados apresentados em tabelas de dupla entrada, gráficos de barras ou de colunas, envolvendo resultados de pesquisas significativas, utilizando termos como maior e menor frequência, apropriando-se desse tipo de linguagem para compreender aspectos da realidade sociocultural significativos. Ciências (EF04CI08) Propor, a partir do conhecimento das formas de transmissão de alguns microrganismos (vírus, bactérias e protozoários), atitudes e medidas adequadas para prevenção de doenças a eles associadas.
Tema		A prevenção à covid-19 e a importância da vacinação e do combate às notícias falsas
Acontecimento real		Vacinação contra a covid-19
Moral da história		Reconhecer a importância da vacina contra a covid-19 e os prejuízos causados pelas notícias falsas

O MARCO HISTÓRICO DA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de covid-19 foi vivenciada por muitos de nós, entre março de 2020, quando foi decretado o **Lockdown**, e maio de 2022 (Brasil, 2022), quando foi decretado o fim de estado de emergência pelo governo brasileiro. Durante esse período, milhares de brasileiros perderam a vida devido ao vírus e a não existência de vacinas que pudessem prevenir a população de sintomas mais graves ou a morte.

GLOSSÁRIO

Lockdown

Lockdown é a versão mais rígida do distanciamento social e quando a recomendação se torna obrigatória. É uma imposição do Estado que significa bloqueio total. Consiste em restringir a circulação da população em lugares públicos, permitindo apenas, e de forma limitada, para questões essenciais, como ir a farmácias, supermercados ou hospitais. O descumprimento dessa regra pode acarretar multas e em toque de recolher, dependendo do governo local

Fonte: Dasa (2021)

As pesquisas para desenvolver vacinas contra o **vírus** começaram rapidamente, gerando uma espécie de “corrida da vacina” entre grupos empresariais farmacêuticos, universidades e institutos de pesquisa ao redor do globo. Enquanto a vacina estava sendo desenvolvida, os principais veículos de comunicação orientavam a população quanto às formas de prevenção e aos cuidados individuais e coletivos.

Figura 1 – Capas dos jornais na campanha contra o coronavírus



Capas dos jornais na campanha contra o coronavírus Foto: Gabriel de Paiva / Agência O Globo

Fonte: O Globo (2020).

GLOSSÁRIO

Vírus

Organismo infeccioso diminuto sem capacidade metabólica independente. São reprodutivos apenas no interior das células hospedeiras.

Substância orgânica capaz de transmitir doença.

Fonte: Dicionário Michaelis (2024).

A vacina foi desenvolvida rapidamente (Instituto Butantan, 2021) e a data de oito de dezembro de 2020 marcou o início da vacinação contra a covid-19 no Reino Unido 9 (Veja, 2022), sendo o imunizante utilizado aquele desenvolvido em parceria pela farmacêutica americana Pfizer e a empresa de biotecnologia alemã BioNTech.

Figura 2 – Reportagem da primeira pessoa no mundo a receber a vacina contra covid-19



Fonte: Reino (2020).

Até dia 16 de dezembro, ao menos mais cinquenta e seis países haviam começado a imunização de sua população. No Brasil, a vacinação começou na metade de janeiro do ano seguinte (Cristaldo; Brandão, 2021).

SAIBA MAIS

Como sei que a vacina ajuda na prevenção ao coronavírus?

Para saber como a vacina ajuda na prevenção e proteção a covid-19 nas crianças, assista ao vídeo “Explicando sobre a vacina do covid-19 para as crianças” do canal Saúde da Infância no YouTube.

Figura 3 – Captura de tela do vídeo “Explicando sobre a vacina do covid-19 para as crianças”



Fonte: Saúde da Infância (2021).

POSICIONAMENTO DAS MÍDIAS SOCIAIS CONTRA OU A FAVOR DA VACINA

Devido à velocidade com que as vacinas foram desenvolvidas, a decisão de recebê-la ou não, gerou dúvidas em muitos brasileiros, que se manifestaram nas redes sociais questionando a segurança da vacina e inventando notícias falsas a respeito delas. Essa discussão também foi agravada pela adesão tardia à operacionalização da vacinação contra a covid-19 pelo Ministério da Saúde brasileiro, contrariando as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), pois a questão era vista mundialmente como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

Por mais que institutos de pesquisa, como o Butantan, tenham se posicionado a favor da vacina, afirmando que não havia perigo ao tomá-la, ainda assim houve posicionamentos contrários a ela. Algumas pessoas mencionavam receio frente aos efeitos colaterais causados pela vacinação.

Os efeitos colaterais eram absolutamente comuns quando comparados a qualquer outro tipo de vacina, sendo: vermelhidão no local da aplicação, náuseas, calafrios e febres. Assim como qualquer outro medicamento, há riscos mínimos de efeitos colaterais raros.

Figura 4 – Efeitos colaterais pós-vacinação contra covid-19 utilizando o imunizante Pfizer

<u>Reações muito comuns</u> Dor e inchaço no local da injeção, cansaço, dor de cabeça, dor muscular, dor nas articulações, calafrios e febre.	<u>Reações comuns</u> Vermelhidão no local da injeção e náusea.
<u>Reações incomuns</u> Aumento dos gânglios linfáticos (ou ínguas), sensação de mal estar, dor nos membros, insônia e prurido no local de injeção.	<u>Reação rara</u> Paralisia facial aguda.

Fonte: Brasil (2021).

A adesão à vacinação mostra-se influenciada por fatores informacionais e também perpassa questões culturais e religiosas, em que a falta de confiança em sua eficácia e a demora de posicionamento por parte do governo federal contribuíram para a baixa confiabilidade por parte da população.

Figura 5 – Influência religiosa na vacinação contra a covid-19

Por que os evangélicos resistem à vacina contra a Covid-19?

Teorias conspiratórias, interpretações de trechos bíblicos e adesão a discursos políticos negacionistas estão entre as causas no Brasil e nos Estados Unidos

Por Da Redação Atualizado em 18 Jun 2021, 13h25 - Publicado em 18 Jun 2021, 13h16



Fonte: Silva (2021).

Em função da falta de informação ou acesso a informações falsas sobre as vacinas e sua atuação no corpo humano, algumas pessoas foram influenciadas a adotarem uma postura negacionista, sem conhecer a importância do consenso científico.

SAIBA MAIS

Os prejuízos causados pela notícia falsa à vacinação

Para saber mais sobre como as notícias falsas geram uma série de problemas e causam medo em muita gente, principalmente quanto o assunto é vacinas, assista ao vídeo “Vacina contra a COVID-19: dá pra confiar?” do canal Visão Mundial Brasil no YouTube.

Figura 6 – Captura de tela do vídeo “Vacina contra a COVID-19: dá pra confiar?!”

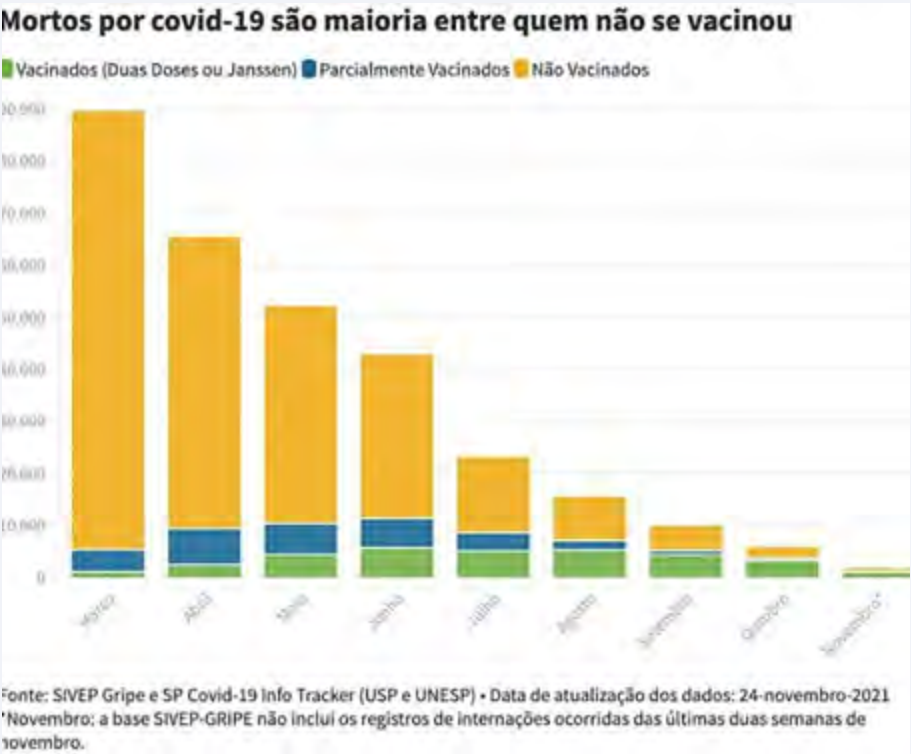


Fonte: Visão Mundial Brasil (2022).

Assim, é essencial saber reconhecer a existência de um vírus e como prevenir sua transmissão. A prevenção do coronavírus se dá no uso correto de máscaras (cobrindo o nariz e a boca), ao lavar e/ou higienizar as mãos constantemente, mantendo distanciamento das pessoas, evitando aglomerações e mantendo os ambientes ventilados (Brasil, 2021).

Muitos dos dados trazidos pelos meios de comunicação eram apresentados em forma de gráficos de diversos tipos, como este de barras que mostra a relação da vacinação com o número de mortos:

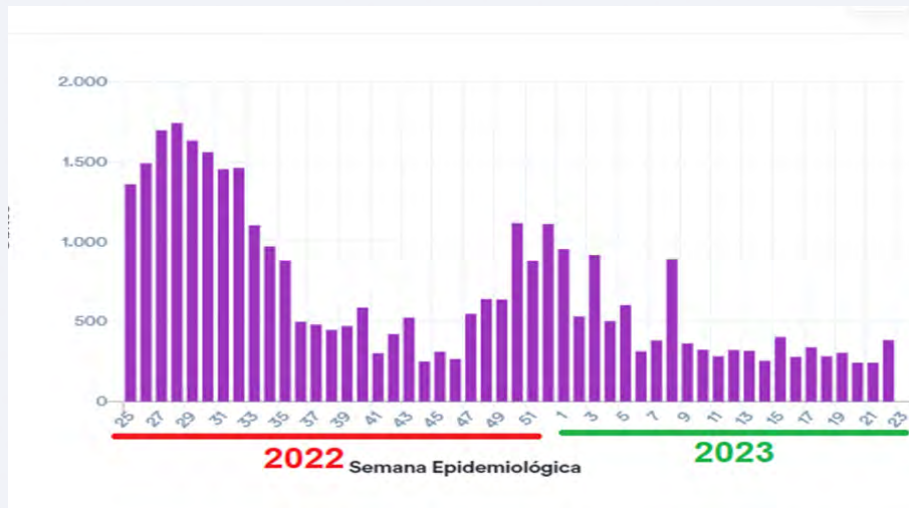
Figura 7 – Mortos por covid-19 são maioria entre quem não se vacinou



Fonte: Ministério da Saúde (2023).

Este outro gráfico representa o número total de óbitos depois de receber as quatro doses de vacinas recomendadas pela OMS.

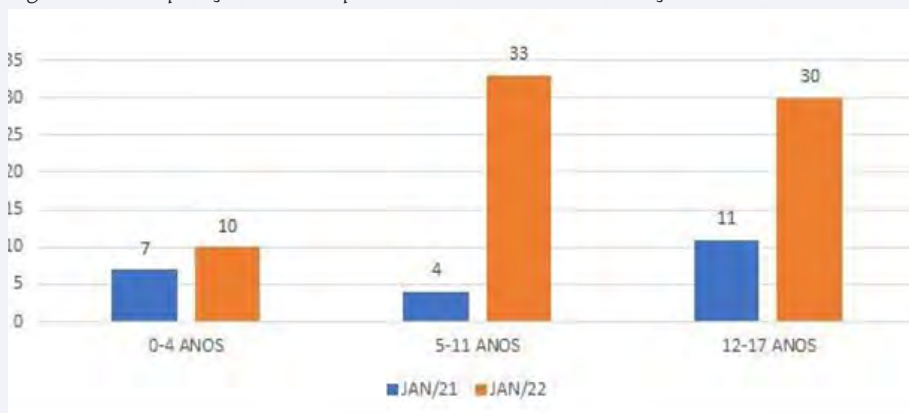
Figura 8 – Óbitos após a vacinação das doses de reforço recomendadas pela OMS



Fonte: Ministério da Saúde (2023).

O gráfico seguinte, em forma de barras comparativas, comprova a importância de não só os adultos, mas as crianças também tomarem as vacinas:

Figura 9 – Comparação de casos positivos da covid-19 em crianças e adolescentes



Fonte: Prefeitura Municipal de Marechal Floriano (2022).

Também houve o uso de gráficos comparativos de linhas, comparando os óbitos, internações e vacinação.

Figura 10 – Óbitos, internações e vacinação



Fonte: Prefeitura de Torres (2024).

QUESTIONAMENTOS

Com base nas informações apresentadas e nas referências citadas, reflita sobre as seguintes questões.

- a) A vacina é segura para ser tomada?
- b) Pelos dados apresentados nos gráficos, é válido tomar a vacina?
- c) As vacinas são benéficas apenas para os adultos e demais idosos ou para as crianças também?
- d) A vacinação da população ajudou na diminuição de óbitos e internações devido ao coronavírus? Qual a diferença entre março de 2021 e agosto de 2021 em relação a vacinas e óbitos?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

Vamos nos aprofundar?

Leia as seguintes matérias:

- a) “A ciência contra o negacionismo” (Escobar, 2021).
- b) “O que é negacionismo?” (Silva, 2016).
- c) “OMS declara o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19” (Organização Pan-Americana da Saúde, 2023).
- d) “Estudo reafirma importância da vacina contra Covid-19 para crianças e adolescentes” (Fiocruz Amazônia, 2022).
- e) “Avaliação da percepção dos familiares de acadêmicos de medicina, em relação a necessidade e a importância da vacinação contra a COVID-19” (Xavier *et al.*, 2022).

REFERÊNCIAS

BLOG DASA. **Lockdown durante a pandemia do Coronavírus:** o que é e quais países adotaram. Blog Dasa, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://dasa.com.br/blog/coronavirus/lockdown-coronavirus-significado/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

BRASIL. **Como se proteger da Covid-19.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19-old/como-se-proteger>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRASIL. **Coronavírus/Brasil.** Brasília: Secretarias Estaduais de Saúde, 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

BRASIL. **Nota Técnica:** Vacina Covid-19 Pfizer – BioNtech. Secretaria de Estado da Saúde, Ceará. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2020/02/30_04_2021-Nota-Te%C3%A7a-1-Pfizer.pdf. Acesso em: 5 jun. 2023.

BRASIL. **Governo federal revoga decretos de enfrentamento à pandemia.** Agência Senado, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia>. Acesso em: 12 nov. 2022.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Vírus.** São Paulo: Michaelis, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virus/>. Acesso em: 15 set. 2024.

CNN BRASIL. **Reino Unido começa hoje a vacinação contra a Covid-19.** CNN Brasil, São Paulo, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/reino-unido-comeca-nesta-terca-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CNN BRASIL. **Veja quais países iniciaram a vacinação contra a Covid-19; Brasil está fora.** CNN Brasil, 13 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CRISTALDO, Heloisa; BRANDÃO, Marcelo. **Vacinação contra a covid-19 começa em todo o país.** Agência Brasil, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/vacinacao-contra-covid-19-come%C3%A7a-em-todo-o-pais>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ESCOBAR, Herton. **A ciência contra o negacionismo.** Jornal da USP, São Paulo, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/a-ciencia-contra-o-negacionismo/>. Acesso em: 15 set. 2024.

FIOCRUZ AMAZÔNIA. Estudo reafirma importância da vacina contra Covid-19 para crianças e adolescentes. Notícias, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-reafirma-importancia-da-vacina-contracovid-19-para-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 15 set. 2024.

INSTITUTO BUTANTAN. **A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde**. São Paulo: Instituto Butantan, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil – Painel Covid-19**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

O GLOBO. **ANJ unifica capas de jornais e realça importância da informação no combate ao coronavírus**. O Globo, São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus-servico/anj-unifica-capas-de-jornais-realca-importancia-da-informacao-no-combate-ao-coronavirus-24321917>. Acesso em: 26 jul. 2025

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19**. Notícias, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 15 set. 2024.

PREFEITURA DE TORRES. **Gráfico demonstra eficácia da vacinação contra Covid-19 em Torres**. Disponível em: <https://torres.rs.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 15 set. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL FLORIANO – ES. **Vacinação Covid pediátrica**: importância e informações. Disponível em: <https://www.marechalfloriano.es.gov.br/vacinacao-covid-pediatrica-importancia-e-informacoes/#:~:text=As%20crian%C3%A7as%20de%2005%20anos,como%20mostra%20o%20gr%C3%A1fico%20abaixo>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SAÚDE DA INFÂNCIA. **Explicando sobre a Vacina do Covid-19 para as crianças**. YouTube, 26 maio 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_9Q4vODGpY. Acesso em: 15 set. 2024.

SENHORAS, Elói Martins. O campo de poder das vacinas na pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura - BOCA**, v. 6, n. 18, p. 110-121, 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/400>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Negacionismo**. Mundo Educação, 14 jun. 2016. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/negacionismo.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

SILVA, José Benedito da. **Por que os evangélicos resistem à vacina contra a Covid-19?** Revista Veja, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/por-que-os-evangelicos-resistem-a-vacina-contr-a-covid-19>. Acesso em: 15 set. 2024.

VISÃO MUNDIAL BRASIL. Vacina contra Covid-19: dá pra confiar?! YouTube, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3KAYwV0AtI>. Acesso em: 26 set. 2024.

XAVIER, Henrique Viana *et al.* Avaliação da percepção dos familiares de acadêmicos de medicina, em relação a necessidade e a importância da vacinação contra a covid-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e30211728335, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28335/25886>. Acesso em: 15 set. 2024.

CAPÍTULO VI

VIXII ACABOU A ÁGUA: UM ESTUDO DE CASO

Amanda Leifeld

Giovana Coval Hoogevoonink

Julia da Rocha Zocatelli Capuano

Vivian Maria Korb

Quadro 1 – Para o professor

PERFIL DO CASO		
Áreas		Ciências, Geografia e Língua Portuguesa.
Ano/série		5º ano
BNCC	Objeto de conhecimento	Ciências Propriedades físicas dos materiais; ciclo hidrológico; consumo consciente; reciclagem. Geografia Gestão pública e qualidade de vida. Língua Portuguesa Compreensão em leitura.
	Habilidades	Ciências (EF05CI03) Selecionar argumentos que justifiquem a importância da cobertura vegetal para a manutenção do ciclo da água, a conservação dos solos, dos cursos de água e da qualidade do ar atmosférico. Geografia (EF05GE12) Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive. Língua Portuguesa (EF05LP15) Ler/assistir e compreender, com autonomia, notícias, reportagens, vídeos em <i>blogs</i> argumentativos, dentre outros gêneros do campo político-cidadão, de acordo com as convenções dos gêneros e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
Tema		A preservação e o cuidado da água.
Acontecimento real		A crise hídrica no Paraná e a implementação do rodízio de água.
Moral da história		Preservar e cuidar das fontes de água é uma ação diária

Figura 1 – Charge



Fonte: as autoras (2023).

Já aconteceu algo semelhante com você? Você se imagina vivendo sem água? Você sabe o caminho da água até a sua casa?

O CAMINHO DA ÁGUA ATÉ NOSSA TORNEIRA

O reservatório de água é uma fonte de abastecimento fundamental na distribuição de água para a população brasileira. Ele é uma espécie de caixa d'água gigante, soterrada no subsolo de uma propriedade ou em campo aberto. Esse espaço é preenchido principalmente com a água da chuva, que depois do tratamento adequado, é transportada para as moradias das regiões próximas.

Figura 2 – Barreira e reservatório de água



Fonte: freepik (2023).

Tendo como principal fonte a água da chuva, seu abastecimento depende das variações climáticas e ambientais. Sendo assim, ações negativas, como a exploração excessiva dos recursos hídricos, a poluição e o desmatamento, que causam impactos significativos na saúde do planeta, influenciam o clima e podem prejudicar o abastecimento de água. Por isso, quando a população não realiza o uso adequado da água e não protege o meio ambiente, esse recurso tão importante para a existência do planeta Terra vai se esgotando.

Um exemplo foi o rodízio de água na cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, em 2020, quando em maio desse ano, depois de mais de dez meses de **estiagem**, decretou-se emergência hídrica, e, para controlar a situação, autorizou-se um sistema de rodízio de água de 24 horas na capital, revezando a paralisação do recebimento de água durante um dia inteiro entre os bairros (Companhia de Saneamento do Paraná, 2020).

GLOSSÁRIO

Estiagem

1. Tempo próprio de estio
2. Tempo sereno e seco
3. Falta de chuvas (necessárias)
4. Máximo abaixamento das águas de um rio ou lago

Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2024).

O QUE SE FALOU SOBRE?

Em agosto de 2020, o pré-candidato a vereador do município de Curitiba Leonardo Razera se pronunciou sobre o acontecimento em uma postagem publicada em sua conta privada no Instagram:

Figura 3 – Postagem do vereador Leonardo Razera



Fonte: Razera (2020).

Mesmo com as chuvas dos últimos dias, Curitiba está enfrentando a maior estiagem da sua história e mesmo assim, a prefeitura só sabe falar do novo asfaltamento. Cade a campanha de educação contra o desperdício? Cade a conscientização sobre a importância do racionamento? Atualmente contamos apenas com 28,5% do reservatório. Se essa crise hídrica não for controlada e se não aprendermos a economizar água, essa situação pode durar mais de um ano até que nossos reservatórios estejam cheios novamente. Nós vamos esperar terminar para então comunicar?! Economize água! (Razera, 2020).

Em seu texto, Razera critica a posição da Prefeitura Municipal de Curitiba diante do período de maior estiagem de água no município, relatando que “a prefeitura só sabe falar do novo asfaltamento”, deixando de lado os acontecimentos atuais, visto que o reservatório de água naquele momento possuía apenas 28,5% de sua capacidade total.

Diante disso, Razera questiona a falta de campanhas de educação, promovidas pela PMC, contra o desperdício de água e a conscientização da população sobre a importância do racionamento, levando em consideração o período de emergência hídrica pelo qual o município de Curitiba se encontrava.

Quase um ano depois, em abril de 2021, o deputado estadual e presidente da Comissão de Meio Ambiente, Jorge Gomes de Oliveira Brand, mais conhecido como Goura, declarou em seu Twitter a necessidade de mais ações de conscientização a respeito do cuidado com a água.

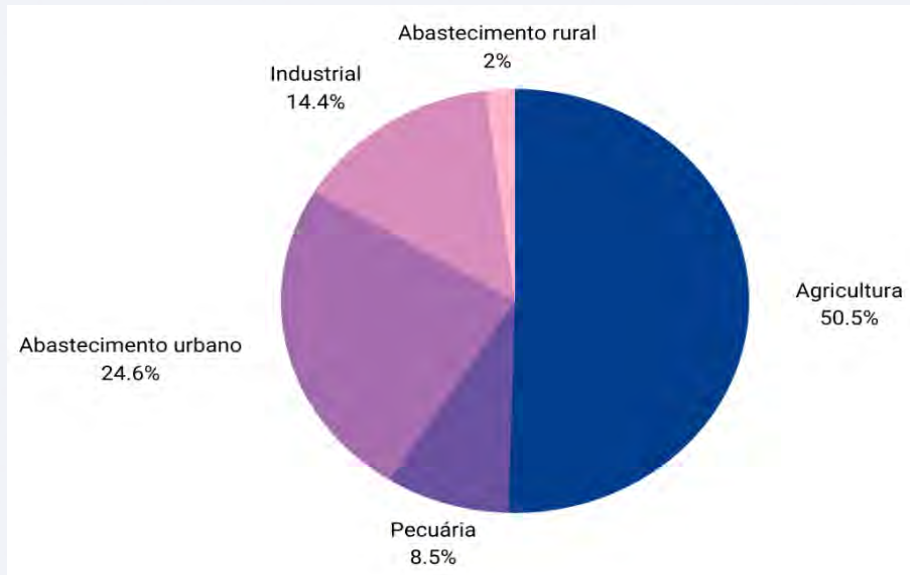
Figura 4 – Postagem do deputado estadual Goura



Fonte: Goura Nataraj (2021).

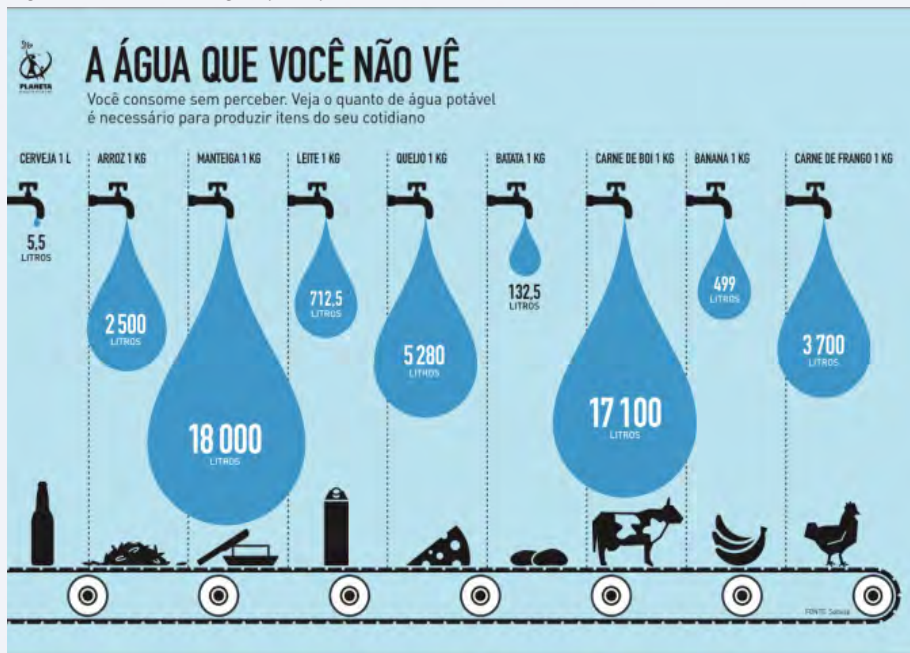
Ao citar o uso industrial, o deputado parte da verdade de que a utilização de água pelas indústrias consome uma grande quantidade de água em suas operações em diversos setores, como os de alimentos e bebidas, têxtil, energia, química e muitos outros. Além das indústrias, a prática agrícola e urbana também é reconhecida por seu alto consumo de água. É possível observar essa afirmação nas representações a seguir.

Figura 5 – Gráfico dos usos da água, por setor, no Brasil (2019)



Fonte: as autoras (2023).

Figura 6 – O uso da água para produção de alimentos



Fonte: SABESP (2007).

VAMOS QUESTIONAR?

- a) Quem consome mais água? Será que esses consumidores de água são responsabilizados pelo consumo excessivo?
- b) Como podemos contribuir para reduzir o consumo de água proveniente do **agronegócio** e das indústrias?
- c) De que forma o desperdício de alimentos está relacionado ao uso excessivo de água?

GLOSSÁRIO

Agronegócio

Conjunto de todos os processos e operações relacionados à agricultura, desde a produção até a comercialização dos produtos.

Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, verbete Agronegócio (2024).

A CRISE HÍDRICA NO PARANÁ

Durante o ano de 2020, o Paraná enfrentava duas crises: uma hídrica e outra sanitária. A distribuição e a disponibilidade de água foram afetadas com a longa permanência de um período de estiagem, ou seja, a falta de chuvas desde julho de 2019. O baixo volume de água ocasionou a redução dos reservatórios, impactando a vida dos moradores.

Esses efeitos no abastecimento hídrico, de acordo com a Revista Crea-PR, têm causas variadas “[...] desde o ritmo do clima com épocas menos chuvosas em determinadas regiões, até a falta de investimentos em planejamento e gestão de riscos em diversos setores” (A Crise, 2022).

Em relação ao Estado do Paraná, a emergência hídrica foi desencadeada por fatores como a falta de chuva, o clima seco e quente e o consequente aumento no consumo de água. A combinação desses fatores

caracteriza um fenômeno natural conhecido como estiagem, que é um período prolongado de escassez de chuva e de redução da disponibilidade de água.

Somado ao fenômeno de estiagem, a crise sanitária eclodiu com a circulação do novo coronavírus na sociedade. Classificada como pandemia, a doença respiratória conhecida por covid-19 possui alto risco de contaminação, tornando-se uma das mais mortais da história. Por esse motivo, em abril de 2020, vários países, incluindo o Brasil, adotaram o isolamento social como medida preventiva, modificando o modo de vida global.

CONSUMO DE ÁGUA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Durante a pandemia de covid-19, observaram-se diversos impactos no consumo de água. Medidas de higiene preventivas, como a lavagem frequente das mãos, levaram ao aumento do consumo de água nas residências e em locais públicos. Além disso, a urgência de limpeza e desinfecção mais rigorosa resultou em uma maior demanda por água, uma vez que superfícies, utensílios e roupas necessitavam ser higienizados regularmente.

Com as restrições de mobilidade e a permanência de mais pessoas em casa, devido às medidas de distanciamento social, houve um aumento nas atividades domésticas, como preparação de alimentos, limpeza e lavagem de roupas, o que contribuiu para um maior consumo doméstico de água.

Como consequência desses fatores, a sociedade paranaense vivia um momento de falta de chuvas, calor excessivo e pessoas isoladas em suas moradias. Segundo a Companhia de Saneamento do Paraná – Sanepar (2020), o consumo na região nos meses de março e abril de 2020 cresceu em 10%. Dessa forma, uma das alternativas adotadas para reduzir o agravamento da situação dos reservatórios foram os severos rodízios no

abastecimento de água. Isso resultou em debates sobre a importância do uso consciente dos recursos hídricos.

VAMOS QUESTIONAR?

a) Como as medidas de higiene recomendadas influenciaram o uso da água em ambientes públicos e privados?

b) É possível pensar em estratégias de higiene eficientes que utilizem menos água? Quais seriam os limites e as possibilidades?

c) Como campanhas educativas podem ajudar na conscientização sobre o uso racional da água, mesmo em contextos de maior demanda?

A IMPLEMENTAÇÃO DO RODÍZIO DE ÁGUA

Depois da divulgação dos níveis dos reservatórios de água, em maio de 2020, nas cidades do Paraná, várias fontes divulgaram notícias sobre a situação hídrica na região. Observe alguns exemplos a seguir:

Figura 8 – Notícia “Curitiba enfrenta sua pior seca em 40 anos”



Fonte: Justi em Plural Curitiba (2020).

Figura 9 – Notícia “Paraná decreta situação de emergência hídrica, após mais de 10 meses de estiagem”



Fonte: RPC Curitiba (2020).

As notícias relatam os motivos que influenciaram a crise hídrica no Paraná e divulgam a realização do rodízio de água para amenizar a situação. Fabio Basso, gerente de produção da Sanepar, explica: “Hoje, o rodízio ocorre porque há o que técnicos chamam de ‘incapacidade de oferta’ de água potável, uma vez que, sem a água do rio Miringuava, não há matéria-prima para produzir água potável (Freitas, 2020).

Ao entender o contexto que trouxe essa realidade à tona, percebemos que as principais causas e soluções estão ligadas às atitudes individuais de cada ser humano.

As mudanças climáticas estão relacionadas com a influência das práticas humanas prejudiciais ao meio ambiente, as quais ocorrem diariamente, em especial o desmatamento e as diversas poluições.

A falta de água apresenta um dos principais desafios da humanidade e, para que a vida na Terra continue existindo, precisamos repensar as atitudes individuais. Nesse sentido, Torralbo (2009, p. 68) afirma que:

São apontadas ideias a respeito de atitudes que o ser humano toma que podem contribuir com a escassez, enchente e poluição, propondo, assim, uma reflexão sobre posturas responsáveis que, individualmente, poderiam contribuir para o uso racional do recurso.

A partir disso, podemos refletir que o cuidado com o meio ambiente, e principalmente com a água, não deve acontecer somente quando a realidade está em risco, mas diariamente, com atitudes adequadas para a manutenção desse recurso tão importante para a vida humana.

SAIBA MAIS

COMO A CRISE HÍDRICA AFETOU UM DOS MAIORES PONTOS TURÍSTICOS DO PARANÁ

Assista ao vídeo da reportagem “Seca no Paraná muda paisagem das Cataratas do Iguaçu” no canal Band Jornalismo no YouTube, no qual são relatadas as condições em que as Cataratas do Iguaçu se encontravam

no período da seca no estado do Paraná em 2020. O volume baixo do Rio Paraná mudou a paisagem das Cataratas do Iguaçu drasticamente.

Figura 10 – Captura do vídeo “Seca no Paraná muda paisagem das Cataratas do Iguaçu”



Fonte: Band Jornalismo (2020).

No vídeo podemos perceber a distinção do nível da água nas Cataratas do Iguaçu, um dos principais pontos turísticos do estado do Paraná. Diante do período de seca, turistas cancelam suas visitas às Cataratas do Iguaçu, uma vez que o cenário esperado não é mais o mesmo, o que impactou o setor de turismo local.

A crise hídrica no Paraná impactou diversos setores da sociedade, reduzindo a oferta de alimentos, limitando a oferta de água para a população, comprometendo o fornecimento de energia elétrica, além de afetar o orçamento das famílias e prejudicar a indústria e o comércio locais, uma vez que a escassez da água prejudica o abastecimento em todos os setores da economia, como a agropecuária e o turismo.

A água exerce um papel fundamental em nossas vidas. Nesse sentido, devemos agir de maneira consciente, buscando preservar e cuidar desse recurso tão valioso para nossa sociedade.

SAIBA MAIS

COMO VOCÊ USA A ÁGUA?

Para dar continuidade ao momento de reflexão, assista ao vídeo “Uso consciente da água” do canal WWF-Brasil no Youtube.

VAMOS QUESTIONAR?

a) Sabe-se que a superfície da Terra é coberta por 71% de água. Apesar dessa abundância, por que alguns lugares ainda sofrem com a falta de água?

b) Qual é a importância das atitudes individuais para o racionamento de água?

Imagine que você é o prefeito de um município que está sofrendo com a crise hídrica. Quais ações poderiam ser implementadas para a redução do desperdício e para o racionamento de água?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

a) Leia a cartilha “Água: Patrimônio da Humanidade” (Campos, Casaroli; Rodrigues, 2021).

b) Jogue o jogo “Consumo correto da água”.

c) Jogue o jogo “Classifique a maneira correta de utilização da água”.

d) Assista ao vídeo “Vídeo Conscientização – Conexão Água” do canal Imago Produções Educativas no YouTube.

REFERÊNCIAS

A CRISE hídrica no Paraná. **Revista CREA-PR**, 30 abr. 2022. Disponível em: <https://revista.crea-pr.org.br/a-crise-hidrica-no-parana/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

AGRONEGÓCIO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/agro-neg%C3%B3cio>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BAND JORNALISMO. **Seca no Paraná muda paisagem das Cataratas do Iguaçu**. YouTube, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wqGCrmTPkCo>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CAMPOS, L. R.; CASAROLI, L.; RODRIGUES L. P. **Água**: Patrimônio da Humanidade. 21 f. Produto Educacional (Stricto Sensu) – Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Geografia, Goiânia, 2021. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/243/o/Cartilha_UmMarDeCartasParaAHumanidade.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022

CLASSIFIQUE A MANEIRA CORRETA DE UTILIZAÇÃO DA ÁGUA. Wordwall: @evanirmarquesmachado. 2022. Disponível em: <https://wordwall.net/resource/31663035>. Acesso em: 17 nov. 2022.

COMPANHIA DE SANEAMENTO DO PARANÁ (SANEPAR). **Sane-par amplia rodízio em Curitiba e Região Metropolitana**. Utilidade pública, 18 maio 2020. Disponível em: <https://site.sanepar.com.br/utilidade-publica/rodizio-curitiba-e-regiao-metropolitana>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CONSUMO CORRETO DE ÁGUA. Wordwall: @spdnsoraya1. 2022. Disponível em: <https://wordwall.net/resource/30933856>. Acesso em 17 nov. 2022.

FREITAS, R. C. de. Curitiba enfrenta sua pior seca em 40 anos. **Plural Jornal**. 05 mai. 2020. Disponível em: https://open.substack.com/pub/pluraljorbr/p/curitiba-enfrenta-sua-pior-seca-em-utm_campaign=post&utm_medium=web, Acesso em: 17 nov. 2022.

IMAGO PRODUÇÕES EDUCATIVAS. **Vídeo Conscientização** – Conexão Água. YouTube, 9 jul. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2w9jo7L_Tko. Acesso em: 21 nov. 2024.

JUSTI, Ana; JORNAL PLURAL. **Curitiba enfrenta sua pior seca em 40 anos**. Curitiba, 4 maio 2020. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/curitiba-enfrenta-sua-pior-seca-em-40-anos/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MACHADO, E. M. **Classifique a maneira correta de utilização da água**. Wordwall, [20--]. Disponível em: <https://wordwall.net/resource/31663035>. Acesso em: 21 nov. 2024.

NATARAJ, G. **É preciso muito cuidado com o uso d'água em Curitiba e RMC [...]**. 2020. Disponível em: https://twitter.com/goura_nataraj/status/1379192430000476163. Acesso em: 15 nov. 2022.

RAZERA, L. **Curitiba está ficando sem água e a prefeitura só sabe falar de asfalto**. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEAGxQ8HwsB>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RPC CURITIBA. Paraná decreta situação de emergência hídrica, após mais de 10 meses de estiagem. **G1 Paraná**, [S. l.], 7 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/05/07/parana-decreta-situacao-de-emergencia-hidrica-apos-mais-de-10-meses-de-estiagem.ghhtml>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SABESP. Reduzir custos e preservar o meio ambiente: Sabesp Soluções Ambientais. **SABESP**. São Paulo. 2007. Disponível em: https://www.sabesp.com.br/site/uploads/file/asabesp_doctos/cartilha_fecomercio.pdf. Acesso em: 26 jul. 2025.

SANEPAR. **Companhia de Saneamento do Paraná**. 2022. Disponível em: <https://site.sanepar.com.br/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

TORRALBO, Daniele. **O tema água no ensino**: a visão de pesquisadores e de professores de Química. 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino de Química) – Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81132/tde-22022011-115248/pt-br.php>. Acesso em: 13 nov. 2022.

WWF-BRASIL. **Uso consciente da água**. YouTube, 5 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvGts9ktQoQ>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CAPÍTULO VII

DO LIXO À HARMONIA: UM ESTUDO DE CASO

Anderson Gomes de Gois

Andressa Gomes de Gois

Roque Corrêa Júnior

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		Linguagens – Componente Curricular Arte - Música
Ano		7.º ano
BNCC	Objeto do conhecimento	Função social da música Materiais diversos na criação de instrumentos musicais
	Habilidades	(EF69AR16) Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética; (EF69AR21) Explorar e analisar fontes e materiais sonoros em práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, reconhecendo timbres e características de instrumentos musicais diversos.
Tema		Fabricação de instrumentos musicais com materiais recicláveis.
Acontecimento real		Formação da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura
Acontecimento real		Formação da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura

A música pode moldar uma sociedade, fortalecer movimentos e manifestações sociais, mudar o visual e o comportamento de uma pessoa, até mesmo influenciar os hábitos, assim como manter viva as tradições de determinado povo e/ou região, isto é, um importante meio de expressão cultural (Fonterrada, 2008). Mas será que a música pode transformar a condição social de uma pessoa?

Para responder a esse questionamento, acompanhe essa emocionante e inspiradora história da vida real. “Do aterro sanitário para o mundo, crianças e jovens de uma comunidade carente voltam a sonhar”: essa história foi noticiada por diversos meios de comunicação no mundo todo, inclusive no Brasil. Você já ouviu falar da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura? (Figura 1).

Figura 1 – Reportagem do Fantástico sobre a orquestra



Fonte: G1 (2013).

Em julho de 2013, o programa *Fantástico* apresentou essa história por meio de uma reportagem, na qual relatou todo o processo de criação e desenvolvimento dos instrumentos musicais, a história das famílias e dos músicos componentes da orquestra (crianças e jovens), bem como a incrível história de um maestro sonhador que com poucos recursos foi responsável por trazer novamente a esperança, o brilho nos olhos e o sorriso ao rosto de uma comunidade inteira.

O idealizador do projeto, o maestro e técnico ambiental Favio Chávez, ao ver as crianças e jovens da comunidade onde trabalhava

sem esperança, sonhos ou perspectiva de vida e futuro, imersas em um ambiente totalmente precário e carente de cuidados, com a saúde pública, segurança e educação, decidiu mudar essa realidade por meio da educação musical.

Seu trabalho foi direcionado para os moradores de Cateura, um aterro sanitário no subúrbio de Assunção no Paraguai. Mas: o que fazer em um local totalmente esquecido pelos governantes, empresários, pelas pessoas, o mundo como um todo, um lugar que só é lembrado para depositar aquilo que não tem mais serventia nem utilidade para os centros urbanos? Contra todas as estatísticas, rompendo com qualquer paradigma pré-estabelecido, Chávez teve a brilhante ideia de criar uma orquestra. É isso mesmo! Você não leu errado: uma orquestra com as crianças e jovens da comunidade. Você pode se perguntar: uma orquestra dentro de um lixão? Isso é possível? Sim, com certeza é possível. Na verdade, é uma realidade graças ao “maestro construtor de sonhos” (Figura 2).

Figura 2 – Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura



Fonte: G1 (2013).

Chávez desafiou padrões ao criar um ambiente musical para as apresentações, indo além dos palcos e teatros. A Orquestra de Cateura, a primeira do mundo a usar instrumentos musicais recicláveis feitos com materiais do lixo, representa um feito inédito segundo o maestro.

A MATÉRIA-PRIMA DOS INSTRUMENTOS

“O mundo nos manda lixo, nós devolvemos música!”

Essa frase é do maestro Favio Chávez, que em diversas entrevistas deixa bem claro seu posicionamento sobre o consumo exacerbado por parte da sociedade, assim como sobre o descarte irregular de muitos materiais no aterro sanitário, do qual muitas famílias tiram o próprio sustento e criam seus filhos e netos. Mas pode a música mudar esse contexto? Para Chávez, sim! Segundo ele, “o que pode ser mais inusitado do que ‘Garota de Ipanema’ sair justamente daqui?”.

Em uma de suas entrevistas, o maestro relatou o motivo da escolha pelos materiais recicláveis. Aqui na comunidade é impossível comprar um instrumento, por exemplo, “um violino tradicional custa mais que uma casa aqui”. Ele complementa dizendo, que não faz sentido você ter um instrumento mais caro do que sua própria casa. Com o aumento do interesse em fazer parte da orquestra, “houve a necessidade de improvisar e fabricar instrumentos alternativos com material que tínhamos à mão”, afirmou o maestro. Criar um instrumento na comunidade gerou um sentimento de pertencimento nas crianças, em um grupo com orientação e propósito (Figura 3).

Figura 3 – Instrumentos com materiais recicláveis



Fonte: Casa da América Latina (2021).

Mas Favio não está sozinho nessa jornada. Ele conta com a ajuda de seu amigo e fiel escudeiro Nicolás Gomez, um carpinteiro “de mão cheia” e catador de lixo em Cateura. É Nicolás quem escolhe e seleciona o material que será utilizado na confecção dos instrumentos. Segundo ele, “olho para o entulho e já vejo um violoncelo numa lata de tinta”. O maestro Chávez construiu uma pequena oficina nos fundos de sua casa, para que Nicolás pudesse fazer sua arte, a “arte de reciclar com música”, dando início a esse incrível projeto.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Na pequena oficina de Nicolás, o ritmo é constante. Sem perder o compasso nem sequer desafinar, ele cria sua mais bela composição. A cada instante, como em um passe de mágica, surge um novo instrumento que encanta a todos à sua volta. A mais doce melodia surge de um violino, que tocado por uma criança, invade o coração e a casa de todos daquela comunidade.

O processo de construção de um instrumento musical e o período destinado à fabricação varia de acordo com sua complexidade. Segundo o maestro, um violino, por exemplo, fica pronto em um dia (Figura 4), já um sax soprano, que é mais complexo, leva dois dias para ficar pronto. Da oficina todos os dias saem uma variedade de instrumentos, entre

eles: viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, trombone, trompete, guitarra, instrumentos de percussão, entre outros. Todos fabricados com materiais encontrados no lixão (Casa da América Latina, 2021).

Figura 4 – Fabricação de um violino



Fonte: GlobalVoices (2017).

O próprio instrumento do maestro é de material reciclável, um violão feito com duas latas de doce, “uma de baunilha e outra de chocolate”. De acordo com o maestro, “o som está marcado pelo material que produz. Se ele é feito de lata produz um som ‘latoso’. Mas tem a mesma afinação de um violão” (Figura 5).

Figura 5 – O maestro e seu instrumento



Fonte: Creative Visions Foundation (2023).

UMA ORQUESTRA SURGE EM CATEURA

A comunidade de Cateura está localizada na cidade de Assunção, capital do Paraguai, ao seu redor encontra-se o maior e mais importante aterro sanitário do país (Figura 6). Em 2013, o número de habitantes era de 25 mil pessoas, sendo metade crianças. Desde pequenos aprendem a ter grandes responsabilidades, como cuidar de seus irmãos mais novos, relatou Favio Chávez à reportagem do *Fantástico* em 2013. Os moradores da região de Cateura sofrem constantemente com os altos índices de violência, doenças causadas pela exposição diária ao lixo, além de enfrentar as frequentes inundações do Rio Paraguai.

Figura 6 – Aterro sanitário de Cateura



Fonte: Creative Visions Foundation (2023).

De acordo com Lopes (2013), Cateura tem sete bairros que acompanham a extensão do rio. Com aproximadamente 2.600 km, “o Rio Paraguai nasce em Alto Paraguai no estado do Mato Grosso, que banha, além do Brasil, a Bolívia, o Paraguai e a Argentina” (G1-MT, 2019).

Chávez relata que a música é muito importante para manter as crianças longe dos problemas enfrentados pela comunidade. “[Aqui] há muita droga, consumo de entorpecentes, álcool, violência e trabalho infantil. Ninguém imaginaria que num lugar desses, crianças pudessem aprender valores, mas que a orquestra é como uma ilha”, afirma Chávez, para a matéria do G1 (2012).

SAIBA MAIS

A IMPORTÂNCIA DA ORQUESTRA EM MINHA VIDA!

Saiba mais sobre a importância da Orquestra na vida de seus integrantes a partir dos relatos de alguns deles (Lopes, 2013): “Ada Ríos, 14 anos – primeira violinista. ‘A Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura deu sentido à minha vida porque não temos muitas oportunidades’ (Figura 7).”

Figura 7 – Ada Ríos, Primeira Violinista



Fonte: Creative Visions Foundation (2023).

Tania Vera, 15 anos. “A música é, para mim, o mais importante. Vou sempre à escola e depois volto para a casa, para cuidar das minhas irmãs, cozinhar e cuidar de tudo. A minha mãe e Jéssica (irmã) têm orgulho em que eu faça parte da orquestra”.

Maria Cardozo, 16 anos. “A música é minha vida. Se você tira música do lixo, você sabe que tudo é possível. Podemos realizar nossos sonhos, seguir em diante”.

Natália Aranda. “Quando toco um instrumento, é algo muito meu. Sinto que faz parte da minha vida. Eu quero ser uma grande violinista, e nossa orquestra prova que nada é impossível”.

Favio Chávez. “Imagine uma criança (Natália Aranda) que não conseguia se concentrar cinco minutos, e agora integra uma orquestra e tem uma vida planejada com um ano de antecedência”.

O “MAESTRO CONSTRUTOR DE SONHOS”

Mas afinal quem é Favio Chávez? E por que Cateura foi o seu destino?

Favio Hernan Chávez Morán, natural de Buenos Aires, capital da Argentina, filho de comerciantes, se mudou com a família para Carapeguá um distrito localizado no Paraguai, onde permaneceu dos 4 aos 29 anos de idade. Em Carapeguá, Favio desenvolveu suas habilidades musicais e o gosto pela educação musical (Lopes, 2013).

Em 2002, depois de ingressar no Conservatório de Assunção, Chávez iniciou sua jornada na formação musical das crianças de Carapeguá, resultando na criação de uma pequena orquestra que existe até hoje, da qual ainda é diretor, a visitando sempre que possível. Favio vive em um bairro de Assunção, próximo a Cateura, e formou-se em Engenharia, Ecologia Humana e Filosofia (Lopes, 2013).

Em 2006, Favio foi para Cateura trabalhar como ambientalista, no maior aterro sanitário do Paraguai. Ao observar crianças imersas em meio aos entulhos e resíduos, retomou sua antiga profissão, “professor de música”, e assim, nasceu a Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura. “Tenho sorte de fazer o que gosto; é gratificante ver crianças felizes graças ao nosso trabalho; porque o pouco que fazemos é sempre

muito para elas, que nada têm,” conta Chávez, para a matéria do My East-West (Lopes, 2013).

QUESTIONAMENTOS

a) Quais são os desafios enfrentados por projetos culturais como a Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura em ambientes de vulnerabilidade social?

b) De qual maneira o uso de materiais recicláveis na construção de instrumentos musicais contribui para a conscientização ambiental e social?

c) Em que medida iniciativas como a de Favio Chávez podem influenciar a autoestima e a perspectiva de futuro das crianças e jovens envolvidos?

DE CATEURA PARA O MUNDO

Quem imaginaria que do lixo pudesse sair algo tão extraordinário, algo que impactasse crianças e adolescentes a ponto de mudar suas vidas, reacendendo a esperança, os sonhos e seus futuros. O poder da música penetra o mais profundo do ser, expressando sentimentos mesmo sem o uso das palavras. É uma linguagem universal que pode mudar a vida e a condição social de pessoas que a experienciam. É sob essa perspectiva que a Orquestra de Reciclados de Cateura viaja o mundo por meio do som “latoso” de seus instrumentos (Figura 8).

Figura 8 – Orquestra de Reciclados de Cateura

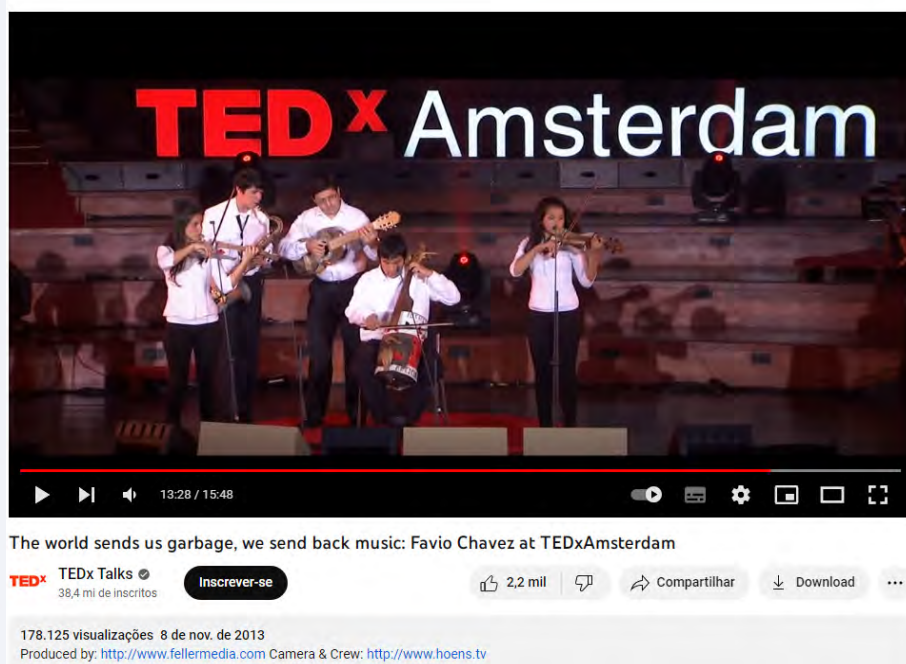


Fonte: Hypheness (2013).

O repertório da orquestra é bem diversificado, além de interpretar grandes clássicos de Beethoven e Mozart, no repertório não pode faltar as canções de Frank Sinatra e de bandas como: os Beatles, Megadeth e Metallica. Os jovens músicos interpretam também, de forma brilhante, músicas de compositores brasileiros, como: *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, e *Tico Tico no Fubá*, de Zequinha de Abreu.

De acordo com a entrevista para o programa *Fantástico*: “o sonho impossível da comunidade inteira aos poucos foi se transformando em convites reais para viajar [...] – Ninguém acreditou quando eles foram se apresentar em Amsterdam”, relatou uma das mães (Figura 9).

Figura 9 – Apresentação em Amsterdam



Fonte: TEDx Talks (2013).

A Orquestra de Reciclados de Cateura também já se apresentou aqui no Brasil, na Oficina de Música de Curitiba em 1 de fevereiro de 2018 (Figura 10). “Transformação de lixo em música por meio da criação de instrumentos reciclados. Essa foi a alternativa de 30 adolescentes de Cateura, moradores de um aterro sanitário em Assunção do Paraguai” (Fundação Cultural de Curitiba, 2018).

Figura 10 – Apresentação na Oficina de Música de Curitiba

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

CURITIBA-OUVE 156 ACESSO À INFORMAÇÃO SECRETARIAS

CURITIBA Notícias

Sex 11° Saiba mais

Minha Prefe

Oficina de Música

Orquestra de Reciclados de Cateura emociona público no Teatro Guaíra

02/02/2018 11:00



Transformação de lixo em música por meio da criação de instrumentos reciclados. Essa foi a alternativa de 30 adolescentes de Cateura, moradores de um aterro sanitário em Assumpção, que nesta noite (1/02) levaram os olhares da Oficina de Música de Curitiba a um outro foco. Curitiba, 01/02/2018 Foto: Daniel Castellano/SMCS

1/30

Fonte: Fundação Cultural de Curitiba (2018).

Foi descrita como uma “grande surpresa”, pelos jornais colombianos e pela própria banda Metallica, depois da apresentação da jovem orquestra paraguaia na abertura do início da turnê da banda norte-americana (Figura 11). A apresentação aconteceu na Colômbia, para cerca de 40 mil pessoas no parque de Simón Bolívar (ABC, 2014).

Figura 11 – Orquestra de Cateura no palco do Metallica



Foto: ABC (2014).

A Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura representa muito mais do que a criação de música a partir do lixo; ela é um símbolo de transformação e esperança para aqueles que fazem parte dela. Ao viajar pelo mundo e se apresentar em palcos importantes, como no TEDx Amsterdam, na Oficina de Música de Curitiba e até mesmo na abertura de um show do Metallica, a orquestra prova que, independentemente das circunstâncias, é possível transformar desafios em conquistas.

DEIXANDO SUA MARCA

Com base nos questionamentos e nos relatos apresentados neste estudo de caso, foi possível observar o poder de transformação social que a música possui. A Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura, sob direção do maestro Favio Chávez, provou que com muito pouco,

mas com muita determinação e dedicação, uma comunidade inteira pode voltar a sonhar.

Chávez foi além do óbvio, enxergando na pequena comunidade paraguaia uma oportunidade de fazer aquilo que ama. Por meio da educação musical, “o maestro construtor de sonhos”, além de ensinar com excelência os elementos técnicos da música, ensinou valores fundamentais, como a empatia e o respeito pelo próximo, assim como comprometimento com o processo de aprendizagem.

Os jovens moradores de Cateura por meio de sua musicalidade romperam as fronteiras paraguaias. A música como linguagem universal e importante meio de expressão cultural deu voz aos pequenos músicos do aterro sanitário de Cateura, permitindo que alcançassem os grandes palcos do mundo.

A orquestra deu novo sentido aos jovens de Cateura, novas oportunidades e descobertas. Fica claro que o principal objetivo de Chávez não era formar músicos profissionais, mas sim cidadãos, promovendo uma transformação social e cultural. A partir do “som latoso” de seu violão e de sua “batuta mágica”, crianças, jovens e adultos voltaram a sonhar.

QUESTIONAMENTOS

a) Como a exposição a diferentes culturas musicais, por meio de uma orquestra, pode enriquecer a experiência e o desenvolvimento pessoal dos participantes?

b) Quais são as lições que outros países e comunidades podem aprender com o sucesso da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura?

c) De que forma a participação em eventos internacionais pode impactar a visibilidade e o reconhecimento de projetos sociais?

d) Qual é a importância de um líder visionário, como Favio Chávez, na criação e manutenção de projetos sociais transformadores?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

VAMOS NOS APROFUNDAR?

a) Assista à matéria completa do Fantástico (2013) sobre a orquestra, “Catadores de lixo criam orquestra com instrumentos de objetos reciclados”.

b) Assista ao vídeo “Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura, Paraguai: testemunhos + músicas!” do canal Campanha da Juventude pela Paz (2018) no YouTube.

REFERÊNCIAS

ABC. **Orquestra de Cateura surpreende no início da turnê com o Metallica**. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/artes-espectaculos/orquestra-de-cateura-sorprende-en-inicio-de-la-gira-con-metallica>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CAMPANHA DA JUVENTUDE PELA PAZ. **Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura, Paraguai: testemunhos + músicas!**. YouTube, 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wAIS0IJ0nb0>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CASA DA AMÉRICA LATINA. **Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura**. 2021. Disponível em: <https://casamericalatina.pt/2021/01/07/orquestra-de-instrumentos-reciclados-de-cateura/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CREATIVE VISIONS FOUNDATION. [...]. 2023. Disponível em: <https://www.creativevisions.org/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ENVOLVERDE. **Orquestra de Reciclados de Cateura do Paraguai vira documentário.** Disponível em: <https://envolverde.com.br/orquestra-de-instrumentos-reciclados-de-cateura-do-paraguai-vira-documentario/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FANTÁSTICO. Catadores de lixo criam orquestra com instrumentos de objetos reciclados. Fantástico, Rio de Janeiro: TV Globo, 7 jul. 2013. Reportagem. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2678064/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FUNDAÇÃO DE CULTURA. Orquestra paraguaia de instrumentos feitos do lixo traz mensagem de transformação e integração entre países sul-americanos. Disponível em: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/orquestra-paraguaia-de-instrumentos-feitos-do-lixo-traz-mensagem-de-transformacao-e-integracao-entre-paises-sul-americanos/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

G1. **Orquestra com instrumentos construídos no lixão recupera sonhos de crianças paraguaias.** 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/07/orquestra-com-instrumentos-construidos-no-lixao-recupera-sonhos-de-criancas-paraguaias.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

G1. **Paraguai cria orquestra com instrumentos feitos de lixo.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/12/paraguai-cria-orquestra-com-instrumentos-feitos-de-lixo.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

G1. **Rio Paraguai é o 8º maior da América do Sul e percorre 4 países.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/expedicao-travessia/noticia/2019/06/04/rio-paraguai-e-o-8-maior-da-america-do-sul-e-percorre-4-paises.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GLOBAL VOICES. **Do sofrimento para as estrelas:** para estas crianças latino-americanas, o lixo não ficará no caminho da música. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2017/02/07/do-sofrimento-para-as-estrelas-o-lixo-nao-ficara-no-caminho-da-musica/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HYPENESS. **Orquestra jovem no Paraguai toca com instrumentos feitos do lixo**. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2013/05/orquestra-jovem-no-paraguai-toca-com-instrumentos-feitos-de-lixo/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

LOPES, Margarida Santos. My East-West. **No Paraguai a “música do coração” vem do lixo**. 2013. Disponível em: <https://margaridasantoslopes.com/2013/03/04/paraguai-a-musica-do-coracao-que-vem-do-lixo/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MELOTECA. **Citações de música na poesia**. Disponível em: <https://www.meloteca.com/citacoes-de-musica-na-poesia/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SABRA. **Sociedade e música**. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/musica-influencia-a-sociedade>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SANEAMENTO BÁSICO. **Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura – Paraguai**. Disponível em: <https://saneamentobasico.com.br/outros/geral/orquestra-de-instrumentos-reciclados-de-cateura-paraguay/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **35ª Oficina de Música de Curitiba** - Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura. 2028. Disponível em: <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/acervo/394964>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CAPÍTULO VIII

O CONTÁGIO PELA DESINFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

João Pedro do Prado Nascimento
Maria Fernanda Moretti Schneider

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		Língua Portuguesa
Ano		7.º ano do Ensino Fundamental
BNCC	Objeto do conhecimento	• Distinção entre fato e opinião; • Reconhecimento dos efeitos de sentido em estratégias de seleção na argumentação; • Verificação de elementos de coesão e coerência (ou a falta deles) em discursos de cunho persuasivo; • Verificação de informações espalhadas nas grandes mídias.
	Habilidades	• (EF67LP04) Distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato; • (EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3.ª pessoa <i>etc.</i>; • (EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido; • (EF07LP12) Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos); • (EF07LP11) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, períodos compostos nos quais duas orações são conectadas por vírgula, ou por conjunções que expressam soma de sentido (conjunção “e”) ou oposição de sentidos (conjunções “mas”, “porém”).

Tema	Desvendando as <i>fakes news</i> na pandemia de covid-19
Acontecimento real	Casos de <i>fake news</i> na pandemia de covid-19
Moral da História	Temos o direito de tomar nossas próprias decisões. Porém, ao espalhar notícias falsas, estamos manipulando as decisões alheias.

FATO OU FAKE? COMO IDENTIFICAR E COMBATER AS NOTÍCIAS FALSAS DIANTE DE SITUAÇÕES COMPLEXAS COMO A PANDEMIA DE COVID-19

No contexto da crise sanitária vivenciada pelo mundo entre 2020 e 2023, em decorrência da proliferação da covid-19, as fake news (notícias falsas) ganharam ainda mais destaque no cotidiano das pessoas. Desde o surgimento da pandemia, várias informações falsas circularam nas redes sociais digitais e em outros meios de comunicação, causando confusão e medo na população (Galhardi *et al.*, 2022). Uma das mais recorrentes foi a alegação de que as vacinas contra o vírus seriam capazes de modificar o DNA dos indivíduos imunizados. Essa desinformação levantou preocupações e gerou resistência à vacinação, comprometendo os esforços globais de combate à doença (Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2022).

No Brasil, questionamentos acerca dos diferentes tipos de vacina também resultaram da disseminação de notícias falsas. Estima-se que em 70% dos municípios foram registrados casos de pessoas que gostariam de escolher a marca do imunizante. Além disso, 53,1% dos indivíduos se recusaram a tomar a CoronaVac, exatamente a vacina que foi alvo da maior quantidade de fake news (Galhardi *et al.*, 2022).

A desinformação é um fenômeno preocupante, pois compromete a saúde pública. Um agravante é que ela atinge em maior escala os grupos populacionais vulneráveis, com escolaridade mais baixa e maior dificuldade de discernimento (Galhardi *et al.*, 2022). Essa prática criminosas

afeta o pensamento da comunidade que sofre seu efeito, sendo uma das consequências visadas pelo emissor das notícias falsas: a alienação das pessoas.

A IMPORTÂNCIA DA CHECAGEM DOS FATOS

Apesar da maior parte das fake news serem disseminadas nas redes sociais digitais, é importante ressaltar que os algoritmos utilizados nas interfaces não foram criados para essa finalidade (Galhardi *et al.*, 2022). Com o propósito de limitar essa prática, as próprias plataformas estão sendo utilizadas para combater a desinformação, inclusive criando mecanismos para checar os fatos.

Uma pesquisa realizada pela Avaaz (2020) indicou que 73% dos brasileiros acreditam em notícias falsas sobre o coronavírus. Um exemplo disso foi o caso de um áudio amplamente compartilhado no WhatsApp, cujo conteúdo era o relato de que um servidor da prefeitura de Nhandeara, no interior de São Paulo, teria sido internado em estado grave depois de tomar a dose bivalente da vacina contra a covid-19. A secretaria utilizou as redes para desmentir essa informação (Figura 1).

Figura 1 – Postagem do perfil @saude_sp



Fonte: Secretária de Estado da Saúde (2023).

Plataformas de mídia social, mecanismos de busca e organizações de verificação de fatos têm implementado medidas para identificar e sinalizar conteúdos enganosos, limitando sua disseminação. Além disso, diversas iniciativas têm surgido para promover a educação sobre literacia

digital e a importância de checar as fontes de informações antes de compartilhá-las.

Os veículos de comunicação reconheceram os malefícios das *fake news* e criaram uma proposta de *software* para checagem dos fatos. A Agência Lupa (Fagundes, 2023) em conjunto com o jornal Folha de S.Paulo é um exemplo dessa iniciativa (Figura 2).

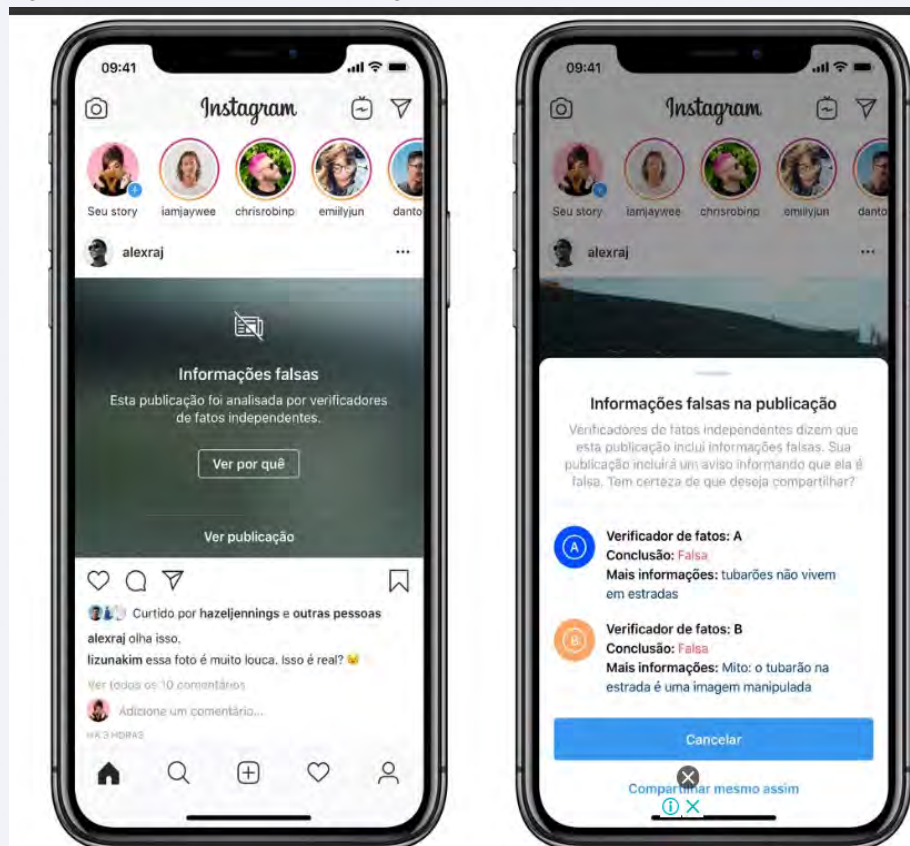
Figura 2 – Agência Lupa da Folha de S. Paulo



Fonte: Fagundes (2023).

As redes sociais digitais mais utilizadas pelos brasileiros também se preocuparam com informar *fake news*. Desde 2019, no Brasil, o *Instagram* e o *Facebook* apresentam um checadore de informações, em que as notícias falsas são marcadas com um aviso e junto a elas é anexado um *link* com uma notícia que combate a desinformação (Figura 3).

Figura 3 – Checador de fatos do Instagram



Fonte: Fernandes (2019).

COMO SURGEM AS NOTÍCIAS FALSAS?

Não existe ainda um consenso sobre quando as notícias falsas passaram a ser mais compartilhadas. Sabe-se, no entanto, que as mentiras estão presentes desde as primeiras relações sociais. Em 2017, o termo fake news foi eleito o mais comentado do ano pelo dicionário Collins, relacionado a conteúdos sobre a corrida presidencial dos estados. Por conta disso, com frequência o conceito está atrelado às disputas políticas (BBC, 2017).

É importante esclarecer que existem diferentes tipos de notícias falsas. A “desinformação” é caracterizada pela clara intenção de manipular narrativas, por meio da enganação. Já a “*misinformation*” ocorre quando há disseminação de informações inverídicas que causam a desinformação – mesmo que de modo não intencional. Até mesmo as notícias verdadeiras, quando utilizadas fora de contexto podem enganar as pessoas (García, 2020).

As notícias falsas são criadas utilizando estratégias argumentativas, nas quais palavras são usadas com o intuito de alcançar objetivos específicos. Uma dessas estratégias é a seleção de fatos, que leva em consideração três aspectos: tempo, espaço e hierarquia das informações. Isso significa que elas ganham força por tratarem de problemas e discussões atuais. Com relação ao espaço, a estratégia pode ser dupla, as notícias podem abordar temas de locais mais afastados – fazendo o uso de uma citação falsa de uma autoridade do país ou região – ou próximos, apelando para a conexão emocional do leitor com a notícia. Já a hierarquia ocorre a partir da seleção da informação mais importante, que irá atingir o efeito esperado pelo autor. Essas seleções são processos conscientizados e revelam um cunho político.

Os fatos político-sociais são tratados para evocar os dramas do destino humano: o insólito, o enorme, o misterioso, o repetitivo, o acaso, o trágico e o horror. Dessa forma, observa-se que o universo da informação midiática é um universo construído. O acontecimento, jamais, é transmitido em estado bruto, uma vez que, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de diversas racionalizações (Magri, 2020, p. 119).

SAIBA MAIS

COMO IDENTIFICAR AS FAKE NEWS?

O Diretório Acadêmico de Gestão da Informação (DAGI) da Universidade Federal de Pernambuco (2020) divulgou algumas dicas para

que a população possa identificar mais facilmente a não veracidade dos fatos.

Avaliar a fonte, o site e o autor do conteúdo: muitos publicadores de fake news têm nomes parecidos com endereços de páginas de notícias. Portanto, é importante avaliar o endereço e verificar se o site é confiável. Também deve ser visto se outros conteúdos disponibilizados são duvidosos.

Avaliar a estrutura do texto: páginas que divulgam notícias falsas costumam apresentar erros gramaticais em Língua Portuguesa, uso exagerado de pontuação e erros de formatação, como letras em caixa alta.

Prestar atenção na data da publicação: deve ser visto se a notícia ainda é relevante e está atualizada.

Ler mais que só o título e o subtítulo: ler a notícia até o fim. Muitas vezes, o título e o subtítulo não condizem com o texto.

Pesquisar em outros sites de conteúdo: duvidar caso receba uma notícia bombástica que não esteja em outros sites de notícia.

Verificar se não se trata de site de piadas: alguns sites de humor usam da ironia para fazer piada.

Compartilhar apenas depois de checar se a informação está correta: não compartilhar conteúdo por impulso. O usuário é responsável pelo conteúdo que está compartilhando.

VAMOS QUESTIONAR?

- a) Como podemos reconhecer fake news e testar a veracidade das informações que recebemos?
- b) Além das fake news no contexto de social, em quais outras esferas da sociedade podemos encontrar notícias falsas?
- c) Quais atitudes os indivíduos podem ter para que seja possível combater essa ilegalidade na prática?

d) Qual é o procedimento que deve ser tomado ao receber uma notícia de cunho “bombástico”?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

VAMOS NOS APROFUNDAR?

a) Assista ao vídeo “Como a tecnologia ajuda na disseminação de notícias falsas e como combater?” do canal Rede TV (2022) no YouTube.

b) Assista ao vídeo O Tempo. “Como identificar fake news em 7 passos – Política Além do Voto” do canal O Tempo (2022) no YouTube.

c) Assista ao vídeo “Por que você acredita em Fake News?” do canal Nerdologia (2017) no YouTube.

REFERÊNCIAS

BOAS, Pedro Vilas. **É falso que homem foi internado em estado grave após tomar vacina bivalente. UOL Confere**, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2023/03/10/e-falso-que-homem-foi-internado-em-estado-grave-apos-tomar-vacina-bivalente.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Como identificar Fake News? **Diretório Acadêmico de Gestão da Informação (DAGI)** UFPE. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/dagi/2020/07/05/como-identificar-fake-news/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FAGUNDES, Evelyn. **É falso que criança morreu após tomar vacina contra Covid-19 na Paraíba. UOL**, Lupa, 2 mai. 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/05/02/e-falso-que-crianca-morreu-apos-tomar-vacina-contr-covid-19-na-paraiba>. Acesso em: 19 maio 2023.

FERNANDES, Rodrigo. Instagram anuncia ferramenta para combater notícias falsas no Brasil. **Techtudo**, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/instagram-anuncia-ferramenta-para-combater-noticias-falsas-no-brasil.ghml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GARCÍA, Jorge G. “Fake news” seguem padrões concretos. E os algoritmos já conseguem rastreá-los. **El País**, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-06-11/fake-news-seguem-padrones-concretos-e-os-algoritmos-ja-conseguem-rastrea-los.html>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LORENZETTI, Caroline Schneider; VERDUM, Kelvin. Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina. **Agência da Hora**, UFSM, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>. Acesso em: 19 maio 2023.

MAGRI, Mariano; LOCATELLI, Renan Gonçalves. Fake News: uma perspectiva para além de verdades e mentiras. **VERBUM, Cader-nos de Pós-Graduação**, v. 9, n. 2, p. 116-130, 2020. ISSN 2316-3267. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/49948>. Acesso em: 19 maio 2023.

MÍDIA NINJA. 73% dos brasileiros acreditam em fake news sobre o coronavírus. **Mídia Ninja**, 4 maio 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/news/73-dos-brasileiros-acreditam-em-fake-news-sobre-o-coronavirus/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

NERDOLOGIA. Por que você acredita em Fake News? . YouTube, 9 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8quTOB-vb8uA>. Acesso em: 22 nov. 2022.

NOROESTE ONLINE. Somente 8% da população brasileira consegue ler e interpretar textos. **NoroesteOnline.com**, 22 abr. 2019. Disponível em: <https://www.noroesteonline.com/somente-8-da-populacao-brasileira-consegue-ler-e-interpretar-textos/#:~:text=Apenas%208%20em%20cada%20100>. Acesso em: 22 ago. 2024.

O TEMPO. **Como identificar fake news em 7 passos** – Política Além do Voto. YouTube, 13 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LpgwbQ2jl4>. Acesso em: 22 nov. 2022.

REDE TVT. Como a tecnologia ajuda na disseminação de notícias falsas e como combater? | Transição. YouTube, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62NDDqsnAGg>. Acesso em: 22 nov. 2022.

ROCHA, Regina Braz da Silva Santos. O ensino da escrita argumentativa na perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 199-218, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000100012>. Acesso em: 22 ago. 2024.

VEJA. Fake news é eleita palavra do ano por dicionário Collins. **VEJA**, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-por-dicionario-collins#:~:text=A%20expres-s%C3%A3o%20foi%20usada%20com,dicion%C3%A1rio%20em%20sua%20pr%C3%B3xima%20edi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 ago. 2024.

CAPÍTULO IX

A LÍNGUA INGLESA PARA TODOS: UM ESTUDO DE CASO

Ana Beatriz Wolff Bueno
 Anna Gabrielly de Souza Leite
 Caroline Carmona Marques Gonçalves
 Gabriela Mader de França
 Júlia Fernandez Lui

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		Língua Inglesa
Ano		7.º ano
BNCC	Objeto do conhecimento	Funções e usos da Língua Inglesa; estratégias de compreensão de textos orais; compreensão geral e específica; a Língua Inglesa como língua global.
	Habilidades	(EF07LI01) Interagir em situações de intercâmbio oral para realizar as atividades em sala de aula, de forma respeitosa e colaborativa, trocando ideias e engajando-se em brincadeiras e jogos. (EF07LI03) Mobilizar conhecimentos prévios para compreender texto oral. (EF07LI07) Identificar a(s) informação(ões)-chave de partes de um texto em Língua Inglesa (parágrafos). (EF07LI21) Analisar o alcance da língua inglesa e os seus contextos de uso no mundo globalizado.
Tema		O sotaque latino presente nas falas em Língua Inglesa.
Acontecimento real		Casos de preconceito linguístico com falantes não nativos de inglês
Moral da história		Distinguir a importância da Língua Inglesa na sociedade e como ela está presente nos nosso dia a dia de maneira natural.

UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O inglês é considerado uma língua franca, ou seja, é considerada comum entre diversos grupos sociais que falam línguas diferentes. Por exemplo: mexicanos, franceses, alemães, brasileiros e italianos podem conversar entre si, utilizando a Língua Inglesa, mesmo que cada um tenha sua própria língua de origem.

O inglês, por conta da globalização, se tornou popular e conhecido no mundo inteiro. Junto a isso, faz-se necessário que os falantes não se limitem a um sotaque específico, tido como “padrão”, pois como esse idioma está presente em diversas comunidades de fala, os sotaques serão variados.

SAIBA MAIS

UM IDIOMA, VÁRIOS SOTAQUES

Considerando a variedade de sotaques do inglês ao redor do mundo, assista ao trecho da entrevista de 2010 de Sabrina Sato com o cantor canadense Justin Bieber no programa Pânico na TV, e preste atenção à fala dos participantes, além do sotaque de cada um.

Assista também ao vídeo “Julie Bowen does the best Sofía Vergara impression”, com um trecho de 2018 do programa The Ellen Show, disponível em seu canal no YouTube.

A LÍNGUA NO MUNDO GLOBALIZADO

O fenômeno da globalização é um os responsáveis pela Língua Inglesa estar tão presente no nosso dia a dia, seja por sermos bombardeados

por produtos culturais estadunidenses, seja por ser utilizada com ponto entre diferentes povos e culturas.

Segundo o sociólogo Giddens, a globalização é um processo que intensifica as relações sociais em escala global, conectando localidades distantes de tal maneira que eventos locais são influenciados por acontecimentos ocorridos a grande distância, e vice-versa. Giddens ressalta que a globalização não se restringe ao campo econômico, mas também envolve dimensões políticas, culturais e tecnológicas, alterando profundamente como as pessoas percebem e interagem com o mundo.

Bakhtin (2006), filósofo, pensador russo e crítico literário e esclareceu que a língua pode ser tomada como indicador de mudanças sociais. Por exemplo, a popularização da Língua Inglesa representa também um domínio mercadológico de marcas norte-americanas.

Dessa forma, está cada vez mais natural para falantes de todas as classes, idades e gênero, o uso de expressões em Língua Inglesa. Seja por causa de propagandas e publicidades, seja por jogos e séries de televisão.

Isso também revela o quanto aprender uma língua nova pode ser fácil pois o indivíduo pode escolher a forma e a estratégia de aprendizagem e utilizar disso para seu desenvolvimento. Por exemplo, o acesso fácil à língua inglesa por meio de jogos, séries e propagandas pode ter um impacto significativo no aprendizado do idioma. Essa diversidade de formas que o indivíduo tem possibilidade de acessar a Língua Inglesa pode ter um impacto significativo por algumas razões: a exposição repetida, na qual ocorre a constante exposição ao inglês; contextualização, que demonstra os diversos contextos nas quais a língua pode estar inserida; motivação e engajamento, que pode possibilitar um engajamento maior dos aprendizes, tornando esse aprendizado mais eficaz; escuta e pronúncia, que melhora a compreensão auditiva e a pronúncia; e, por fim, a aprendizagem passiva, que demonstra que, mesmo que os aprendizes não estejam estudando ativamente, eles estão absorvendo novas palavras e frases a partir dos inputs recebidos.

Todos esses fatores podem contribuir para um ambiente rico em estímulos, que permitem uma aprendizagem mais natural e integrada. Além de tornar o processo mais eficiente e agradável. Diante disso, cada vez mais, temos relatos de pessoas autodidatas no que diz respeito ao aprendizado de novas línguas, principalmente do inglês.

SAIBA MAIS

O QUE É LÍNGUA FRANCA?

O estudo de uma língua franca poderia ser funcionalmente e não formalmente definido, visto que não se trata de uma variável da língua inglesa e sim uma maneira variável de usá-la (Seidlhofer, 2011). Para o filósofo e teórico literário Bakhtin, o conceito de língua franca está relacionado à sua teoria sobre a linguagem e a dialogicidade, mas ele não usa o termo de forma técnica como em contextos sociolinguísticos tradicionais. Isso porque a variabilidade da língua é definida por interações e resultados diversos que podem ser totalmente diferentes em vista das inúmeras situações comunicativas. Aquilo que é partilhado é o conteúdo em si, que une as culturas e possui a língua como intermediária nessa relação.

INNER, OUTER, AND EXPANDING CIRCLES

No contexto de inglês como língua franca, pode-se trazer o contexto cunhado por Kachru (2009), dos círculos da Língua Inglesa, ou seja, ele classificou os falantes de inglês em três grupos. O primeiro, o *inner circle*, seria aquele que engloba os falantes primários da língua, responsáveis por disseminar as regras de funcionamento do idioma e sua

cultura. Os integrantes desse grupo são do Reino Unido, dos Estados Unidos, e dos países da Oceania.

O segundo grupo, o *outer circle*, engloba os países que foram colonizados recentemente por algum dos países do *inner circle*, e tiveram a Língua Inglesa imposta, e, conseqüentemente, utilizam o inglês como segunda língua, mas ainda assim é um dos idiomas oficiais do país. São integrantes desse grupo países como a Índia e a África do Sul.

Por fim, graças à globalização, existem aqueles que fazem uso da Língua Inglesa como língua franca. Esses países formam o grupo do *expanding circle*. Vale ressaltar que ao definir os grupos de falantes, Kachru (2009) considerou que não existe apenas o inglês britânico ou o inglês norte-americano como exemplos do que poderia ser considerado correto, mas sim que cada país tem sua maneira de falar o idioma, e isso se deve às convenções da língua materna. Sendo assim, qual o motivo de apenas os falantes do *inner circle* serem considerados falantes da língua, e qual o motivo dos falantes do *outer and expanding circle* serem constantemente criticados pela forma como falam a língua?

VAMOS QUESTIONAR?

a) Se a Língua Inglesa é considerada língua franca, é coerente que pessoas ainda discutam a respeito dos sotaques, considerando o dos nativos de países de Língua Inglesa “correto” e de outros incorreto?

b) Como o processo de globalização interfere na repercussão da Língua Inglesa como língua franca?

c) Mesmo com o conceito de Língua Inglesa como língua franca, suas variáveis sofrem preconceito linguístico?

d) O ensino de Língua Inglesa no Brasil é voltado ao ensino de uma língua franca?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

VAMOS NOS APROFUNDAR?

a) Assista à entrevista completa de Justin Bieber, “Panico na TV Sabrina Sato e Justin Bieber Entrevista 29 de agosto 2010.

b) Assista ao vídeo “WHAT is a ‘Lingua Franca’”, do canal Longfocus no YouTube. Legenda disponível em português.

REFERÊNCIAS

CANAGARAJAH, Suresh; SAID, Selim Ben. English language teaching in the outer and expanding circles. *In*: MAYBIN, Janet; SWANN, Joan. **The Routledge Companion to English Language Studies**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301820755_English_Language_Teaching_in_the_Outer_and_Expanding_Circles. Acesso em: 4 set. 2024.

GIMENEZ, Telma; KADRI, Michele Salles El *et al.* Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjD-qBK4SNBvxg6DBfjS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2022.

JULIE Bowen does the best Sofía Vergara impression. TheEllenShow [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3D-3grn9XUo>. Acesso em: 4 set. 2024.

JUSTIN Bieber corrigindo Sabrina Sato. Caroline Froes [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9UIyYD0MF1o>. Acesso em: 4 set. 2024.

KACHRU, Braj B. **The Alchemy of English: The Spread, Functions, and Models of Non-Native Englishes**. Linguística Aplicada. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/JpXRQKLyqJc6MWYgxQjRY-ZJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/4kcpYDjgyZH-GR4ZbgrhZYZn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PANICO na TV Sabrina Sato e Justin Bieber entrevista 29/08/10. Jdhnata Carlos [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9oDWbAkGBDg&t=14s>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SOUZA, Samir Cristino de; DOURADO, Luis. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **Holos**, v. 5, p. 182-200, 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2880>. Acesso em: 19 nov. 2022.

CAPÍTULO X

RACISMO NÃO CABE MAIS NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO

Cecília de Moraes Duarte

Vivian Maria Korb

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		História
Ano		8º ano
BNCC	Objeto do conhecimento	O escravismo no Brasil do século XIX: <i>plantations</i> e revoltas de escravizados, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial
	Habilidades	(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas. (EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.
Tema		Injúria racial
Acontecimento real		Caso de injúria racial contra o cantor Seu Jorge
“Moral da história”		O racismo não escolhe a classe social

Em outubro de 2022, no Clube Grêmio Náutico União, em Porto Alegre, o cantor Seu Jorge apresentava ao público Pedrinho, um jovem negro de 16 anos que, no palco, tocava cavaquinho ao lado de seu ídolo. Ao apresentá-lo, Seu Jorge introduz o debate sobre a redução da maioridade penal, cujo verdadeiro alvo são os jovens negros periféricos. O cantor comenta que, ao olhar um jovem como Pedrinho, deveríamos

pensar no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), legislação que visa assegurar os direitos a este grupo, e não no crime.

Alguns dos espectadores dos *shows* não concordaram com o comentário e não guardaram sua insatisfação para si. Contudo, manifestaram muito mais do que insatisfação, alguns, inclusive, chegaram a cometer injúria racial. Imitações do som de macacos, xingamentos, vaias e ofensas foram ouvidas por diversos fãs que posteriormente fizeram denúncias por meio de depoimentos à Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância.

QUESTIONAMENTOS

a) Quantos casos semelhantes acontecem no Brasil diariamente, mas que, por não serem com pessoas famosas, não são se tornam conhecidos e deixam de ser denunciados?

b) Seu Jorge é um cantor famoso e de prestígio e, ainda assim, foi vítima da violência ocasionada pelo racismo. Será que o racismo escolhe a classe social das vítimas?

POSICIONAMENTOS NAS REDES SOCIAIS

Em seu Twitter, Seu Jorge publicou um posicionamento agradecendo a solidariedade da população e demonstrando respeito pelo estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). É importante reforçar aqui que em nenhum momento Seu Jorge desrespeitou o Clube, mas todos os seus posicionamentos demonstraram o repúdio ao racismo, não à instituição ou a seus integrantes.

Figura 1 – Posicionamento de Seu Jorge nas redes sociais



Fonte: Seu Jorge (2022).

Em sua entrevista para o *Fantástico*, quando questionado sobre seu posicionamento, afirma que não existe nenhuma forma de justificar os atos de injúria racial.

No vídeo, apesar de enaltecer o estado do Rio Grande do Sul prestando sua homenagem a figuras e tradições culturais, o cantor comenta: “Na verdade o que quero dizer aqui é que não reconheci a cidade que aprendi a amar e respeitar, não era a cidade que eu conhecia. O que eu presenciei foi muito ódio gratuito e muita grosseria racista”.

O cantor (2022) ainda acrescenta que: “Nunca, jamais nos curvaremos ao racismo e à intolerância, seja ela qual for. Não cederemos um milímetro sequer ao ódio e combateremos e cobraremos das

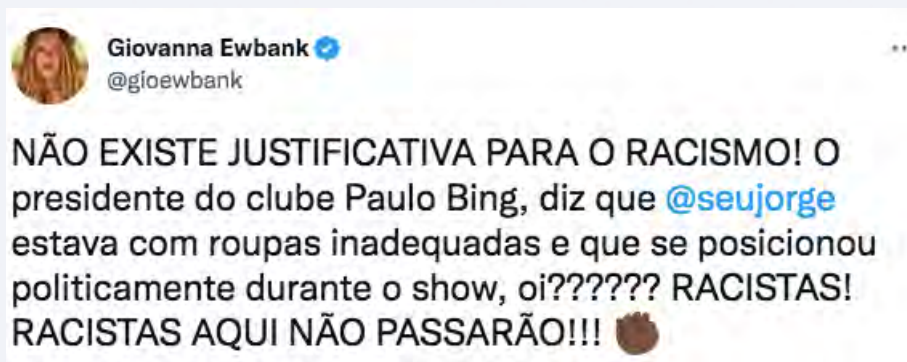
autoridades que a justiça prevaleça e os criminosos sejam devidamente punidos”.

SAIBA MAIS

Pronunciamento de Seu Jorge

a) Assista à reportagem completa do Fantástico sobre o episódio de racismo sofrido por Seu Jorge.

b) Entenda melhor o pronunciamento do cantor Seu Jorge assistindo ao vídeo “*Ao povo do Rio Grande do Sul*”, publicado em seu canal oficial no Youtube.



Fonte: Ewbank (2022).

É importante frisar que a fala de Giovanna, uma mulher branca, obteve repercussão especialmente por ela ser mãe de duas crianças negras, o que geralmente a coloca dentro dos debates raciais. No entanto, é importante refletir sobre a necessidade de validação de uma pessoa branca, para que muitas outras acreditem na história, como uma forma de legitimação dos fatos.

QUESTIONAMENTOS

a) Você acha que uma mulher negra teria a mesma visibilidade que a atriz ao se posicionar dessa maneira? Qual a importância de posicionamentos como esse?

MANIFESTAÇÃO ANTIRRACISTA

O caso ganhou visibilidade na mídia por se tratar de um cantor famoso e reconhecido nacional e internacionalmente. Como consequência, manifestações antirracistas pacíficas foram realizadas em frente ao Clube Grêmio Náutico União, que até então não havia se posicionado, como conta Humberto Trezzi na notícia (Figura 3)

Figura 3 – Ato público contra racismo mobiliza multidão em frente a clube em Porto Alegre

Ato público contra racismo mobiliza multidão em frente a clube em Porto Alegre

Manifestantes protestaram contra insultos e imitações de macaco que teriam sido feitas por alguns frequentadores do Grêmio Náutico União durante apresentação do cantor Seu Jorge

Fonte: Trezzi (2023)

Em sua fala, Antunes, integrante do movimento Vidas Negras Importam, reforça: “Estamos aqui, negros e não-negros, para fazer um alerta sobre a questão do racismo. Todos os dias, milhares e milhares de pessoas são discriminadas em função da sua cor. Esse tipo de preconceito tem de ser varrido” (Trezzi, 2023).

Ainda, Roberto Amorim, psicanalista, sócio e atleta do Clube, afirma: “Se o Seu Jorge é recebido com imitações de macaco, imaginem o que acontece com um cidadão comum. Alguém que tem sua pele como marcador. Queremos que isso jamais se repita” (Trezzi, 2023).

A partir dessa fala, reforça-se o questionamento: se o racismo escolhesse a classe social das vítimas, Seu Jorge teria sofrido a violência que sofreu nesse dia? E, como indaga o psicanalista sócio do Clube, “imaginem o que acontece com um cidadão comum?”, em casos que ocorrem diariamente, mas que não são denunciados e/ou nem sequer são reconhecidos como injúria racial.

MAS AFINAL, DE ONDE VEM O RACISMO?

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, depois da luta de muitos movimentos abolicionistas e da pressão de outros países. A Lei Áurea foi assinada em maio de 1888, pela Princesa Isabel, e extinguiu oficialmente a lei escravocrata no país. No entanto, será que a abolição seria o suficiente para reparar mais de 300 anos de atrocidades? Se fizermos as contas, de 1888 até hoje, temos apenas 134 anos de liberdade do povo negro, o que não representa nem metade de todo o período em que foram escravizados. Depois dessa “libertação”, também não foi assegurado nenhum tipo de auxílio para os recém-libertos. Muitos não tinham moradia, trabalho ou acesso à saúde e à educação, carregavam consigo apenas a discriminação e a repulsa dos brancos com quem conviviam em sociedade.

SAIBA MAIS

PARA ENTENDER MELHOR SOBRE O RACISMO E SUAS MANIFESTAÇÕES

a) Assista ao vídeo “O Brasil depois da abolição da escravidão - ft Rael da Rima” do Canal Nostalgia no Youtube.

b) Assista ao vídeo “Cinco fatos sobre o racismo no Brasil” do canal Minutos Psíquicos no YouTube.

Podemos, dessa forma, considerar o racismo uma construção histórica que deixa marcas na sociedade até os dias de hoje, portanto, não compõe atitudes isoladas de pessoas que ainda seguem esse pensamento, mas está impregnado na sociedade de tal maneira que é difícil não encontrar suas manifestações. Como vimos no vídeo, o racismo está enraizado de tal maneira que já se tornou normal para algumas pessoas. Estas, por esbanjarem privilégios que as privam da realidade racial no país ou pela falta de conhecimento acerca da história das desigualdades, reproduzem comportamentos racistas sem a plena consciência de seus atos.

De acordo com o Prof. Dr. Almeida (2017, p. 7):

O racismo, que se materializa como discriminação racial, caracteriza-se pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, desse modo, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que as condições de subalternidade de um grupo racial e, por outro lado, de privilégios de outro, encontram condições de reprodução nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas.

Com isso, compreendemos que faz parte de um sistema processual, o qual se expressa em vários campos da sociedade. Sabendo disso, vale

refletir sobre a seguinte questão: como podemos agir perante situações como essas?

O QUE É ANTIRRACISMO?

A filósofa, escritora e ativista Djamila Ribeiro, em sua obra *Pequeno Manual Antirracista* (2019), nos traz alguns passos para iniciar essa trajetória.

O primeiro deles é **informar-se sobre o racismo**, que é exatamente esse movimento de reconhecer principalmente as origens e os impactos do racismo na sociedade atual, reconhecendo-se dentro dessa luta também. Em seguida, devemos **enxergar a negritude** para além dos estereótipos atribuídos a ela. Reconhecer que as pessoas negras estão inseridas nas mais diversas áreas profissionais, culturais e institucionais e não aparecem na mídia (ou pelo menos não deveriam) somente em casos de racismo e discriminação. Por fim, **reconhecer os privilégios da branquitude** traz à tona questionamentos sobre nosso entorno social. Devemos nos questionar: vejo pessoas negras nos espaços que frequento? Mesmo em espaços privilegiados, desde clubes fechados até restaurantes mais refinados, os negros são tratados da mesma forma que os brancos? As pessoas negras que frequentam esses espaços usufruem deles como clientes ou como prestadores de serviços?

O antirracismo é, acima de tudo, o combate efetivo contra atitudes racistas, por todos os meios possíveis. Como sintetiza a frase sobre o pensamento da grande filósofa e ativista Angela Davis, “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista!”.

SAIBA MAIS

O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?

Entenda melhor como funciona o racismo estrutural assistindo ao vídeo “Entenda o que é Racismo Estrutural!” do Canal Preto no YouTube.

QUESTIONAMENTOS

- a) Como a classe social pode influenciar as experiências de pessoas negras com o racismo?
- b) Em que medida o reconhecimento do racismo contribui para sua superação?
- c) Quais outras ações ou estratégias são necessárias para um enfrentamento efetivo?
- d) Qual a importância de atitudes antirracistas para combater a violência?
- e) O que você faria se presenciasse alguma atitude racista no dia a dia?

SUGESTÃO DE MATERIAL DE APOIO

Músicas para trabalhar em sala:

- a) Cota não é esmola – Bia Ferreira
- b) Diga não – Bia Ferreira
- c) Dandara – Nina Oliveira
- d) “Seu Jorge recita *Negro Drama*, dos Racionais”

Livros para o Ensino Fundamental:

- a) Pequeno manual antirracista – Djamila Ribeiro (2019)
- b) Quando me descobri negra – Bianca Santana (2016)
- c) Griot: histórias que ouvimos na África – Júlio Emílio Braz (2012)
- d) Úrsula – Maria Firmina dos Reis (2018)
- e) Contos da Floresta – Yaguarê Yamã (2012)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo**. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>.

BRAZ, Júlio Emílio. **Griot: histórias que ouvimos na África**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

CANAL NOSTALGIA. **“O Brasil Depois da Abolição da Escravidão - Ft Rael da Rima”**. Youtube, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kaD2kBpWuV0>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CANAL PRETO. **Entenda o que é Racismo Estrutural!** YouTube, 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL-8ZAMq-E>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EWBANK, Giovanna. **Não Existe Justificativa Para [...]**. 23 out 2022. Disponível em: <https://x.com/gioewbank/status/1584370569415622656?s=20&t=jaxJbT0PLlh5al22ImSXCg>. Acesso em: 4 ago. 2025.

MINUTOS PSÍQUICOS. **Cinco fatos sobre o racismo no Brasil**. YouTube, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Q6diw5kCjQ>. Acesso em: 21 nov. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2018. 224 p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2019. 69 p.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016. 96 p.

SEU JORGE. **Ao povo do Rio Grande do Sul**. YouTube, 17 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FzI9-Rwg5nY>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SEU JORGE. **Quero agradecer imensamente a demonstração [...]**. 18 out. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/seujorge/status/1582312524615417856?cxt=HHwWgIDUlfK2wPUrAAAA>. Acesso em: 4 ago. 2025.

SEU Jorge fala ao Fantástico sobre episódio de racismo em Porto Alegre: “Uma violência que não cabe mais no Brasil”. **G1**, 23 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/23/seu-jorge-fala-ao-fantastico-sobre-episodio-de-racismo-em-porto-alegre-uma-violencia-que-nao-cabe-mais-no-brasil.gh.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

TREZZI, H. Ato público contra racismo mobiliza multidão em frente a clube em Porto Alegre. **Zero Hora**, 22 out. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2022/10/ato-publico-contra-racismo-mobiliza-multidao-em-frente-a-clube-em-porto-alegre-cl9kipesf00380170g8zinegc.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

YAMA, Yaguarê. **Contos da Floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2012. 64 p.

CAPÍTULO XI

VACINAS E DESINFORMAÇÃO NA REVOLTA DA VACINA E NA PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

Nicoly Luiza dos Santos Vitto
Vivian Maria Korb

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		História
Ano		9º ano
BNCC	Objeto do conhecimento	Primeira República e suas características. Constatação da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930.
	Habilidades	(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive. (EF69LP26) Discutir e elaborar regras para o convívio em sociedade, como o respeito à decisão individual de se vacinar, e a compreensão de que essas decisões têm consequências coletivas.
Tema		Permanências históricas do pensamento popular brasileiro sobre a vacinação: a relação do passado e presente
Acontecimento real		A revolta da vacina (1904) e a pandemia da covid-19 (2020).
Moral da história		Vacinação, uma escolha individual com consequências coletivas.

Durante seis dias, no ano de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu um levante popular em decorrência da determinação da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Caso o indivíduo não

realizasse o cumprimento da ordem, isso poderia resultar em aplicação de multas. Também **foi imposta pela Lei n. 1.261 de 31 de outubro de 1904, regulamentada em novembro do mesmo ano** (Dandara, 2022), a exigência de comprovantes de vacinação para a realização do casamento civil, para o registro de matrícula escolar e até mesmo para o aceite em empregos.

No jornal *Correio da Manhã*, do dia 6 de novembro de 1904, a insatisfação já estava presente (Figura 1). O líder da Liga Contra a Vacinação Obrigatória chamava a população para se levantar (Araki, 2013): “Diz que a lei votada é o enxovalho da sociedade: o governo, persistente nesta ideia, deve ser repellido pelo povo, sedento e faminto de justiça, pois que esse corrupto governo está fora da lei e acima desta está o direito” (Correio da Manhã, 1904).

Figura 1 – Jornal Correio da Manhã, 6 de novembro de 1904



Fonte: Correio da Manhã (1904).

No dia 10 novembro, organizações populares, em conjunto com a Liga Contra a Vacinação Obrigatória, iniciaram a revolta. Depois de seis dias de revolta, depredação pública, mortes, prisões e o decreto de estado de sítio, a revolta foi sufocada.

Sobre essa revolta, as historiadoras brasileiras Schwarcz e Starling (2015, p. 329) comentam:

A manifestação era resultado da má informação, mas também da mistura apressada de tantas levas populacionais — com histórias, costumes e aprendizados distintos. A incompreensão de parte a parte provocou uma verdadeira explosão, com direito a quebra de meios de transporte, depredação de edifícios e ataque a agentes higienistas. O governo reagiu com violência: decretou estado de sítio, suspendeu direitos constitucionais, prendeu os líderes do movimento e os deportou para o atual estado do Acre.

Um século depois, o cenário parece se repetir e a desinformação e reivindicação moral se tornaram evidentes mais uma vez, durante a pandemia de covid-19, iniciada em 2020. Os argumentos de liberdade de escolha individual, frente a um colapso sanitário, vieram de diversos grupos sociais e até mesmo de Jair Bolsonaro, presidente do país na época, que teve pronunciamentos como: “Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu” (Lopes, 2022).

Igualmente, o questionamento sobre a vacinação durante a Primeira República não advém somente da classe popular, mas também de figuras em altos postos governamentais. De acordo com o historiador e mestre em saúde pública, Carlos Fidelis Ponte, “[...] não foi apenas uma questão de ignorância da população, motivada pelos boatos. Figuras como Rui Barbosa, um intelectual, fizeram discursos inflamados contra a obrigatoriedade da vacina” (Dandara, 2022). A partir disso, percebe-se a amplitude do discurso antivacinação presente nos mais diversos grupos sociais da sociedade brasileira nos dois momentos, em 1904 e 2020.

ENTENDENDO A REVOLTA DA VACINA

Para podermos entender o que resultou em uma das maiores revoltas populares do país no século XX, temos que iniciar nosso estudo com os projetos de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro, depois da implementação da República.

O Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX estava inserido em um contexto de modernização e urbanização, com conceitos oriundos da Europa, que ainda no século XIX sofria com a influência dos avanços da Revolução Industrial. Inspirado pela ideia de avanço e progresso, o então presidente do Brasil, Rodrigues Alves (1902–1906), e o prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos (1902–1906), veem na então capital federal uma tela em branco, a qual deveria ser utilizada para ser retratada como o cartão postal do país.

Porém, as medidas tomadas para a revitalização da cidade foram, ao menos, questionáveis. A desobstrução de pontos da metrópole, a partir da derrubada de comércios e **cortiços**, provocou o deslocamento forçado de moradores pobres para as margens da cidade, hoje conhecidas como favelas. Assim, a urbanização se desenvolveu em um projeto de exclusão da população mais pobre, como aponta Santana e Soares (2009, p. 10): “[...] foram as gestões do Presidente Rodrigues Alves e do Prefeito Francisco Pereira Passos entre 1902 e 1906, que a modernização conservadora e excludente se afirma enquanto estratégia de expulsão dos desfavorecidos do núcleo metropolitano”.

GLOSSÁRIO

Cortiço

Os cortiços são moradias multifamiliares, subdivididas em cômodos alugados informalmente, situados em áreas urbanas dotadas

de infraestrutura completa, e que apresentam condições físicas precárias, uso coletivo das instalações sanitárias e sobreposição de funções sem qualquer privacidade

Fonte: Governo (2012).

O episódio da destruição de habitações e comércios, o qual ficou conhecido como “bota-abaixo”, gerou o deslocamento involuntário de trabalhadores para as regiões metropolitanas. Isso ocasionou, na população mais pobre, um sentimento de desconfiança e de revolta. A população da época via o governo como um órgão repressor, como demonstra o autor Sevcenko (1984): “[...] a população pobre assistia à fúria avassaladora desse processo de segregação entre atônita e irada”. Nessa efervescência de fúria e descontentamento, um novo problema surgiu, a varíola.

No início do século XX, um surto de varíola assolou a população carioca. Para conter a doença, a vacinação obrigatória foi imposta, o que se tornou o verdadeiro estopim da Revolta. Os jornais disseminavam informações contrárias à vacina e publicavam charges que associavam a obrigatoriedade da vacina à violação de direitos, como da liberdade de escolha

Isso ocorreu, pois, a lei n. 1.261 de outubro de 1904, que decretava não apenas a obrigatoriedade da vacina, mas autorizava os agentes sanitários a entrarem nas residências e aplicarem a vacina a todos presentes, além de limitar os direitos dos que não se vacinavam, impedindo-os de matricular os filhos em escolas e de obterem certidões de casamento ou autorização para viagens. Todo o descontentamento populacional veio à tona nesse momento, inflando a Revolta.

As manifestações começaram no dia 10 de novembro, quando grupos de estudantes passaram a protestar nas ruas do Rio de Janeiro. Ao serem presos e reprimidos, novos focos de revolta se criaram. Contando com crescente apoio popular a cada dia, além de movimentos de

trabalhadores operários, a Revolta passou a tomar grandes proporções. O ápice da violência ocorreu no dia 13 de novembro, quando passaram a queimar bondes, depredar e saquear instituições públicas, como delegacias. Isso gerou uma grande reação das forças de segurança do Estado, com troca de tiros e prisões. No dia 16 de novembro, último dia da Revolta, foi decretado o estado de sítio, com o exército intervindo na Revolta, mobilizados para reprimir completamente o levante.

Ao final foram 30 mortos e centenas de presos. A repressão estatal venceu os revoltosos, mas não sua reivindicação. Depois de dias de conflito, a vacinação obrigatória foi encerrada pelo presidente Rodrigues Alves. Ainda assim, a população pagou o maior preço pelos eventos desencadeados durante o levante. Nos quatro anos seguintes ao fim da Revolta, mais de seis mil pessoas perderam suas vidas em consequência de um surto de varíola. Esse triste desfecho levou a uma mudança significativa na postura da sociedade. Nos anos subsequentes, observou-se uma busca voluntária pela imunização, culminando na erradicação da varíola no Brasil em 1971.

UMA NOVA REVOLTA DA VACINA?

Durante a pandemia da covid-19, iniciada em 2020, vivemos uma situação que relembra aquela vivida há mais de cem anos, com o crescimento de um movimento antivacinação. A desconfiança na vacina foi alimentada pelas notícias falsas e posicionamentos de figuras contrárias à vacinação. Circularam inúmeras informações falsas, por meio das fake news compartilhadas principalmente pelas redes sociais. Algumas delas versaram sobre a vacina conter um chip capaz de rastrear as pessoas (Figura 2) ou que causaria Alzheimer em crianças (Figura 3).

Figura 2 – Informações falsas sobre a vacina



alço que vacinas contra covid-19 usam nanochip para rastrear pessoas através da tecnologia 5G

Fonte: Coelho (2020).

Figura 3 – Informações falsas sobre a vacina



o há evidências científicas que vacinas da covid-19 causam Alzheimer em crianças Foto: Reprodução/Redes Sociais

Fonte: Belic e Frioli (2020).

Visando combater a desinformação, diversos meios de notícias se engajaram em uma missão de combater as fake news, trazendo informações concretas para a população (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Notícias combatendo informações falsas



Fonte: Coelho (2020).

Figura 5 – Notícias combatendo informações falsas



Fonte: Belic e Frioli (2020).

Desinformação, negacionismo e moralismo são fenômenos não raros na contemporaneidade e geraram, no contexto pandêmico, uma situação sem precedentes. O Brasil, historicamente reconhecido nas últimas décadas como referência mundial em programas de vacinação, observou uma diminuição gradual em seus índices de cobertura vacinal. Dados do Ministério da Saúde indicam que, em 2021, menos de 59% da população foi imunizada contra doenças como gripe, febre amarela e poliomielite, em contraste com o ano de 2019, quando o percentual de vacinados superou os 70% (Fiocruz, 2022).

Apesar da vacinação contra outras doenças no Brasil ter diminuído, em esforços coletivos durante a pandemia, os números de mortes após as vacinas contra covid-19 atingiram números cada vez menores, considerando que a vacina não impede a contração da doença, mas sim a evolução para casos graves. Novamente afirmando os benefícios e a eficácia das vacinas, o Ministério da Saúde atribuiu a diminuição de casos e principalmente a diminuição de mortes à campanha de vacinação (Brasil, 2021), que, até outubro de 2024, alcançou mais de 80% da população brasileira, conforme demonstrado na tabela (Figura 6).

Figura 6 – Tabela com dados da covid-19

Total de Doses Aplicadas 521.991.246	1ª Dose	185.333.197	2ª Dose	167.801.469	3ª Dose	3.737.967
	Dose Única	7.472.338	Dose Reforço	104.813.055	Dose Adicional	4.882.348
	1ª Dose Reforço	2.528.519	2ª Dose Reforço	44.294.755	3ª Dose Reforço	1.043.963

Fonte: Brasil (2021).

VAMOS QUESTIONAR?

a) Imagine que você está em uma conversa sobre a vacinação e alguém fala que não é a favor das vacinas. Quais argumentos você utilizaria a favor da vacinação?

POSICIONAMENTO DE AUTORIDADES DA ÁREA

Durante a pandemia de covid-19, o debate sobre a vacinação tornou-se intensamente efervescente e polarizado, com vozes contrárias enfatizando o argumento da liberdade de escolha como um direito universal e constitucionalmente garantido. Um exemplo dessa

perspectiva pode ser encontrado nas declarações do deputado de Minas Gerais, Bruno Engler, que, ao discutir a vacinação infantil, afirmou: “A criança pertence à família, é uma discussão sobre liberdade; respeitem a liberdade da família” (Minas Gerais, 2024).

De maneira similar, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina” (Lopes, 2022). Contudo, diversas autoridades da área da saúde também se posicionaram fortemente a favor da vacinação, ressaltando sua importância para a proteção coletiva e a saúde pública.

Entendemos que toda a população deve ser vacinada o mais rapidamente possível com os imunizantes aprovados para cada faixa etária. Entretanto, compreendemos que se deve priorizar grupos de maior risco em qualquer estratégia de vacinação; Também, somos de acordo que as doses necessárias para completar o esquema vacinal (segunda dose) devem ser garantidas oportunamente para toda a população, para todas as vacinas em uso no país e a vacinação de reforço (terceira dose) deve ser priorizada na população idosa e nos imunossuprimidos em detrimento da vacinação de populações de menor risco (Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, 2021).

Todos, em todos os lugares, devem ter acesso às vacinas COVID-19. A OMS está determinada a manter o impulso para aumentar o acesso às vacinas de COVID-19 e continuará a apoiar os países na aceleração da entrega de vacinas, para salvar vidas e evitar que as pessoas fiquem gravemente doentes (World Health Organization, 2021).

As vacinas são a melhor forma de se evitar mortes e sequelas graves decorrentes das doenças imunopreveníveis. Manter a atualização do calendário vacinal de crianças e adolescentes é indispensável para que estes possam se desenvolver em plenitude e, como tal, a incorporação da vacinação contra COVID-19 ao calendário do PNI (Programa Nacional de Imunização) é ferramenta importante no controle da pandemia (Fiocruz, 2021).

A vacina é, certamente, o melhor instrumento de saúde pública já inventado. Na ausência dos imunizantes, teríamos tido muito mais mortes por um grande número de doenças e teríamos vivido muito mais pandemias. Infelizmente, a vacina voltou a ser questionada recentemente e precisamos defendê-la. A vacina é segura e funciona. A revolta deixa como importante ensinamento que a vacinação não é só uma questão médica, como também sociológica, cultural, antropológica e histórica. Para uma campanha de imunização ser bem-sucedida, é necessário o envolvimento de profissionais de diferentes áreas (Dandara, 2022).

A polarização em torno da vacinação contra a covid-19 reflete um profundo embate entre diferentes concepções de direitos individuais e responsabilidades coletivas. De um lado, a defesa da liberdade individual traz à tona uma visão que coloca a escolha pessoal no centro do debate. Essa perspectiva enxerga a vacinação como uma questão de autonomia familiar e individual, a qual prioriza a ideia de que o cidadão deve ter o direito de decidir o que considera melhor para si e sua família. Por outro lado, há uma posição firmemente ancorada na saúde pública e no bem coletivo que destaca a eficácia das vacinas como a principal estratégia para controlar a pandemia e prevenir casos graves, especialmente em grupos vulneráveis. Nesse contexto, o ato de vacinar-se não é apenas uma questão de proteção individual, mas uma responsabilidade comunitária.

A polarização a respeito da covid-19 revela e nos faz refletir sobre a necessidade de diálogos mais amplos e integrados entre saúde pública e a compreensão das liberdades individuais, levando em conta o equilíbrio entre os direitos e os deveres para com a sociedade.

VAMOS QUESTIONAR?

a) Qual paralelo pode ser feito entre a Revolta da Vacina da Varíola de 1904 e o movimento antivacinação durante a pandemia de covid-19?

b) De que maneira a desinformação e a disseminação de informações falsas podem distorcer a percepção pública sobre intervenções de saúde pública?

c) Quais são as semelhanças entre as narrativas de ameaça à liberdade individual em ambos os períodos?

d) Dada a importância de informar a população corretamente sobre a vacinação, o que você acredita que deveria conter em um informativo sobre os benefícios coletivos da vacinação?

SUGESTÃO DE MATERIAL DE APOIO

Vamos aprofundar?

a) Assista ao vídeo “A velha e a nova revolta da vacina” – Festival “Quando começa o século 21?” do canal Nexo Jornal no YouTube.

b) Assista ao vídeo “Revolta da Vacina” do canal Nerdologia no YouTube.

REFERÊNCIAS

ARAKI, K. L. **Qualquer semelhança não é mera coincidência** - parte 1. Quem é o Brasil, 2013. Disponível em: <http://quemeobrasil.blogspot.com/2013/06/qualquer-semelhanca-nao-e-mera.html>. Acesso em: 4 ago. 2025.

BELIC, G.; FRIOLI, G. Alzheimer Não há evidências científicas que vacinas da covid-19 causem Alzheimer em crianças. **Estadão**, 1 nov. 2024. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/alzheimer-vacina-covid-criancas-enganoso/?dicbo=v2-AKlx0t2>. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã (RJ) – 1901 a 1909**. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_01&pasta=ano%20190&pesq=Liga%20contra&pagfis=7143. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Brasil registra menor média móvel de mortes e de casos por Covid-19 desde janeiro. Ministério da Saúde. **Notícias**, ago. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/agosto/brasil-registra-menor-media-movel-de-mortes-e-de-casos-por-covid-19-desde-janeiro>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. **Vacinômetro COVID-19**. Ministério da Saúde. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19.html. Acesso em: 20 nov. 2024

COELHO, G. Não, vacina contra covid-19 não virá com nanochip para rastrear pessoas com 5G. **Estadão**, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contracovid-19-que-use-nanochip-para-rastrear-pessoas-com-5g/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DANDARA, L. Cinco dias de fúria: Revolta da Vacina envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação. **Portal Fiocruz**, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/cinco-dias-de-furia-revolta-da-vacina-envolveu-muito-mais-do-que-insatisfacao-com-vacinacao>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FIOCRUZ. Cobertura vacinal no Brasil está em índices alarmantes. **Portal Fiocruz**, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/cobertura-vacinal-no-brasil-esta-em-indices-alarmantes>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FIOCRUZ. **Nota técnica**: a importância da vacinação contra covid-19 em crianças. Rio de Janeiro, 28 dez. 2021. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u35/nt28.12.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório Geral do Programa de Atuação em Cortiços**. Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), 2012. Disponível em: <https://www.cdhu.sp.gov.br/documents/20143/37069/RelatorioGeralProgramaCorticos.pdf/cef12342-5419-23a0-bf8c-95360484fe86>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LOPES, A. J. Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. **Poder 360**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MINAS GERAIS. Polêmica marca debate sobre obrigatoriedade de vacinas. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Notícias**, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Polemica-marca-debate-sobre-obrigatoriedade-de-vacinas/>. Acesso em: 20 nov. 2024

NERDOLOGIA. **Revolta da Vacina**. YouTube, 14 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/SIsHN-OWCkw>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NEXO JORNAL. **A velha e a nova revolta da vacina** – Festival “Quando começa o século 21?” YouTube, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/jWYyveCiFG0>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTANA, F. T. M.; SOARES, M. R. Reformas Passos: cem anos de uma intervenção excludente. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, XII, **Anais** [...], 2009, pp. 1-12. Montevideo: EGAL. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/RZQZ3vhLgqTmYWX-QXZrqSgJ/?lang=pt>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE. **Posicionamento da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade sobre a Vacinação de Adolescentes.** Rio de Janeiro, 17 set. 2021. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/posicionamento-sbmfc-sobre-a-vacinacao-de-adolescentes/>. Acesso em: 20 nov. 2024

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Covid-19 vaccines. **Diseases**, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/covid-19-vaccines>. Acesso em: 20 nov. 2024

CAPÍTULO XII

SERIA O “PORTUGUÊS BRASILEIRO” NOSSA NOVA LÍNGUA OFICIAL?: UM ESTUDO DE CASO

Camille Zocolotte Granzotti

Mariana Regina Chaurais

Inglyde Jeane da Silva Vieira

Quadro 1 – Para o professor

“Case outline”		
Área		Língua Portuguesa
Ano		3.º ano do Ensino Médio
BNCC	Objeto do conhecimento	Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada; Fazer relação entre gêneros e mídias, sem ignorar a importância do efeito de sentido.
	Habilidades	(EM13LP17) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária <i>etc.</i>), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos; (EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital; (EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

Tema	Norma padrão da Língua Portuguesa
Acontecimento real	Difusão da variação brasileira da Língua Portuguesa
Moral da história	Oficializar o português brasileiro como nova língua por meio de uma decisão política.

O dia 22 de abril de 1500 é considerado a data oficial da chegada dos portugueses ao território brasileiro, bem como da Língua Portuguesa. Entretanto, o uso do português só começou a ser difundido por aqui quando Portugal implementou políticas colonizadoras na década de 1530.

Sabemos que em quase três séculos, a língua sofre variações não só por questões temporais, mas também devido a aspectos geográficos e sociais. É inegável que o português brasileiro não é o português que chegou aqui em 1500. Assim, muitos pesquisadores começam a questionar e levantar a ideia de que deve ser considerada uma nova língua e que isso tem relação com questões políticas de valorização do nacional.

POSICIONAMENTOS SOBRE A LÍNGUA EM VEÍCULOS DE MÍDIA E REDES SOCIAIS (T1)

O renomado linguista Bagno afirmou, em entrevista para o Jornal Opção (Carreiro; Dias, 2015), exatamente essa perspectiva de ver o português brasileiro como uma nova língua. Mesmo que aparentada e familiar ao português europeu, seu sistema linguístico se tornou totalmente diferente. Bagno, porém, sabe que não é tão simples e que exige mais do que isso.

“O cientista tem de assumir uma postura política e ideológica. Tem de declarar suas explicitamente crenças e seus valores. Não existe ciência neutra. Não existe nada que se faça em sociedade que não seja de forma política” (Carreiro; Dias, 2015).

Em redes sociais é possível encontrar opiniões que concordam ao menos em partes com essa questão, como o usuário Pedrer Naendys, que comentou sobre em seu perfil do X (Figura 1).

Figura 1 – Postagem em rede social



Fonte: Naendys (2019).

Bagno (2015) durante a entrevista reitera, em uma de suas respostas, de forma mais aprofundada, a questão levantada, assim como sua opinião sobre o tema apresentando alguns dados.

Essa ideia de que exista uma coisa chamada “lusofonia”, com vários países de língua portuguesa, é uma bobagem. É uma posição absolutamente neocolonial e que não tem nada a ver com a realidade. Não é nada mais do que um projeto profundamente português. Aqui no Brasil, quando se fala em lusofonia, as pessoas nem sabem o que é. Somos, no Brasil, 90%

dos falantes de português no mundo. Então, se alguém tem de mandar na língua somos nós, embora os portugueses achem isso terrível (risos). Eles não têm a menor importância numérica no mundo, comparando-os ao Brasil, mas ainda têm esse saudosismo imperial de querer mandar na língua [...].

Não é comentado, mas a maior parte dos brasileiros é descendente de indígenas e de africanos que foram escravizados e oprimidos por portugueses. Para essas pessoas ter sua língua oficial dissociada dos agressores de seus antepassados é uma questão extremamente importante e necessária.

COLONIALISMO REVERSO?

O português brasileiro e sua representação em 90% dos falantes da língua, repercute também na mídia. Um fenômeno bem interessante ocorreu no contexto da pandemia, quando crianças portuguesas começaram a falar fluentemente o português brasileiro em decorrência da influência de YouTubers brasileiros, o que lançou enorme preocupação nos pais, tendo em vista o comprometimento “do português oficial de Portugal” (Figura 2).

Figura 2 – Notícia “Crianças portuguesas estão ‘falando como brasileiros’, entenda por quê



Fonte: Exame (2021).

Vamos entender um pouco melhor o contexto da notícia:

“Dizem grama em vez de relva, autocarro é ônibus, rebuçado é bala, riscas são listras e leite está na geladeira em vez de no frigorífico. Os educadores notam-no sobretudo depois do confinamento – à conta de muita horas de exposição a conteúdos feitos por youtubers brasileiros. As opiniões de pais, professores e especialistas dividem-se entre a preocupação e os que relativizam, por considerarem tratar-se de uma fase, como aconteceu com as novelas”, diz o jornal português (Exame, 2021).

As redes sociais no Brasil repercutiram bastante o caso e alguns consideraram o fenômeno como um “colonialismo reverso”, uma vez que agora, dada a influência, o português brasileiro é quem estaria se sobrepondo. Mas, se pararmos para pensar bem e refletir criticamente sobre o assunto, podemos perceber que a preocupação dos pais, especialistas e educadores de Portugal se pauta mais em manter as origens da língua e não na comunicação em si, pois em relação a essa, assim como no Brasil, a interação ocorre, portanto, há comunicação. Parece fácil, então, compreender por que seria uma questão política o português brasileiro ser considerado outra língua, diferente do português europeu.

UMA LÍNGUA COM HISTÓRIA (T1)

Para compreendermos melhor esse fato, vamos entender um pouco sobre a história da Língua Portuguesa.

Quando falamos de língua, devemos pensar em um sistema vivo de comunicação, passível de modificações de acordo com o tempo e que permite mútua compreensão e entendimento entre pessoas de um mesmo local. Com relação à Língua Portuguesa, faz-se necessário a busca por sua origem até sua implementação no Brasil.

A origem da Língua Portuguesa se deu por meio do latim, língua falada pelo povo romano na Península Itálica. Sendo assim, nossa língua surgiu por meio da transformação ocorrida em decorrência de disputas e conflitos que acontecerem entre esse e outros povos. Esse fato transcorreu por volta de III a.C, quando os romanos conseguiram ocupar a Península Ibérica e impuseram seus hábitos ao povo que lá ficou, dentre essas regras estava falar a língua oficial deles, refletindo a cultura da sociedade. O português surgiu do romano vulgar, sendo este aquele que não tinha preocupações estilísticas tanto na escrita como na fala, podendo sofrer alterações em seu uso, ou seja, a forma de falar que era utilizada pelos navegadores. Com o passar dos anos, as outras línguas foram substituídas pelo latim em várias regiões, originando assim diversas línguas diferentes dentro da região de domínio do Império Romano, sendo o português oriundo delas.

Para o Brasil, a língua foi trazida no século XVI por meio do descobrimento dos portugueses durante a época das Grandes Navegações. Ao chegaram ao novo país, os portugueses se depararam com os povos indígenas e com uma vasta diversidade linguística, uma vez que esses povos apresentavam várias línguas diferentes para se comunicar de acordo com as diferentes comunidades. Assim como os romanos, ao colonizarem novos locais, os portugueses quiseram impor sua língua ao povo que ali estava, de forma que as línguas se misturaram, criando dialetos. Além disso, misturou-se também a cultura negra trazida por aqueles que foram traficados e escravizados no país, de forma que a diversidade linguística era muito grande. Além do Brasil, as Grandes Navegações também levaram o português às novas terras como a África, as ilhas próximas à Costa africana e a Oceania, onde também há indícios da Língua Portuguesa.

Devido a esse contato, favoreceu-se o que chamamos de multilinguismo, que é a coexistência de diversos idiomas em um único espaço. Sendo assim, o Brasil já era um país multilíngue anteriormente

à chegada dos portugueses. Eduardo Guimarães, professor de Semântica do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (Unicamp) afirma que:

As três possibilidades – monolinguismo, multilinguismo e plurilinguismo – se entrelaçam no Brasil, mas podemos afirmar que somos um país multilíngue que inclui espaços onde há plurilinguismo. Por sua vez, o país tem uma única língua oficial e nacional, que é a língua portuguesa (Cardoso, 2019).

Sendo assim, para chegar ao português que falamos atualmente, ocorreram diversas mudanças a nível morfológico, sintático, fonético e fonológico, por meio de acréscimos e supressões. Essas mudanças ocorrem até hoje em dia e continuarão se modificando enquanto o idioma estiver sendo falado, tendo em vista que na Língua Portuguesa existe diversas variações linguísticas que decorrem do contexto em que determinada comunidade está inserida.

SAIBA MAIS

O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como região geográfica, sexo, idade, classe social do falante e grau de formalidade do contexto da

IDENTIDADE NACIONAL POR MEIO DA LÍNGUA

A língua é um fator relevante para a criação de uma identidade. No entanto, existem diversas regiões que podem falar um mesmo idioma como o português. Dessa forma, a língua é um elemento que constitui diferentes culturas e identidades nacionais. É possível notar essa diferença entre o português falado no Brasil e o de Portugal, por exemplo, sendo possível perceber mudanças tanto na religião, como na música, na literatura e no idioma, que mesmo sendo o mesmo apresenta diferenças tanto na forma de falar como na escrita. Entretanto, é fato que a língua é um elemento importante na criação de uma consciência nacional, de forma a construir uma identidade atrelada ao idioma falado.

De acordo com Nardi (2002), a Língua Portuguesa mostra que um idioma pode ser a forma de união de uma comunidade, pois no caso do Brasil a adesão da língua aconteceu de forma consentida. Como afirma o mesmo autor, o brasileiro evolui a ideia de consciência da nacionalidade cultural, por meio da língua falada, pela História e pela Educação, as quais ampliam o sentimento de unidade de uma população. Considerando isso, no Brasil, o idioma funciona como fator para coesão da nação, uma vez que por meio da ampliação da Língua Portuguesa em território nacional se fez possível criar bases nacionais de direitos e deveres por meio de leis.

VAMOS DISCUTIR?

a) Em meio às questões levantadas, por que Portugal vê como positivo manter a ideia de uma mesma língua oficial em seu país e no Brasil?

b) O Brasil é o único país que passa por essa questão? Se não, quais seriam esses outros países e por que para eles é mais complicado ainda desvincular sua língua oficial do português europeu?

c) Qual é sua opinião sobre reconhecer o português brasileiro como uma língua diferente do português europeu?

d) Algumas pessoas, nas redes sociais, brincam sobre a questão de chamar o “português europeu” de “brasileiro europeu” como forma de reparação histórica. e) Por que isso pode ser compreendido como uma questão política assim como colocar o português brasileiro como uma língua diferente e apenas brasileira?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

a) MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Para a História do Português Brasileiro**, vol. II, Primeiros Estudos, 2 tomos. São Paulo: Humanitas / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2001.

b) OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.

c) ORLANDI, E. Língua brasileira. **Enciclopédia das Línguas no Brasil**. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_brasileira.html. Acesso em: 21 nov. 2022.

d) PAGOTTO, E. G. Variedades do português no mundo e no Brasil. **Cienc. Cult.**, v. 57, n. 2, pp. 31-34, 2005.

e) PEREIRA-SCHERRE, M. M.; NARO, A. J. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

f) SILVA, G. M. O.; TARALLO, F. (orgs.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 20. Campinas, 1991.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARDOSO, Mônica. Multilinguismo: das línguas de fronteira às de sinais. **Cenpec**, 2019. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/acer-vo/o-brasil-e-suas-muitas-linguas>. Acesso em: 21. nov. 2022.

CARREIRO, Marcos Nunes; DIAS, Elder. “O português brasileiro precisa ser reconhecido como uma nova língua. E isso é uma decisão política”. **Jornal Opção**, Entrevista com Marcos Bagno, 13 jun. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-portugues-brasileiro-precisa-ser-reconhecido-como-uma-nova-lingua-e-isso-e-uma-decisao-politica-37991/>. Acesso em: 10 set. 2024.

CRIANÇAS portuguesas estão ‘falando como brasileiros’, entenda por quê. **Exame**, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://exame.com/casual/criancas-portuguesas-estao-falando-como-brasileiros-entenda-por-que/>. Acesso em: 10 set. 2024.

HAUY, Amini Boainain. **História da língua português**: séculos XII, XIII e XIV. São Paulo: Ática, 1989.

NAENDYS, Pedrer. **Como pode o português** [...]. 30 mar. 2019. Disponível em: https://twitter.com/pedrernandes/status/1112007134449934336?t=s1H1xyVGTT7v6kvnMNQ0_Q&s=1. Acesso em: 19 nov. 2022.

NARDI, J.B. Cultura, Identidade e língua nacional no Brasil: uma utopia? **Cadernos de estudos da Funesa**, Alagoas, 2002.

RIGONATTO, Mariana. “O que é variação linguística?” **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CAPÍTULO XIII

“A BAILARINA DE AUSCHWITZ” CONSTRUINDO MEMÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO

Milena Aparecida da Silva

Vivian Maria Korb

Quadro 1 – Para o professor

<i>Case outline</i>		
Área	Língua Portuguesa e História	
Ano	3º ano do Ensino Médio	
BNCC	Objeto do conhecimento	Interesses que movem a esfera política em seus diferentes níveis e instâncias, formas de participação institucionalizadas e não institucionalizadas, incluindo manifestações culturais e artísticas e intervenções urbanas; contexto de promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, do Estatuto da Juventude e das políticas afirmativas como forma de valorizar a democracia e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade; leitura/escuta e produção de textos pertencentes a gêneros relacionados à proposição, debate, aprovação e implementação de propostas e projetos de lei, à defesa e reclamação de direitos e à elaboração de projetos culturais e de intervenção de diferentes naturezas; judeus e outras vítimas do holocausto.

BNCC	Habilidades	(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso <i>etc.</i>), ampliando as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzindo textos adequados a diferentes situações; (EM13LP03) analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam explicitar relações dialógicas, identificar posicionamentos ou perspectivas, compreender paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades. (EM13CHS101) identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (EM13CHS502) analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas <i>etc.</i>, desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Assunto real do caso	Lançamento do livro <i>A bailarina de Auschwitz</i> , de Edith Eva Eger.	
Tema	Literatura autobiográfica, <i>Shoah</i> (Holocausto) e movimentos neonazistas.	
“Moral da história”	A literatura pode ser uma ferramenta para construir memória histórica e repelir movimentos preconceituosos.	

Você provavelmente já se questionou de onde viemos, para onde vamos e o que estamos fazendo no mundo, não é mesmo? Quando crianças, perguntamos para nossos pais como foi nosso nascimento pois queremos entender melhor nossa origem. Quando crescemos, também buscamos conhecer mais sobre a história das outras pessoas, seja de algum familiar, de alguém que admiramos, de um artista ou de personagem histórico. Para isso, usamos livros, registros, documentos oficiais, cartas,

diários, fotos, objetos, entre diversas outras **fontes históricas** que nos permitem conhecer melhor a história das pessoas. Mas você sabia que a literatura também é muito rica e que podemos utilizá-la para entender nossa própria história e a de outras pessoas?

Um bom exemplo é o livro *The Choice: Embrace the Possible*, de Edith Eva Eger, lançado em 2019 no Brasil e traduzido para o português por Débora Chaves como *A bailarina de Auschwitz*. Esse livro autobiográfico nos permite conhecer a história de Edith, uma sobrevivente da **Shoah**, ou Holocausto. Em matéria ao jornal *The New York Times*, Lori Gottlieb (2017) traz a seguinte reflexão acerca da importância da obra: “Não consigo imaginar uma mensagem mais importante para os tempos modernos. O livro de Edith Eger é triunfal e deve ser lido por todas as pessoas que se importam com a própria liberdade interior e com o futuro da humanidade”.

GLOSSÁRIO

Fontes históricas

As fontes histórias são vestígios deixados pelo passado que nos ajudam a explorá-lo e conhecê-lo melhor, auxiliando na construção do conhecimento histórico. Tudo o que foi criado pela humanidade pode ser considerado uma fonte para a História: diários, pinturas, móveis, receitas, livros, fotografias, jornais, festas, costumes, vestimentas, mitos, peças de teatro... a lista é infinita, o que reflete a imensidão de possibilidades de pesquisas e conhecimentos para História (Silva; Silva, 2019).

Shoah

Shoah é um termo do dialeto iídiche, falado pelos judeus, que significa “calamidade”, “catástrofe” ou “um acontecimento com graves consequências”. Tal termo é preferido pelo povo judeu e mais apropriado

para se referir ao genocídio ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que a palavra “holocausto” faz alusão a um “sacrifício”, referindo-se à prática do sacrifício pelo fogo realizada pelos antigos hebreus, portanto, com sentido religioso.

A LITERATURA E OS FATOS HISTÓRICOS

O filósofo e linguista Tzvetan Todorov (2006) explica que a literatura vai além do entendimento dos acontecimentos presentes nos livros, envolvendo uma estrutura social que se manifesta por meio dele. *A bailarina de Auschwitz*, de Edith Eva Eger, é uma obra baseada em fatos, que trata sobre os dias vividos pela autora, que foi presa em um campo de concentração com sua irmã durante a Segunda Guerra Mundial, e sobre a forma como ela conseguiu superar a morte dos pais e seguir sua vida após esse evento traumático.

SAIBA MAIS

Fato x opinião

Você sabe a diferença entre fato e opinião? Um fato é algo que aconteceu na realidade e pode ser comprovado. Uma opinião é algo em que alguém acredita, mas que não é necessariamente verdade, podendo variar de pessoa para pessoa.

Vamos pensar no seguinte exemplo: é um fato que a laranja é uma fruta e é uma opinião que a laranja é a fruta mais gostosa.

Durante essa guerra, o nazifascismo, regime que defendia a superioridade da raça alemã acima das demais, utilizava um discurso nacionalista para difundir a violência extrema e a crueldade, tendo torturado e dizimado mais de dez milhões de pessoas, principalmente

judeus, mas também homossexuais, deficientes e ciganos, muitos enviados para os campos de concentração (Figura 1) (Minerbi, 2009).

Figura 1 – Campo de concentração



Fonte: Vidotti.

Edith Eva Eger, nascida na antiga Tchecoslováquia, se tornou doutora em psicologia e escritora. Edith é uma das sobreviventes de Auschwitz, o maior campo de concentração nazista, e compartilhou sua experiência e seu processo de perdão e cura no livro *A bailarina de Auschwitz*, publicado no Brasil em 2019. A biografia não fala apenas sobre ela, mas permite muitas reflexões sobre dificuldades, superações e dores vividas pelas vítimas da *Shoah* e da necessidade de se lembrar de eventos violentos como esses para que eles não se repitam.

Figura 2 – Edith Eva Eger, autora de *A bailarina de Auschwitz*



Fonte: Wentzel (2019).

Existem diversas obras escritas sobre esse período que abordam a Shoah. Algumas delas são **autobiográficas**, como *A bailarina de Auschwitz*, *O diário de Anne Frank* e *Paisagens da Memória*, de Ruth Klüger; outras são de ficção histórica, muitas vezes baseadas em histórias de famílias verdadeiras, como *Canções de ninar de Auschwitz*, de Mário Escobar.

SAIBA MAIS

Autobiografia

As biografias ou autobiografias são obras testemunhais, o autor conta os fatos que ele ou outro viveu e presenciou na realidade. Já as ficções históricas são inspiradas em um acontecimento real, mas os personagens são fictícios. O uso do discurso de memórias é recorrente em romances históricos de diferentes épocas (Weinhardt, 2012).

VAMOS QUESTIONAR?

a) Seria possível distinguir história e literatura, considerando que muitas vezes elas se interligam? Onde estaria inserido o livro de Edith?

O NAZISMO NA ALEMANHA

O regime nazista durou de 1933 a 1945 e foi instaurado por um golpe de Estado, representado sob a figura de Adolf Hitler. Algumas das principais características desse regime eram o nacionalismo, o militarismo e a promessa de um país que melhoraria economicamente, defendendo a “valorização” da raça alemã.

O autoritarismo foi uma marca nessa época e instaurou a censura por meio da queima de livros e o controle das manifestações artísticas e da imprensa. O objetivo era manter a imagem do regime e não noticiar a violência que realmente ocorria, impedindo a criticidade em relação aos fatos (Minerbi, 2009).

Enquanto isso, foi essencial a utilização da propaganda, de forma que, enquanto muitos judeus eram asfixiados em câmaras de gás, morriam em trens lotados enquanto eram transportados, seja de fome ou por doenças, o governo e a mídia os representavam como monstros que queriam o mal do país e afirmavam que os campos de concentração eram um local de trabalho, o qual serviria para seus desenvolvimentos, sendo que muitas propagandas nazistas sobre os campos chegavam a retratar esses locais como espaços luxuosos (Trespach, 2020). Esse preconceito contra os judeus é chamado de antissemitismo.

É importante salientar que no início do regime, o povo alemão apoiava o regime nazista e acreditava na ideologia pregada por Hitler – que sempre entoava um discurso de salvação nacional, de melhorias na economia, de superioridade racial e cultural germânica. Portanto, quanto à perseguição da polícia

com comunistas e judeus, a própria população por vezes contribuía ao delatar uma ou outra pessoa. Conforme os anos foram evoluindo, principalmente no início da Segunda Guerra Mundial, o terror gerado pela polícia foi generalizado (Mereles, 2022).

Percebe-se que, no início, deslumbradas pela ideologia do patriotismo, as pessoas não tinham ideia da proporção que as perseguições tomariam, mas com o início da Segunda Guerra, a violência foi cada vez mais disseminada.

O HOLOCAUSTO OU A SHOAH

A Shoah ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, na década de 1930, e foi a exterminação em massa de judeus devido ao antissemitismo, um ódio exacerbado e injustificável contra um povo, que resultou em um dos maiores genocídios da história. Pessoas eram carregadas em trens, por dias seguidos, sem alimentação ou condições de higiene. Muitas morriam de fome, de doenças ou por causa do frio extremo. Seus corpos eram descartados nas estradas (Minerbi, 2009).

Nos campos de concentração, centros de confinamento, os idosos eram asfixiados em câmaras de gás, e os jovens mais fortes eram destinados à escravidão. Esses lugares eram rodeados por cercas elétricas que impediam a saída de quaisquer pessoas, além de contar com guardas que ficavam de prontidão para atirar em quem tentasse escapar ou desobedecesse às regras (Minerbi, 2009).

Os prisioneiros eram forçados a realizar trabalhos degradantes em meio à neve. Em Auschwitz, um dos campos de concentração com o maior número de mortes, o médico Josef Mengele, conhecido como “anjo da morte”, fazia experiências medicinais cruéis, especialmente com crianças gêmeas (Trespach, 2020).

Ao caminhar, as pessoas tropeçavam em corpos e o odor no ar provocado pela putrefação era insuportável. Há alguns sobreviventes que foram cuidadosamente tratados em enfermarias improvisadas. Muitos não suportaram o tratamento e morreram dias depois da libertação dos campos. Aqueles que resistiram levaram meses para se recuperar, mas os traumas causados por tanta violência mudaram suas vidas para sempre (Mereles, 2022).

GLOSSÁRIO

Genocídio

Destruição parcial ou total de um grupo étnico, de uma raça ou de uma religião a partir de métodos cruéis.

Fonte: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2025).

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Você pode imaginar que os fatos aqui narrados estão distantes da nossa realidade, mas se surpreenderá ao perceber que eles têm influência direta no nosso modo de vida atual. Muitas pessoas sofreram e lutaram no passado para que pudéssemos ter nossos direitos garantidos atualmente, tornando-se de nossa responsabilidade mantê-los e respeitá-los.

Os Direitos Humanos, como são conhecidos nossos direitos fundamentais e essenciais, foram firmados por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro 1948 em razão dos horrores que marcaram a Segunda Guerra Mundial.

Composta de um total de 30 artigos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos contempla as ideias de cidadania, democracia e paz.

Ela pode ser considerada um instrumento orientador, um conjunto de princípios normativos não apenas para as ações do Estado, mas também para os indivíduos como cidadãos.

Na sequência apresentamos três artigos que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas, 1948):

Artigo 3

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 5

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 9

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

VAMOS QUESTIONAR?

a) Como os três artigos da Declaração Universal do Direitos Humanos apresentados se relacionam aos ocorridos da Segunda Guerra Mundial e da *Shoah*?

O NEONAZISMO NO BRASIL

O neonazismo é um movimento atual que busca retomar a vertente intolerante, autoritária e preconceituosa no nazismo. Os números no Brasil chamam a atenção, uma vez que esses grupos aumentaram 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021, porém, ainda que o neonazismo seja **crime**, faltam leis contra os discursos de ódio no Brasil (Grupos, 2022; Mereles, 2022).

Figura 4 – Mapa dos grupos neonazistas no Brasil



Fonte: Grupos (2022).

Um grande combustível para o desenvolvimento dessas redes de intolerância é a internet, que começa com discursos de ódio contra mulheres e inclui negros, nordestinos, moradores de rua e comunidade LGBTQIA+. Os estudiosos da área temem o crescimento desse número e a possibilidade de ações cada vez mais frequentes de intolerância (Mereles, 2022).

VAMOS QUESTIONAR?

a) Como a literatura pode auxiliar para a erradicação dos movimentos como o neonazismo?

A LITERATURA COMO COMBATE À INTOLERÂNCIA

Qual o papel da literatura em um cenário de intolerância? A literatura fala sobre a realidade e é uma forma de representar o que

vivemos de forma crítica, despertando reflexões essenciais. Em *A bailarina de Auschwitz*, Eger denuncia o que ocorreu durante a *Shoah* para que as gerações futuras não se esqueçam desse trauma histórico.

O ódio e as mentiras presentes naquela época aparecem de forma cada vez mais expressiva na atualidade, como é possível perceber pelo aumento do neonazismo no Brasil (Nascimento, 2022). Mas, para a autora, escrever também foi uma forma de entender o que ocorreu e buscar a superação, uma maneira de se expressar.

“Quando buscamos vingança, até mesmo uma vingança não violenta, estamos retrocedendo, não evoluindo” (Eger, 2019). A frase da autora está presente na obra e reflete acerca da vingança e sua inutilidade para a evolução e para o processo de superação de um evento traumático.

A literatura permite que o ser humano desenvolva empatia, colocando-se no lugar do outro, mas também que reflita sobre si mesmo, como afirma o filósofo Todorov (2006). Ademais, como explicado pelo crítico literário Márcio Seligmann-Silva (2020), é essencial compreender que um testemunho não é apenas a fala de uma pessoa, mas envolve a experiência de toda uma sociedade em seu contexto histórico: “[...] somente por meio da relação com o outro e a identificação com ele é que conseguimos compreender o mal que consiste em violar ou destruir a autonomia individual de alguém” (Kilanowski, 2016).

Levando isso em consideração, a literatura pode ser entendida como uma forma de denúncia e de reivindicação dos Direitos Humanos, uma vez que pode tratar de temas marginalizados pela sociedade.

VAMOS QUESTIONAR?

a) Qual é a importância do conhecimento dos fatos históricos para a atualidade?

b) De qual forma a literatura pode falar sobre o que um indivíduo vive na contemporaneidade, ainda que aborde temas históricos?

c) Por que é importante conhecer a história e se lembrar desses acontecimentos? Como a literatura pode auxiliar nisso?

d) Considerando a história de vida de cada indivíduo, de qual forma a literatura pode auxiliar na defesa dos direitos?

e) De qual forma a autobiografia de Edith Eva Eger denuncia a violência sofrida em seu contexto histórico por meio da literatura?

SUGESTÃO DE MATERIAL DE APOIO

VAMOS APROFUNDAR?

a) Leia o livro *A bailarina de Auschwitz* de Edith Eva Eger.

b) Assista ao vídeo “Auschwitz - Campo de concentração Nazista na Polônia | Nerdtour” do canal Jovem Nerd no YouTube.

c) Assista aos depoimentos de sobreviventes da Shoa disponíveis no site do Museu do Holocausto.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdfhttp://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 maio 2023.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

EGER, E. E. **A bailarina de Auschwitz**. Tradução: Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ESCOBAR, M. **Canções de ninar de Auschwitz**. Tradução: Rodrigo Peixoto. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

GOTTLIEB, L. What a survivor of Auschwitz learned from the trauma of others. **The New York Times**, 6 out. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/10/06/books/review/the-choice-edith-eva-eger-auschwitz-memoir.html>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GRUPOS neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. **G1**, 16 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.gh.html>. Acesso em: 20 nov. 2024.

JOVEM NERD. **Auschwitz - Campo de concentração Nazista na Polônia** | Nerdtour. YouTube, 29 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UsNGTitylX4>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KILANOWSKI, P. Poesia, ironia e resistência. Wisława Szymborska olha para o totalitarismo. **QORPUS**, v. 22, p. 7, 2016. Disponível em: <https://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-22/poesia-ironia-e-resistencia-wislawa-szyborska-olha-para-o-totalitarismo-piotr-kilanowski/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MERELES, C. Nazismo: você conhece a política disseminada por Hitler? **Politize**, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nazismo/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Genocídio**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/genoc%C3%ADdio/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

MINERBI, A. **A história ilustrada do nazismo**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lourasse do Brasil, 2009.

MUSEU DO HOLOCAUSTO. **Depoimentos de sobreviventes da Shoah**. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/memoria/o-holocaustobkp/depoimentos/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NASCIMENTO, P. Neonazismo avança nas escolas do Brasil: veja casos recentes que sinalizam isso. **O Tempo**, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/neonazismo-avanca-nas-escolas-do-brasil-veja-casos-recentes-que-sinalizam-isso-1.2774067>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SELLIGMANN-SILVA, M. **História, memória e literatura**. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

TEIXEIRA, N. Holocausto: a faceta máxima do antissemitismo. **Politize**, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/holocausto-como-foi/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

TRESPACH, R. **Personagens do terceiro Reich**: a história dos principais nomes do nazismo e da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Editora 106, 2020.

WEINHARDT, M. A memória ficcionalizada em heranças e leite derramado: rastros, apagamentos e negociações. **Matraka**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 245-264, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraka/article/view/22608/16153>. Acesso em: 20 nov. 2024.

WENTZEL, M. ‘Não existe perdão sem cólera’: as memórias da ‘bailarina de Auschwitz’. **BBC News**, 16 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48210709>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CAPÍTULO XIV

A REALIDADE INVISÍVEL DO TRÁFICO DE PESSOAS: UM ESTUDO DE CASO

Adama Sarai Santo Monteiro
Gabriely Teles Pereira
Johanna Ortiz Zuñiga
Rayka Hinschinck de Paula
Caroline Carmona Marques Gonçalves

Quadro 1 – Para o professor

Perfil do caso		
Área		Sociologia
Ano		3.º ano do Ensino Médio
BNCC	Objeto do conhecimento	Cidadania e Direitos Humanos Vulnerabilidade Social Aspectos da Vida Cotidiana
	Habilidades	(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica <i>etc.</i>), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas <i>etc.</i> , desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

Tema	Direitos Humanos e Tráfico de Pessoas
Acontecimento real	Caso de Tráfico de Pessoas no Camboja
Moral da história	Pela promessa de atalhos que pareçam facilitar a vida, muitas pessoas se tornam vítimas de tráfico humano

UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Você já pensou em trabalhar no continente asiático? Você já se imaginou trabalhando como modelo no exterior? Não caia nessa...

Essas e outras propostas buscam chamar a atenção de pessoas que procuram um futuro melhor, porém não se pode confiar em tudo que vem fácil e rápido. Essa desconfiança é, necessariamente, relevante no contexto de Direitos Humanos e do tráfico de pessoas, visto que criminosos, com frequência, aproveitam-se da vulnerabilidade de indivíduos que estão em busca de melhores condições de vida, oferecendo oportunidades transformadoras e vantajosas. No entanto, essas promessas enganosas muitas vezes levam as vítimas a situações de exploração e de violação de seus direitos fundamentais, por falta de informação, tornando as pessoas mais suscetíveis a golpes.

Indivíduos em situação de vulnerabilidade social tendem a cair nessas ciladas pois suas condições de vida os tornam alvos de redes criminosas. A precariedade em que vivem, marcada pela falta de recursos financeiros, de rede de apoio e de oportunidades, faz com que promessas de uma vida melhor, como um bom emprego ou acesso à educação, pareçam atrativos. No entanto, essas ofertas são usadas como iscas por criminosos, que buscam pessoas inseridas em contextos vulneráveis para manipulá-las mais facilmente.

Geralmente essa questão possui muitos envolvidos, uma vez que a mercantilização de pessoas como meros objetos gera muito dinheiro. Desse modo é preciso questionar: pessoas são objetos?

Mesmo depois da abolição da escravização em 13 de maio de 1888, ainda vemos resquícios de pessoas que desaparecem “sem deixar rastros” por causa de falsas promessas de uma vida melhor.

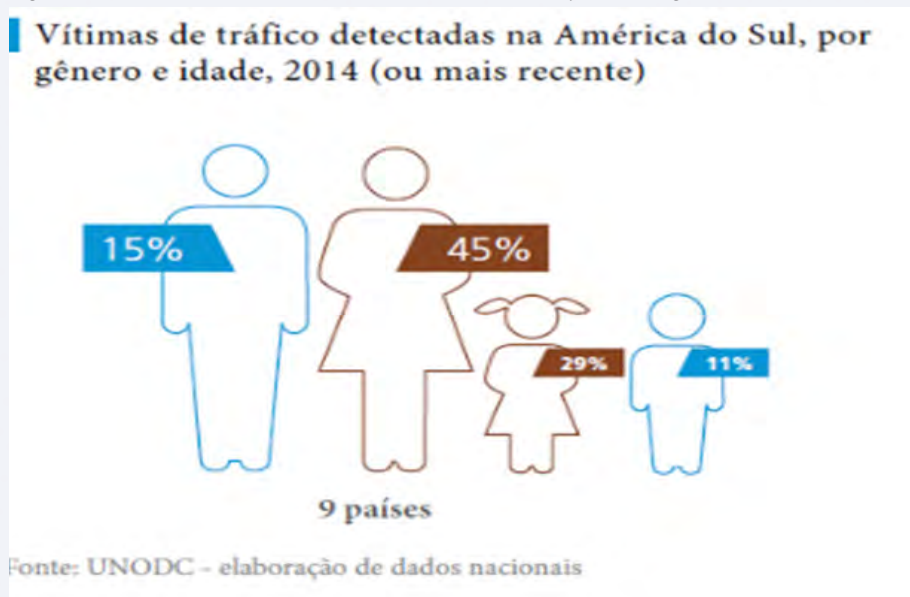
Figura 1 – Principais formas de recrutamento de vítimas de tráfico de pessoas



Fonte: Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (2020).

Segundo dados atuais do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), 25 mil vítimas de tráfico humano foram detectadas no mundo no ano 2016 – informação atualizada em 2022 –, e, ao analisar esses dados, podemos perceber a incidência entre diferentes perfis. O que faz com que essas pessoas sejam expostas a tal prática? Mas o que é o tráfico de pessoas?

Figura 2 – Gráfico ilustrativo das vítimas de tráfico de pessoas segundo a UNODC



Fonte: UNDOC (2017).

De acordo com o UNODC (2022), o tráfico de pessoas se refere ao recrutamento, transporte, abrigo ou recebimento de seres humanos, por meio de ameaça, força, coerção, rapto, fraude, enganação e abuso de poder com o intuito de privar a liberdade a pessoas. É um crime que considera as pessoas como um objeto que se pode comprar, vender e usar. Portanto, esse crime tem como propósito a exploração dos sujeitos, bem como sua desumanização.

Figura 3 – Captura do vídeo: Tráfico de pessoas – Mercado de gente

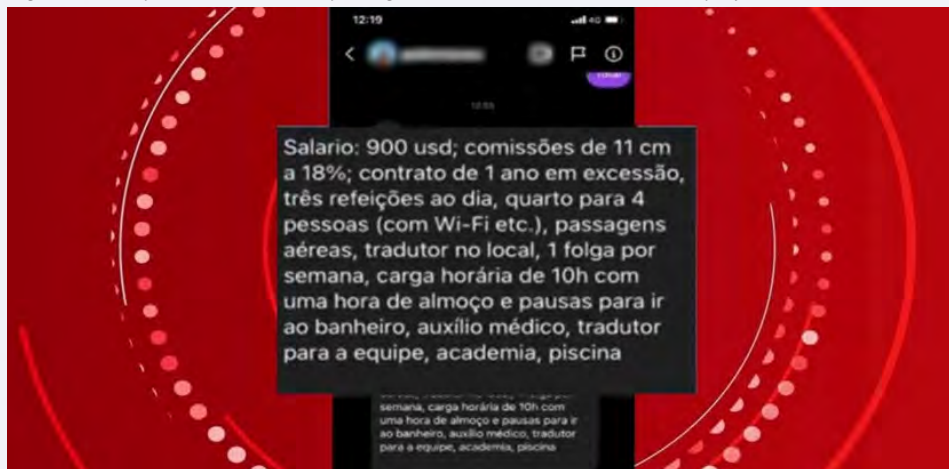


Fonte: Escravo, nem pensar! (2015).

Segundo Fávaro (2022), o governo do Estado do Paraná informou que está investigando suspeitas de um caso de tráfico de pessoas, promovido por uma quadrilha chinesa, com integrantes brasileiros, a qual busca aliciar pessoas no país prometendo US\$ 900,00, o que corresponde a cerca de R\$ 4.772,75 por mês, além de outros benefícios que promoveriam um futuro melhor. Segundo o Ministério das Relações Exteriores – MRE (Brasil, 2022), representações diplomáticas brasileiras no exterior estão sendo notificadas, desde julho de 2022, sobre casos de aliciamento de brasileiros para trabalho em condições análogas à escravidão no Camboja.

De acordo com as informações do governo federal, essas pessoas são obrigadas a assinar uma cláusula sigilosa e têm seus passaportes retidos assim que chegam ao país. Para isso, os golpistas selecionavam pessoas nas redes sociais e faziam falsas promessas por meio de mensagens atrativas.

Figura 4 – Captura de tela da reportagem de Bruno Fávoro na Globoplay



Fonte: Fávoro (2022).

Além disso, os golpistas criavam perfis no Instagram com a finalidade de “responder” a dúvidas das vítimas, demonstrando por meio de vídeos o suposto local onde eles ficariam hospedados.

VULNERABILIDADE SOCIAL

A comercialização humana é definida pelo aliciamento de sujeitos para fins de exploração, sejam elas com objetivos de: prostituição, adoção ilegal, mão de obra barata, remoção de órgãos, casamento forçado *etc.* Mas vale lembrar que esse crime não é recente na história do nosso país, uma vez que ele é resquício da colonização.

O tráfico foi responsável pelo arrebatamento de milhões de homens e mulheres de suas nações na África para serem escravizados na América, especialmente em terras brasileiras. Essa atividade comercial, via oceano Atlântico, foi um grande investimento econômico e cultural do capitalismo europeu, que marcou a formação do mundo moderno e a criação de um novo sistema econômico mundial (Leite, 2017, p. 64).

Observamos que Leite (2017) apresenta o tráfico humano, historicamente, como um instrumento que financiou o crescimento econômico de inúmeras nações europeias. Dessa maneira, percebemos como o mercado humano representa um constante desrespeito à dignidade humana ao longo da história.

Na Antiguidade, as vítimas eram aquelas em situação de vulnerabilidade social. Hoje, mais uma vez, o público-alvo continua sendo a população que está à margem da sociedade brasileira. De acordo com o último Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas do UNODC (2021), 51% dos casos de tráfico no mundo tinham como fator de risco a vulnerabilidade econômica, cenário que propicia as mais diversas modalidades de exploração.

Conforme notícia publicada pela Rádio Senado, o mercado do tráfico humano movimenta mais de US\$ 30 bilhões anualmente, conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse cenário, um meio muito utilizado pelas redes de tráfico humano são as mídias digitais.

CIBERESPAÇO: A PONTE PARA O CRIME

O surgimento da internet, a expansão dos meios digitais e o uso das redes sociais revolucionaram a indústria tecnológica, representando os principais meios de comunicação na modernidade.

As conexões no ciberespaço e o uso de redes sociais tornaram-se as principais formas de interação nas sociedades modernas. No entanto, essas oportunidades também implicam novos riscos. O que pode começar como uma interação inocente entre indivíduos, pode evoluir para um caso de tráfico de pessoas (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, 2018, p. 38).

GLOSSÁRIO

Ciberespaço:

Área de ação da cibernética, em especial das redes de comunicação computadorizadas;

Realidade virtual, isto é, ambiente artificial criado pelo computador, com o qual as pessoas podem interagir fisicamente espaço ou conjunto das comunidades de redes de comunicação entre computadores, notadamente a internet.

Fonte: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, verbete Ciberespaço (2025).

Assim, podemos ver que o espaço cibernético se transformou em um ambiente propulsor de crimes, como o tráfico de pessoas, pois a partir da troca de mensagens na *web*, criminosos conseguem ter acesso a diversas mídias digitais que permitem o compartilhamento de textos, imagens, vídeos e até mesmo dados pessoais, facilitando a seleção e a convocação das vítimas para o aliciamento.

SAIBA MAIS

QUAL É O PERFIL DAS VÍTIMAS DO TRÁFICO DE PESSOAS?

Para saber mais sobre o perfil das vítimas do tráfico de pessoas no Brasil e no mundo, leia a reportagem “Tráfico de pessoas: qual é o perfil das vítimas no Brasil e no mundo? Entenda” da página *UOL*, com conteúdo do Estadão (2023).

Figura 6 – Campanha da Polícia Federal em 2022 contra o Tráfico de Pessoas.



Fonte: Polícia Rodoviária Federal (2022).

QUESTIONAMENTOS

a) Por que pessoas em situação de vulnerabilidade social estão mais sujeitas a serem vítimas de crimes, como o tráfico de pessoas?

b) Quais sugestões você criaria para combater a fragilidades a cair em aliciamentos e outros crimes no ciberespaço?

REFLEXÃO: O CRIME SILENCIOSO

Não é de hoje que o tráfico ocorre no mundo, porém, pouco se fala desse assunto. Observamos que essa é uma temática velada, pois como esse mercado movimenta um grande fluxo de dinheiro, seus praticantes conseguem, na maioria das vezes, sair impunes. Sendo assim, as consequências para a sociedade são nefastas, pois negam a liberdade, um dos principais direitos do ser humano. Para uma melhor reflexão, assista ao vídeo referente ao caso de Tráfico de Pessoas, mencionado na introdução e que está acontecendo no Camboja.

Figura 7 – Captura de tela da reportagem sobre a investigação do Governo do Paraná



Fonte: Boa Noite Paraná (2022).

Desse modo, é evidente que esse contexto viola os Direitos Humanos, fundamentais para a liberdade e para a dignidade humana, deixando as vítimas vulneráveis para a exploração por aqueles que se sentem com o poder de se aproveitar delas.

QUESTIONAMENTOS

a) Por que o tráfico, uma prática tão recorrente, não é comentada nas escolas e na sociedade como um todo?

Como as mídias deveriam auxiliar nesses casos?

b) O que você pensa sobre trabalhar essa temática na escola e como ela deveria ser trabalhada?

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (DUDH)

Os Direitos Humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos. Eles regem o modo como as pessoas, individualmente, vivem em sociedade e entre si, bem como sua relação com o Estado e as obrigações que o Estado tem em relação a elas (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2015).

Portanto, é dever do Estado assegurar o bem-estar de todo ser humano, deixando-o a salvo de qualquer tipo de violência. Sendo assim, não seria diferente com relação ao tráfico humano, que é um dos crimes mais bárbaros e cruéis existente em nossa sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário destacarmos os perigos que esse crime traz à seguridade de cada indivíduo, pois ela envolve riscos que afetam a vida da pessoa e de seus familiares, já que quando uma pessoa é traficada, na maioria dos casos, nunca mais volta ver a sua família.

Assim destacamos a importância da conscientização da população e principalmente do público jovem em relação ao conhecimento acerca do tema e de sua prevenção. Especialmente no que diz respeito a propostas de uma vida melhor, advindas especialmente das redes sociais, por meio das conhecidas fake news (notícias falsas). Além disso, é importante frisarmos que esses direitos são universais e inalienáveis, ou seja, eles devem ser previstos e assegurados em todo o globo terrestre.

[...] a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade [...] esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional [...] (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2015).

Diante disso, a Educação pode contribuir para a promoção do conhecimento acerca dos direitos humanos, bem como sua garantia, construindo uma sociedade que promova o cuidado e o respeito do outrem.

FRENTE A ISSO, QUAL É A FUNÇÃO DA SOCIOLOGIA?

Segundo o Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2022), a Sociologia como disciplina se relaciona à área das Ciências Humanas, especialmente no que se refere à busca pela compreensão e pelo entendimento de como as ações humanas interferem no dia a dia dos indivíduos, visto que os sujeitos estão constantemente realizando interações sociais. A partir disso, identificamos a presença de normas sociais estabelecidas, que definem o que é certo e o que é errado, criadas com o intuito de promover uma convivência mais harmoniosa. Essa função foi sendo estruturada pela sociedade, por meio da figura do Estado, responsável por gerenciar e organizar os Direitos Humanos em seu país, conforme citação da UFSC (2022), em seu estudo no campo sociológico.

Importante ressaltarmos que cada comunidade social apresenta suas ideias e regras, devendo ser respeitada quando socializada com pessoas de diferentes opiniões, pois, como comentado anteriormente,

tudo possui influência a depender do contexto social no qual o sujeito está inserido e intrincado, interferindo naquilo que entende como sociedade.

Identificamos, assim, que não apresenta somente uma ideia do que é a sociedade, apresentando diversas constatações desde os tempos primórdios até os dias atuais. Essas constatações foram sendo exploradas, reconhecendo que o grande objetivo e desafio é aprender a viver em sociedade.

Agora, imagine que você atua na administração do Estado. A partir disso, com o objetivo de compreender as interferências das práticas humanas na cotidianidade dos sujeitos – lembrando que o ser humano é um indivíduo sociável –, quais políticas públicas você implementaria para conscientizar e combater a existência do tráfico de pessoas no mundo?

QUESTIONAMENTOS

Para responder às questões a seguir, acesse a Carta das Nações Unidas, emitida com o objetivo de estabelecer os Direitos e as Liberdades fundamentais para a humanidade.

a) Os Direitos Humanos, por serem direitos universais e inalienáveis, deveriam ser mais debatidos e incorporados no cotidiano escolar? Justifique.

b) Como o tráfico humano se caracteriza enquanto prática que fere os Direitos Humanos?

c) De que modo a Carta das Nações Unidas pode ser incluída no ambiente escolar?

SUGESTÃO DE PESQUISA DE APOIO

VAMOS NOS APROFUNDAR?

a) “Relatório Nacional sobre o Tráfico de Pessoas: Dados 2017 a 2020”

b) “Relatório global sobre tráfico de pessoas 2018”

c) “ONG Relata desinformação na cobertura da imprensa sobre o tráfico de pessoas”

d) “Novo canal de denúncias e campanha marcam o combate ao tráfico de pessoas”

e) “Dia Internacional contra o tráfico de pessoas é marcado por mobilizações em todo o País”

f) “Paraná é das rotas do tráfico de pessoas”

g) “Regiões mais pobres concentram rotas de tráfico de pessoas segundo pesquisa da ONU”

h) “Pobreza e Desemprego: principais fatores que influenciam o tráfico de pessoas no Brasil”

i) “Campanha da Declaração Universal dos Direitos Humanos: O que são Direitos Humanos? Definição (unidospelosdireitoshumanos.org.br)”

f) Webinar Trabalho escravo e gênero: perfil socioeconômico, estatísticas e invisibilidades sociais

g) Filme: Som da Liberdade (2023). 131 (min.). Dirigido por Alejandro Monteverde.

REFERÊNCIAS

BOA NOITE PARANÁ. **Governo do Paraná investiga suspeita de tráfico de pessoas para a Ásia.** Globo, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11038359/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BRASIL. **Camboja.** Aliciamento de brasileiros. Contratos de trabalho. Agosto 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-portal-consular/alertas%20e%20noticias/alertas/camboja-aliciamento-de-brasileiros-contratos-de-trabalho>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BRASIL. Justiça e Segurança Pública. **Dia internacional contra o tráfico de pessoas é marcado por mobilizações em todo o país.** Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/dia-internacional-contra-o-traffic-de-pessoas-e-marcado-por-mobilizacoes-em-todo-o-pais>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Ministério da Justiça e Segurança Pública acompanha casos de tráfico de pessoas ao Camboja na Ásia.** Denúncias chegaram pelo Núcleo Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Paraná e vem sendo acompanhadas pelas autoridades competentes. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-justica-e-seguranca-publica-acompanha-casos-de-traffic-de-pessoas-ao-camboja-na-asia>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Tráfico de pessoas:** conheça o variado perfil das vítimas. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/julho/traffic-de-pessoas-conheca-o-variado-perfil-das-vitimas>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Rádio Senado. **Tráfico de pessoas movimentou mais de 30 bilhões de dólares anualmente.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/07/27/traffic-de-pessoas-movimentou-mais-de-30-bilhoes-de-dolares-anualmente#:~:text=2020,-Tr%C3%A1fico%20de%20pessoas%20movimentou%20mais%20de%2030%20bilh%C3%B5es%20de%20d%C3%B3lares,a%20esse%20tipo%20de%20crime>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CIBERESPAÇO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/ciberespa%C3%A7o>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CIBERESPAÇO. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ciberespa%C3%A7o/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

ESCRAVO, NEM PENSAR!. **Tráfico de Pessoas - Mercado de Gente**. YouTube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LUIQWAhGD_I. Acesso em: 9 jul. 2024.

ESTADÃO. **Tráfico de pessoas**: qual é o perfil das vítimas no Brasil e no mundo? Entenda. UOL Notícias, 9 maio 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/05/09/trafico-de-pessoas-qual-e-o-perfil-das-vitimas-no-brasil-e-no-mundo-entenda.htm>. Acesso em: 9 jun. 2023.

FÁVARO, Bruno. Governo do Paraná investiga suspeita de tráfico de pessoas e diz que há pelo menos vinte brasileiros entre as vítimas. Segundo o governo, vítimas relataram ter ido para o Camboja sob promessa de trabalho com criptomoedas e pagamentos mensais de 900 dólares. **G1 Paraná**, Curitiba, 07 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/10/18/governo-do-parana-investiga-trafico-de-cinco-paranaenses-na-asia-pelo-menos-20-brasileiros-estao-no-mesmo-grupo-de-vitimas.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FÁVARO, Bruno. Vídeo: Homem vai para a Ásia trabalhar com criptomoedas e diz que foi vítima de tráfico humano. Pela internet, homem e outras pessoas procuram o Governo do Paraná para denunciar situações de abuso no Camboja. Ele conseguiu fugir. Ministério da Justiça disse que acompanha o caso. **G1, Paraná**, Curitiba, 19 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/10/19/video-homem-vai-para-a-asia-trabalhar-com-criptomoedas-e-diz-que-foi-vitima-de-trafico-humano.ghtml>. Acesso em: 10 de jul. 2024.

GLOBOPLAY. Boa Noite Paraná. Governo do Paraná investiga suspeita de tráfico de pessoas para a Ásia. Cerca de 20 brasileiros estariam no Camboja. **Boa Noite Paraná**, 18 out. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11038359/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

INSTITUTO TERRA, TRABALHO E CIDADANIA. **Boletim #5**: tráfico de pessoas: por que as mulheres migrantes atendidas pelo ITTC estão sujeitas a isso?. ITTC, 2020. Disponível em: <https://ittc.org.br/trafico-pessoas-mulheres-migrantes-ittc/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia. O que é Sociologia?**. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://lefis.ufsc.br/o-que-e-sociologia/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Sankofa**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 64-82, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196>. Acesso em: 13 jul. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Nefasta**. 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/nefasta>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ONU. **Carta das Nações Unidas**. 1945. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas>. Acesso em: 13 jul. 2024.

PERES, Sthefani Pinheiro dos Passos. Tráfico de pessoas: exploração cruel, crime silencioso. Segundo a ONU, é o terceiro crime mais lucrativo do mundo, ficando atrás do tráfico de armas e de drogas. **Plural Curitiba**, Curitiba, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/artigos/trafico-de-pessoas-exploracao-cruel-crime-silencioso/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL. **PRF-PE**: no Dia Mundial do Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Gov.br, 1 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/estaduais/pernambuco/2022/agosto/prf-pe-no-dia-mundial-do-enfrentamento-ao-traffic-de-pessoas>. Acesso em: 9 jul. 2024.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime. **Escritório de Ligação e Parceria no Brasil**. Pobreza e desemprego: principais fatores que influenciam o tráfico de pessoas no Brasil. UNDOC, 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/09/pobreza-e-desemprego-principais-fatores-que-influenciam-o-traffic-de-pessoas-no-brasil.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime. Escritório de Ligação e Parceria no Brasil. **Tráfico de Pessoas e Contrabando de Migrantes**. UNDOC, 2024. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/traffic-de-pessoas/index.html#:~:text=O%20tr%C3%A1fico%20de%20pessoas%20C3%A9,receber%20pagamentos%20ou%20benef%C3%ADcios%20para>. Acesso em: 9 jul. 2024.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime. **Quase um terço do total de vítimas de tráfico de pessoas no mundo são crianças, segundo informações do Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas 2016**. UNDOC, 2017. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2017/03/quase-um-terco-do-total-de-vitimas-de-traffic-de-pessoas-no-mundo-sao-criancas-segundo-informacoes-do-relatorio-global-sobre-traffic-de-pessoas.html>. Acesso em: 9 jul. 2024.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **O que são direitos humanos?** 2015. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/o-que-sao-direitos-humanos#:~:text=Os%20direitos%20humanos%20s%C3%A3o%20normas,tem%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20eles>. Acesso em: 10 jul. 2024.

VASCONCELOS, José Antonio. **Metodologia do Ensino de História**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SOBRE OS AUTORES

QUEM FEZ ESTE LIVRO ACONTECER

Temos muito felicidade de poder dizer que este livro foi construído por várias mãos, em um rico processo de criação coletiva. A obra reúne uma variedade de trajetórias acadêmicas que se entrelaçaram durante a atividade de escrita dos estudos de caso, desenvolvida durante a disciplina de Metodologias Ativas e a posterior construção deste livro.

Nesta seção, buscamos valorizar a autoria compartilhada e dar visibilidade a quem fez este livro acontecer. Sejam os graduandos, estudantes dos mais variados cursos que aceitaram o desafio de partilhar seus estudos de caso, sejam os mestrandos e doutorando do grupo Cides, que colaboraram para a construção da obra.

Mais do que apresentar currículos, queremos contar um pouco sobre quem são as pessoas por trás dessas páginas e como foi a experiência de colaborar na produção do nosso livro, que é, em sua essência, uma obra coletiva.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau



PhD em Ciências da Educação, com foco em Tecnologias Educacionais – Université de Montréal – Canadá, onde obteve a Bolsa de Excelência em 2005 e uma Bolsa para Estudos Doutorais do CNPq em 2006. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduada em Informática pela UFPR e licenciada em Pedagogia pela Unisul, especialista em Desenvolvimento de Sistemas pela PUCPR. Desde 2019, é Pesquisadora Produtividade Nível 2 do CNPq e, em 2024, recebeu o Prêmio David Baume da University of London, durante seu período como professora visitante, em seu Pós-Doutoramento. Atua como professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR e é conselheira pedagógica no Centro de Ensino e Aprendizagem da mesma instituição. Lidera o Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (CIDES). Coordena o projeto Portal OBSERVA, um observatório de inovações em práticas de ensino e aprendizagem, e desenvolve o projeto FormaPesq em parceria com universidades nacionais e internacionais, dedicado à formação de pesquisadores em educação no Brasil. Suas pesquisas abordam formação pedagógica, desenvolvimento curricular, integração de tecnologias digitais e métodos qualitativos de análise de dados.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8594637607405428>

Relato de participação: “Desde a aplicação da atividade em sala de aula até a organização do livro, pude acompanhar de perto o envolvimento dos estudantes quando lhes são oferecidos espaços de autoria. A escolha de aproximar os estudantes da graduação com os da pós-graduação revelou-se um sucesso, que possibilitou diálogo e troca de experiências no contexto acadêmico. Além disso, fazer parte desta publicação, construída a muitas mãos, reafirma meu ideal na educação como prática colaborativa e na importância de valorizar o protagonismo dos estudantes em processo de formação.”

Inglyde Jeane da Silva Vieira



Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e bolsista Capes. Na área profissional, atua como autora e editora de livros e materiais didáticos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7580456563012491>

Relato de participação: “Participar da organização deste livro e de toda a experiência empírica envolvida no processo foi profundamente enriquecedor para minha formação como pesquisadora em construção. No contexto, atuei como estagiária de doutoramento na graduação, colaborando

na disciplina de Metodologias Ativas. Acompanhando de perto a elaboração dos trabalhos finais – que resultaram em estudos de caso –, tive também a oportunidade de coautorá-los, reconhecendo neles um valioso potencial formativo. Sabemos que muitas experiências ricas e inovadoras permanecem restritas às “quatro paredes” da sala de aula ou esquecidas nas gavetas de docentes e discentes. Com minha vivência no mercado editorial, vislumbrei, junto às demais organizadoras, a possibilidade de dar visibilidade a esse material, extrapolando os limites do ambiente acadêmico e contribuindo para a formação de outros professores. Assim nasceu este livro: como uma ponte entre a prática pedagógica e a partilha de saberes que podem inspirar novas trajetórias docentes.”

Vivian Maria Korb



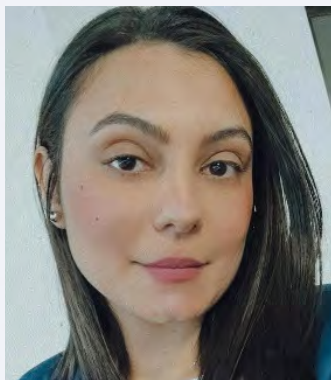
Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduada em Licenciatura em História pela mesma instituição e laureada com o título de aluna Marcelino Champagnat por melhor desempenho acadêmico da turma de 2019. Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e da Residência Pedagógica. Certificada *Student Trainer* no software de análise de dados qualitativos ATLAS.ti. Na área profissional atua como autora de materiais didáticos para Educação Básica e Ensino Superior e como professora de História na ONG Em Ação desde 2019.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2731407476958571>

Relato de participação: “Quando aceitei o convite para acompanhar a disciplina de Metodologias de Aprendizagem Ativa, em 2022, não imaginava que embarcaria em uma jornada que resultaria neste livro, do qual muito me orgulho. Foi uma experiência marcada por intensa aprendizagem: aprendi a escrever estudos de caso, a orientar os estudantes na criação de seus próprios casos e até mesmo a organizar um livro construído coletivamente. Ter participado da construção dos estudos de caso com os estudantes foi uma experiência muito rica, pela qual pude me aprofundar em temas tão diversos, interessantes e instigantes. Em meio a tantas aprendizagens, os desafios não foram poucos, mas certamente valeram a pena. Chegar ao fim dessa longa jornada e ver o que produzimos juntos é profundamente gratificante. Acima de tudo, é um lembrete de que a voz e o potencial dos estudantes da graduação devem sempre ser reconhecidos e valorizados, pois, quando nutridos, geram belos frutos, como este livro.”

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

Adama Sarai Santos Monteiro



Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participei da disciplina de Metodologia para Aprendizagem Ativa no sexto semestre em 2023. Sou professora do Ensino Fundamental I no Município de Pinhais.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4854910088061170>

Relato de participação: “Participar da escrita do estudo de caso foi um desafio que me trouxe muitos aprendizados e reflexões. Trabalhar em grupo o tema dos direitos humanos me mostrou como o diálogo e a escuta fazem toda a diferença. Pude perceber o quanto cada opinião soma na construção de algo maior. Foi uma experiência que me marcou muito e me ajudou a crescer pessoal e profissionalmente. Levo comigo a importância de valorizar cada voz em trabalhos colaborativos.”

Amanda Leifeld

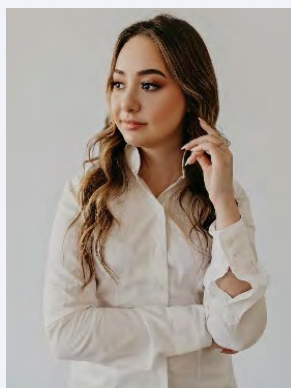


Formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). A oportunidade de participar da autoria deste livro surgiu durante a disciplina Metodologias para Aprendizagem Ativa, cursada no 2º semestre de 2022. Atualmente, atua como professora do Ensino Fundamental I em uma escola da rede privada de Curitiba.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2788832304433780>

Relato de participação: “Escrever o estudo de caso e colaborar em uma publicação foi uma experiência enriquecedora para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ao longo do processo, aprendeu a valorizar diferentes perspectivas sobre um mesmo tema e reconheceu a importância das metodologias ativas na construção de um ensino mais crítico e transformador. Participar desta obra representou um motivo de orgulho e uma grande motivação para continuar inovando na educação.”

Ana Beatriz Wolff Bueno



Graduada em Letras – Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e pós-graduanda em Tradução pela mesma instituição. Participou da disciplina Metodologias de Aprendizagem Ativa durante o sexto período da graduação, no ano de 2023. Atuou como integrante do grupo de pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (Cides) e tem experiência na área de tradução de textos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5732359431976406>

Relato de participação: “Participar da escrita do estudo de caso foi uma experiência interessante e desafiadora, que me permitiu conectar teoria e prática de forma concreta. Durante o processo, aprendi a importância da comunicação, da cooperação e da atenção com meu grupo e orientadores, para que a situação-problema proposta realmente provocasse a reflexão desejada. Contribuir com uma publicação coletiva me proporcionou uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de projetos desse tipo e me fez valorizar ainda mais o trabalho em equipe. Essa oportunidade também incentivou minhas experiências como docente, reforçando meu foco no objetivo principal: ensinar ao estudante.”

Anderson Gomes de Gois



Pesquisador e professor de música, nascido em Curitiba, PR. Formado em Licenciatura em Música pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atuou em programas e cursos de extensão universitária, entre eles, a Orquestra Experimental da PUCPR. Em 2023 foi laureado com o Prêmio Marcelino Champagnat. Seus interesses em pesquisas

atuais são nas áreas de educação musical e tecnologia.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3679076036435661>

Relato de participação: “Escrever este estudo de caso juntamente com os meus colegas foi uma experiência incrível. Desde o começo, tínhamos um tema em comum, a música e o seu poder de transformação social. Ao longo do processo de estudo e pesquisa, nos deparamos com a “Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura”. Através deste estudo, foi possível conhecer um pouco mais sobre o contexto dos jovens músicos e todo o processo de criação dos instrumentos musicais. Ao final, foi difícil não se emocionar com os relatos e as conquistas de cada morador da comunidade. Agradeço a oportunidade de compartilhar essa história inspiradora e participar desta publicação.”

Andressa Gomes de Gois

Pesquisadora e educadora musical, formada em Licenciatura em Música pela Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Integrou como violinista na Orquestra Experimental da PUCPR. Participou de grupos de pesquisas relacionados à educação musical na primeira infância, inclusão e tecnologias. Foi contemplada com o Prêmio Marcelino Champagnat, mérito acadêmico no ano de 2023.

Currículo lattes: [https://lattes.cnpq.](https://lattes.cnpq.br/8921025040991958)

[br/8921025040991958](https://lattes.cnpq.br/8921025040991958)

Relato de participação: “Ao participar deste projeto, pude perceber a relevância do estudo proposto, com o objetivo de envolver o leitor e gerar interesse pela obra do início ao fim. Dessa forma, o tema escolhido, relacionado à música, teve como foco a linda história da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura, no Paraguai, revelando relatos emocionantes e inspiradores de superação do maestro e dos jovens componentes da orquestra. Agradeço aos colegas pesquisadores, por fazer parte deste incrível projeto.”

Anna Gabrielly de Souza Leite



Formada em Letras – Português/Inglês pela PUCPR e pós-graduanda em Literatura e Teologia pelo Instituto Reformado de São Paulo. Participou da disciplina de Metodologias Ativas em 2022, quando cursava o 5º período da graduação. Durante o último ano do curso, teve a oportunidade de apresentar um trabalho no Congresso Educere, que também foi publicado nos anais do evento. Após concluir o TCC, foi convidada a publicar o artigo em um livro organizado por professores da Graduação

em Letras, lançado em 2025.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2049117323366782>

Relato de participação: “Escrever esse estudo de caso foi uma experiência muito proveitosa, pois nos permitiu abordar uma questão pertinente ao Ensino de Inglês como Língua Estrangeira. Além disso, o processo de escrita nos ensinou a estruturar, de maneira prática, os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da disciplina, especialmente no que se refere ao uso de metodologias ativas. A oportunidade de publicar esse texto, junto a outros colegas, também foi muito enriquecedora e demonstrou o quanto as pesquisas desenvolvidas durante a graduação são significativas e valiosas para a construção do conhecimento.”

Camille Zocolotte Granzotti

Graduanda em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), formada em 2019 pelo Colégio Tradição. Atuou ministrando aulas de reforço de Português no Colégio Tradição para os anos finais do Ensino Fundamental. Além disso, atuou como coordenadora do Clube do Livro da PUCPR. Tem como interesses os temas: revisão de textos, literatura, ensino de Língua Portuguesa.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4041673308248334>

Relato de participação: “Participar da produção deste estudo de caso foi uma vivência marcante e formativa. A escrita do texto exigiu diálogo, escuta e sensibilidade entre todos. Foi inspirador perceber o quanto nossas vivências acadêmicas podem contribuir com a formação de outras pessoas. Fazer parte de uma obra coletiva como esta mostra o valor da formação pautada na reflexão, na partilha e no compromisso entre pares.”

Caroline Carmona Marques Gonçalves

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Educação Especial com Ênfase em Inclusão e Graduada em Pedagogia. Membro do Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (CIDES).

Professora do Ensino Fundamental no Centro de Atividades Educacionais Tistu e Prefeitura Municipal de Curitiba. Participou do livro *Aprender e Ensinar com Estudo de Caso* como parte das atividades do grupo CIDES, visando auxiliar os alunos da graduação na escrita e aprimoramento de seus casos.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8083503224753718>

Relato de participação: “Participar da escrita do livro de estudo de caso foi um marco na minha carreira de pesquisadora e professora do ensino fundamental. Por ser na educação básica, minha área de atuação, a experiência foi enriquecedora. Aprofundei-me na escrita e gerenciamento colaborativos, além de compreender a importância e aplicabilidade prática dos estudos de caso. Essa vivência me permitiu uma reflexão profunda sobre minha prática, abrindo novas perspectivas de ensino e reforçando meu compromisso com a pesquisa em educação.”

Cecília de Moraes Duarte



Graduada em Pedagogia (bolsista ProUni 2024) e Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) (bolsista CAPES). Participou da disciplina “Aprendizagem Ativa” no 2º semestre de 2022. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em 2023. Atualmente engajada na linha de pesquisa de História e Políticas Educacionais.

Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/6776633728193891)

[br/6776633728193891](http://lattes.cnpq.br/6776633728193891)

Relato de participação: “Escrever este estudo de caso foi um exercício de mergulho profundo em realidades que não apenas observamos, mas que nos atravessam diariamente. Trabalhar com temáticas tão densas e significativas me fez perceber o quanto a prática pedagógica está viva nos encontros, nos conflitos e nas construções coletivas. Essa vivência reafirmou minha escolha pela educação e ressoa até hoje em minha trajetória acadêmica de pesquisa. Fazer parte de uma publicação coletiva é afirmar a potência da educação e da partilha do saber.”

Gabriela Mäder de França

Graduada em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e pós-graduanda em Tradução Profissional pela mesma instituição. Cursou a disciplina Metodologias para Aprendizagem Ativa durante o sexto período da graduação, em 2022.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9085779326069308>

Gabriely Teles Pereira



Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2024) e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Uninter (2025). Atualmente, é pós-graduanda em Direitos Humanos e Movimentos Sociais. Atua como professora na rede pública de ensino no Estado do Paraná. É autora do livro *Formação de Leitores: Anos Finais do Ensino Fundamental (Volume 07)*, da Coleção Caminhos do Saber, publicado pela PUCPRESS. Participou da disciplina Metodologia para Aprendizagem Ativa no sexto semestre da graduação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1638900635731307>

Relato de participação: “Escrever este estudo de caso foi uma experiência significativa porque me deu a oportunidade, enquanto Professora e estudante da área de Direitos Humanos, de pesquisar e didatizar um tema tão emergente quanto silenciado, o tráfico de pessoas. Em um mundo no qual milhões ainda são explorados por essa rede lucrativa e violenta, falar sobre isso na escola é urgente. Ao trazer raízes históricas e desigualdades estruturais que sustentam esse crime, buscamos construir uma proposta pedagógica crítica, acessível e necessária. Participar de uma publicação coletiva é importante para ampliar esse olhar e fortalecer o compromisso com a educação como ferramenta de transformação.”

Giovana Coval Hoogevoonink

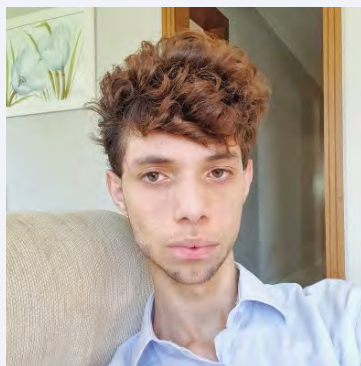


Formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), onde cursa atualmente o Mestrado em Educação. A escrita do capítulo foi realizada durante o 7º período da graduação. Atua como professora na rede municipal de Curitiba e tem interesse nas áreas de formação docente e políticas públicas educacionais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7063301189490872>

Relato de participação: “Participar da escrita do estudo de caso foi uma experiência gratificante e enriquecedora. Ao longo do processo, pude desenvolver habilidades de escrita e pesquisa, além de trocar aprendizados com os colegas. A colaboração de em uma publicação coletiva trouxe um sentimento de valorização acadêmica e profissional. Essa oportunidade significou reconhecimento e motivação para seguir contribuindo com a produção de conhecimento na área da Educação.”

João Pedro do Prado Nascimento



Graduado em Letras Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) (2025). Atua como assistente editorial de materiais didáticos para graduação e pós-graduação no IESDE. Foi membro do grupo de pesquisa CIDES (<https://www.cidespesquisa.com.br/>), e integrou o Observatório de Práticas de Pesquisas Inovadoras (Observa), participando de projeto de iniciação

científica com foco na retextualização de entrevistas divulgadas pelo Observa (2023). Também lecionou Língua Portuguesa para estrangeiros no projeto Lampedusa da PUCPR.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8296477695140846>

Relato de participação: “Este estudo de caso foi elaborado em 2022 durante a graduação. Sua elaboração constituiu mais uma experiência de aplicação prática dos conteúdos teóricos discutidos em aula, contribuindo para o aprimoramento de habilidades de pesquisa, análise e organização de informações. A participação em uma publicação coletiva representa uma oportunidade de amadurecimento pessoal, intelectual e social, visto que permite a partilha de conhecimentos teórico-práticos. Por fim, essa experiência é mais um avanço acadêmico e, futuramente, profissional para estudantes de licenciatura que têm o propósito de seguir a carreira docente.”

Johanna Ortiz Zuniga

Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2024). Mestranda em Educação pela mesma universidade. Participou da disciplina Metodologia para Aprendizagem Ativa durante o sexto semestre da graduação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7313920573855701>

Relato de participação: “Escrever o estudo de caso, foi uma oportunidade significativa, pois é uma prática pedagógica envolvente, ela conduz a um aprofundamento de uma respectiva temática. Aprendi, que elaborar um bom estudo exige sensibilidade, atenção aos detalhes e compromisso com a reflexão crítica. Percebi também a importância de utilizar a escrita como ferramenta de defesa dos Direitos Humanos, fortalecendo o compromisso com uma sociedade mais justa e solidária. Desta forma, esta publicação coletiva foi uma grande alegria e satisfação de poder contribuir de alguma forma com a educação, por meio desta vivência pedagógica.”

Julia da Rocha Zocatelli Capuano



Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Durante a graduação, aprofundou seus estudos em metodologias para aprendizagem ativa, disciplina cursada no 6º período do curso. Atua na Educação Infantil com foco em práticas pedagógicas que valorizam a escuta sensível, a

participação ativa das crianças e a construção coletiva do conhecimento.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8067328086631651>

Relato de participação: “Escrever o estudo de caso foi uma experiência significativa e transformadora. Ao longo do processo, aprofundi meu olhar sobre a prática pedagógica e compreendi com mais sensibilidade os diferentes caminhos para a aprendizagem significativa dos estudantes. Participar de uma publicação coletiva despertou em mim orgulho, motivação e o sentimento de pertencimento a um trabalho construído de forma colaborativa. Essa oportunidade representou reconhecimento, fortalecimento profissional e o desejo de continuar aprendendo e compartilhando experiências.”

Júlia Fernandez Lui

Graduanda em Letras – Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participou da disciplina no 3º período, durante o primeiro semestre de 2023. Seus interesses acadêmicos se concentram na área de tradução, tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e foco na pós-graduação que cura atualmente.

Relato de participação: “Escrever o estudo de caso foi uma experiência desafiadora, mas enriquecedora, que me permitiu aprofundar meus conhecimentos e refletir criticamente sobre os conteúdos abordados na disciplina. Ao longo do processo, percebi como a prática da escrita acadêmica pode ser construída de forma colaborativa e significativa. Participar de uma publicação coletiva despertou em mim um senso de pertencimento e valorização do meu percurso acadêmico. Essa oportunidade representou um marco importante na minha formação.”

Maria Fernanda Moretti Schneider

Jornalista, mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Participou do grupo de pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior e, a partir dessa atuação, orientou a produção do estudo de caso “O contágio da desinformação: fato ou fake? Como identificar e combater as notícias falsas diante de situações complexas como a Covid-19”. Atualmente, é coordenadora de produção de conteúdo digital e audiovisual no Hospital Pequeno Príncipe. Participou do livro Aprender e Ensinar com Estudo de Caso como parte das atividades do grupo CIDES, visando auxiliar os alunos da graduação na escrita e aprimoramento de seus casos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9769388360945285>

Relato de participação: “Acompanhar a construção do estudo de caso foi uma experiência enriquecedora e inspiradora. A dedicação do aluno em investigar criticamente o fenômeno da desinformação, especialmente no contexto da pandemia, revelou o potencial transformador da escrita acadêmica quando conectada a temas urgentes da sociedade.”

Mariana Regina Chaurais

Licenciada em Letras Português/Inglês pela PUCPR, cursando MBA Book Publishing na Faculdade Labpub e atualmente cursa bacharelado de Jornalismo pela PUCPR. Durante a graduação realizou atividades voltadas para atividades práticas de ensino, além de participar de PIBIC voltado para a área de educação. Atualmente está atuando na área de Comunicação e Editorial.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9026640616459109>

Relato de participação: “Escrever um capítulo de livro, ainda na graduação, foi algo que me marcou muito. Participei de um estudo de caso e pude vivenciar de perto como a teoria ganha vida quando escrevemos a partir da prática. Durante o processo, aprendi não só sobre o tema em si, mas também sobre escuta, revisão, troca de ideias e escrita em grupo. Ver meu nome relacionado a uma publicação coletiva, me deu uma sensação boa de pertencimento e de que também poderia estar nesse lugar da pesquisa e da autoria. Essa experiência me deu mais coragem e clareza sobre o caminho que queria seguir.”

Milena Aparecida da Silva



Pós-graduada em Direitos Humanos e Questões Étnico-sociais e licenciada em Letras Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Durante a graduação, esteve envolvida com o Programa Lampedusa de Português para imigrantes, refugiados e apátridas e participou do grupo de pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior. Atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná e pretende seguir pesquisa na área da literatura.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2024302371070489>

Relato de participação: “Ao escrever o estudo de caso, pude compartilhar o lançamento do meu livro favorito e iniciar formalmente os estudos da literatura em uma área que tenho muito interesse e considero de enorme importância: a literatura da Shoá. Ao longo do processo, entendi que precisava lapidar a estrutura textual e fundamentar o máximo possível a minha produção, o que foi de grande importância para o meu aprendizado sobre o conteúdo e a produção de materiais didáticos. Participar de uma publicação coletiva é sempre ter diversos apoios para uma grande construção e, para mim, essa oportunidade foi excepcional, já que, mesmo não participando da disciplina que deu base à publicação, fui convidada para fazer parte desse incrível projeto compartilhando o que eu amo investigar.”

Nicole Kasdorf Rogalsky



Estudante do curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) desde 2022. Participou, no segundo semestre de 2022, da disciplina “Laboratório de Práticas Docentes: Metodologias para Aprendizagem Ativa”, nesse contexto, desenvolveu o estudo de caso que integra esta publicação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2164935140156748>

Relato de participação: “O estudo de caso foi inicialmente elaborado como parte das atividades da disciplina, mas ganhou novo significado quando surgiu a oportunidade de publicação coletiva. Com o auxílio de Caroline, pude revisar e aprimorar o texto, fortalecendo a estrutura e aprofundando as reflexões. Durante o processo, compreendi melhor a importância de planejar com atenção cada etapa: a escolha do tema, a definição das habilidades da BNCC e o cuidado com a escrita. Participar de uma produção coletiva foi uma experiência muito significativa. Ver meu trabalho publicado ao lado de outras produções reforçou meu compromisso com a formação docente e valorizou meu percurso como estudante.”

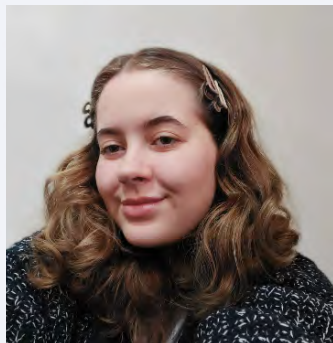
Nicolý Luiza dos Santos Vitto

Licenciada em História pela (PUCPR) e pós-graduanda em Gestão Escolar pela UNINTER. Participou da produção do estudo de caso no sexto período da graduação, quando cursava o terceiro ano da faculdade. Tem especial interesse pelas áreas de História da Educação e História da Saúde, com foco em temas que envolvem trajetórias formativas.

Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/8237189384955736)

[br/8237189384955736](http://lattes.cnpq.br/8237189384955736)

Relato de participação: “O capítulo que compõe este livro nasceu de uma atividade desenvolvida na disciplina de Metodologias para Aprendizagens Ativas. Ter a oportunidade de transformar uma proposta de sala de aula em uma produção científica concreta foi uma experiência marcante e reveladora. Ao aplicar, na prática, uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, compreendi de forma vivencial o quanto essas abordagens favorecem o pensamento crítico, o protagonismo estudantil e a construção coletiva do conhecimento. Mais do que cumprir uma etapa curricular, essa vivência despertou em mim um novo olhar sobre o papel do educador e reafirmou meu desejo de contribuir com uma educação mais ativa e significativa.”

Rayka Hinschinck de Paula

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da PUCPR, Bolsista CAPES; Autora do livro “Educação Socioemocional: Anos Finais do Ensino Fundamental” (volume 08), da coleção Caminhos do Saber, publicado pela PUCPRESS; Participou da disciplina “Metodologia para Aprendizagem Ativa” no sexto semestre da licenciatura.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7267920564867043>

Relato de participação: “Realizar essa disciplina e esse estudo de caso em conjunto com a colaboração entre as colegas de classe foi algo que proporcionou realizar reflexões críticas e discussões sobre a temática que envolve questões de direitos humanos, com o foco de elaborar uma prática pedagógica acessível, reflexiva e crítica aos professores e estudantes de um assunto marginalizado, complexo e necessário de ser abordado e explorado dentro da sala de aula.”

Roque Corrêa Júnior



Doutorando e Mestre em Educação (PPGE/PUCPR). Especialista em tecnologias educacionais. Licenciado em Música e Técnico em Informática. Membro do Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (CIDES) e participante de projetos de aprimoramento docente e métodos qualitativos; estudo e aprimoramento do software de Análise Qualitativa ATLAS.ti (Professional

Trainer); desenvolvimento de tecnologias para o ensino de música (Onloop Research PUC-PR); estudo e aprimoramento das ferramentas Microsoft (Microsoft Innovative Educator Expert). Atua como Analista de Pesquisa e Desenvolvimento de Projetos Educacionais no Marista Brasil. Atuou também como radialista e produtor (CRP 9241/PR) e Técnico em Informática (Help Desk e Manutenção de Computadores).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5961328760557884>

Relato de participação: “A elaboração do estudo de caso “Do lixo à harmonia”, foi uma volta às minhas origens na música, ou melhor dizendo, na educação musical. Foi muito gratificante mergulhar na história da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura e perceber o quanto a música pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social. O Anderson e a Andressa têm uma visão muito próxima da minha, de que a música pode estar em qualquer lugar e feito com os materiais mais incomuns possíveis, devo dizer que isso facilitou a troca de ideias. Sobre a escrita do estudo de caso em específico, especialmente em colaboração,

é um processo que instiga a reflexão e exige cuidado, principalmente quando estamos lidando com a escrita do outro. Um desafio que foi evidente para mim foi a busca por uma linguagem que fosse ao mesmo tempo informativa e envolvente. Como apresentar dados e informações de forma que o leitor se sinta conectado à história? Essa é a questão que permeia o texto. É muito diferente de um artigo, é mais jornalístico, as vezes, até “cronístico”. A inclusão de elementos visuais, como imagens, também é um ponto de reflexão. Não se trata apenas de ilustrar, mas de integrar esses elementos ao texto de forma que complementem a narrativa e enriqueçam a experiência do leitor, oferecendo uma perspectiva mais tangível do que está sendo descrito. Vejo que esse processo é uma ferramenta poderosa para integrar os estudantes do ES, mas é um movimento que pode ser feito até com o ensino médio (super cabe).”